

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

DONIZETE APARECIDO LOPES

IMPrensa LITERÁRIA: FLOREAL DE LIMA BARRETO

**TANGARÁ DA SERRA – MT
2022**

DONIZETE APARECIDO LOPES

IMPrensa LITERÁRIA: FLOREAL DE LIMA BARRETO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Estudos Literários (PPGEL), da Faculdade de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Estudos Literários (Mestrado).

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Walnice Aparecida Matos Vilalva.

TANGARÁ DA SERRA – MT

2022

Catálogo na fonte
Walter Clayton de Oliveira - CRB 1/2049

L864i LOPES, Donizete Aparecido.
Imprensa Literária Floreal de Lima Barreto / Donizete Aparecido
Lopes – Tangará da Serra, 2022.
109 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado
Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e
Linguagem, Câmpus de Tangará da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso,
2022.

Orientador: Walnice Aparecida Matos Vilalva

1. Literatura Brasileira. 2. Periódico. 3. Lima Barreto. 4. Floreal. I.
Donizete Aparecido Lopes. II. Imprensa Literária: Floreal de Lima Barreto.

CDU 821(81)

DONIZETE APARECIDO LOPES

IMPrensa Literária: Floreal de Lima Barreto

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação stricto sensu em Estudos Literários (PPGEL), da Faculdade de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Walnice Aparecida Matos Vilalva (UNEMAT)
Orientadora
Presidente

Prof. Dr Alvaro Santos Simões Júnior (UNESP)
Examinador externo à Instituição

Prof. Dr Giseli Dalla Nora (UFMT)
Examinador externo à Instituição

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Deus que conduz minha existência.

Gratidão a Lima Barreto, que fez da literatura seu projeto de vida. Pela coragem de romper com silêncios.

Sou grato aos meus pais, pelo apoio aos meus estudos, sempre que foi possível.

Gratidão à minha esposa Eliete Lopes e nosso filho Pedro Lopes, pela compreensão, incentivo e suporte sempre presente. Sem a presença de vocês, nada teria sentido. Amo vocês!

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Walnice Vilalva pelas orientações ao longo da pesquisa. Obrigado pela compreensão durante a caminhada.

À Prof.^a Olga Maria Castrillon-Mendes pelas contribuições em minha banca de qualificação.

Aos professores Dr.^o. Alvaro Santos Simões Júnior (UNESP) e Dr.^a. Giseli Dalla Nora (UFMT), pela presença e composição da banca de defesa, com contribuições e cuidadosa avaliação desta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, por todo conhecimento compartilhado.

Aos colegas de mestrado, pela solidariedade e companheirismo durante o percurso. Obrigado!

À UNEMAT e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, pela oportunidade de qualificação.

RESUMO

A presente dissertação apresenta abordagem e análise das quatro edições da revista Floreal, dirigida por Lima Barreto (1881-1922), publicada entre os meses de setembro a dezembro do ano de 1907. A partir dos anos iniciais da Primeira República no Brasil, destacamos as alterações no modo de fazer jornalismo, à medida que o noticiário adquiriu aspectos mercadológicos. Pelo estudo das presentes revistas, procura-se compreender o projeto literário de Afonso Henriques de Lima Barreto, escritor e editor de Floreal, e o início de sua trajetória literária, junto aos principais colaboradores do periódico. A pesquisa é resultado do estudo sobre as influências presentes na criação de Floreal, sua inserção no contexto da imprensa do período e sua relevância na contemporaneidade. Para tanto, consultamos Candido (1962), Capelato (1988), Luca&Martins (2008) e Sevcenko (1985) como principais teóricos.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Periódico; Lima Barreto; Floreal.

ABSTRACT

The present dissertation presents an approach and analysis of the four editions of the magazine Floreal, directed by Lima Barreto (1881-1922), published between the months of September and December of the year 1907. From the initial years of the First Republic in Brazil, we highlight the changes in the way of doing journalism, as the news acquired marketing aspects. Through the study of these magazines, we seek to understand the literary project of Afonso Henriques de Lima Barreto, writer and editor of Floreal, and the beginning of his literary trajectory, together with the main collaborators of the periodical. The research is the result of a study on the influences present in the creation of Floreal, its insertion in the context of the press of the period and its relevance in contemporary times. For that, we consulted Candido (1962), Capelato (1988), Luca&Martins (2008) and Sevcenko (1985) as the main theorists.

Keywords: Brazilian Literature; Periodical; Lima Barrett; Floral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO 1 – LIMA BARRETO.....	14
1.1 Imprensa republicana: literatura e modernidade	15
1.2 Periódicos e Revistas	22
1.3 Lima Barreto por si mesmo	31
1.4 Trajetória jornalística de Lima Barreto e publicações na imprensa.....	34
1.5 Lima Barreto: literatura militante.....	43
CAPITULO 2 - REVISTA FLOREAL.....	49
2 REVISTA FLOREAL.....	54
2.1 Floreal nº 1 – Rio, 25 de outubro, 1907.....	57
2.2 Floreal nº 2–Rio, 12 de novembro, 1907	66
2.3 Floreal nº3–Rio, 12 de novembro, 1907	73
2.4 Floreal nº 4–Rio, 31 de dezembro, 1907.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
BIBLIOGRAFIA E FONTES.....	100

INTRODUÇÃO

O texto literário adquiriu maior presença nos periódicos no início do século XX, e muitos escritores, em início de carreira, observaram um espaço propício na imprensa para publicação dos seus escritos. As revistas ilustradas tornaram-se uma possibilidade de inserção nesse espaço cultural, principalmente para aqueles que pretendiam seguir na vida literária. Os periódicos passaram a trazer páginas ocupadas com charges e fotografias, textos não verbais, que possibilitavam aos leitores novas formas de leitura.

A qualidade do papel e as imagens coloridas são fundamentais no processo de recepção dos periódicos. As imagens ganharam espaço nas páginas impressas, tanto em revistas, quanto em jornais, viabilizando a exposição de anúncios publicitários. O apelo visual funcionava como um convite à leitura, através do estímulo de cores e traços a fim de conquistar o público leitor.

A noção de periódico, dada a sua natureza por se tratar de um instrumento de divulgação diária de notícias, especializado em divulgar eventos e informações para o leitor, precisou se adequar, tanto no formato da produção de jornais e revistas, quanto na periodicidade com que as informações e o entretenimento pudessem chegar aos leitores. Com os processos de industrialização da imprensa e do papel ocorreu o aumento de demanda editorial, a necessidade de ampliação do público leitor e a expansão das atividades jornalísticas. Assim, os jornais do século XX se especializaram, adotando medidas para se tornarem mais modernos e populares: como a publicação em larga escala, com fotografias grandes e coloridas; a utilização de uma linguagem mais popular; e sessões específicas, com espaço destinado aos esportes e humor.

No século XIX, cada jornal e revista tinha um ritmo de periodicidade, por exemplo, o jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro* circulava semanalmente, a *Revista Guanabara* (1838-1855) iniciou com periodicidade mensal e posteriormente trimestral. Já no início do século XX, as revistas *Fon-Fon* (1907) e *Careta* (1908) eram publicadas semanalmente.

Com o ritmo acelerado de transformações nos meios de imprensa, as publicações ganharam maior mendicidade e passaram a ser diárias até os dias atuais. Existe um conjunto de mudanças que diz respeito ao aspecto visual do periódico: revistas e jornais. Esse projeto visual trouxe impactos aos meios de imprensa.

O primeiro impacto é a inserção das imagens nas revistas e jornais. Outra forma de transformação está relacionada ao modo como a imprensa posicionou-se: posicionamento ideológico e político, frente às questões de ordem social e política do Brasil.

A partir da consciência acerca dessas mudanças, jornalistas e literatos buscaram construir uma — imprensa de resistência, a que se encontra inserida a revista *Floreal*. A alteração visual no cenário da imprensa deixa margem para reivindicação, embate e combate, com ênfase numa disputa ideológica, momento a que por meio da imprensa é possível pensar

as questões do país, contrariando o modo tradicional de se fazer jornalismo, desde os tempos de D. João VI, construindo, assim, novas possibilidades, como a liberdade de expressão. Essa atitude revolucionária está presente na atuação jornalística e literária de Lima Barreto, cujo princípio é a liberdade e o direito à contestação.

Lima Barreto pretende exercer o seu papel social como homem de letras, visto que coube aos homens de letras a condução de boa parte desse processo de inovações. E os meios de imprensa contribuíram na difusão de informações e formação da opinião pública. A presença dos literatos nos setores da imprensa e periódicos foi fundamental nesse processo. A questão é que o texto literário, no contexto republicano, servia como discurso ideológico e concludente, alinhado ao pensamento de uma elite dominante, cujo teor artístico dialogava com políticas voltadas para ações políticas e educacionais pautadas em civismo nacionalista, regeneração do espaço urbano, respeito à hierarquia militar e religiosa, ou seja, ideais reformistas, que não dava conta dos problemas de uma população que sobrevivia à margem do sistema. Segundo Olavo Bilac, em crônica publicada em janeiro de 1904, na *Kosmos*¹:

O Brasil entrou – e já era tempo – em fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o conforto já encontraram quem lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banido por um decreto da Indiferença e da Ignomínia coligadas. O Rio de Janeiro, principalmente vai passar e já está passando por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem seus dias contados. (BILAC, “Crônica”, *R.K.*, jan.1904)².

O esforço de um grupo dominante para sustentar e defender os seus discursos tornou-se explícito através da literatura, como veículo de manutenção da ideologia republicana, que encontrava nos meios editoriais uma maneira para disseminação dos seus projetos. A imprensa da época funcionou como suporte informativo e literário, com grande atuação nesse momento, ainda que as informações e a produção artística atendessem a determinada classe social e econômica do país, passando distante dos grupos populares, quase sempre, alheia a essas transformações. A literatura esteve alinhada com o discurso de dominação, haja vista que os escritores pertenciam a esse grupo.

É nesse contexto de complexidades que deparamos com a produção literária de Lima Barreto, produtor de um discurso contestador, influenciado por postulados da literatura militante. Ele é um escritor em início de carreira, buscando espaço para publicar seus textos.

¹ Revista Artística, Científica e Literária (RJ) – 1904 a 1909.

² SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ed. Brasiliense, 1985.

A literatura esteve alinhada com o discurso de dominação porque escritores a exemplo de Olavo Bilac e Coelho Neto pertenciam a esse grupo e eram membros fundadores e ocupantes de cadeiras na Academia Brasileira de Letras, ligados à tradição, ao Parnasianismo. Lima Barreto busca produzir uma literatura que tem origem em seu grupo social, que não é a elite, por isso, sua escrita propõe outros temas, assuntos que não eram tratados por autores sem vivência e conhecimento da realidade social fora do contexto elitizado e com privilégios. Lima Barreto queria escrever a respeito de seu próprio mundo, sobre a realidade no subúrbio carioca, para isso, era preciso encontrar um lugar/instrumento de informação e divulgação cultural para publicar os seus textos.

A necessidade de publicar os textos de sua autoria tornou-se uma inquietação do jovem Lima Barreto no ano de 1907. Desse modo, ele juntou-se a outros editores e jornalistas que almejavam a carreira de escritor, unindo forças e poucas economias que dispunham para a criação de uma revista: *Floreal*.

O projeto inicial de pesquisa foi pensado a partir das relações entre a literatura dos autores Lima Barreto (RJ) e Lobivar Matos (MS), com objetivo de apresentar particularidades temáticas e sociais na ficção de ambos. Durante os primeiros meses, enquanto selecionava material para a pesquisa e cumpria os créditos das disciplinas oferecidas pelo PPGEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) da UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso), deparamos com o respectivo periódico criado por Lima Barreto, e que chamou a atenção, por se tratar de um projeto literário capitaneado por um escritor, observador crítico do cotidiano, com olhos de repórter e que dava origem à renovação temática próxima da que os modernistas promoveram mais adiante.

Naquele momento, o contato com a disciplina Literatura, Imprensa e Vida Social, ministrada pela Profa. Dra. Walnice A. Matos despertou a importância de se produzir a pesquisa nesse novo recorte crítico. A pesquisadora apresentou os periódicos com a paixão que lhe é peculiar, porém, com o passar dos dias, o contato e a leitura dos textos, presente nas duas primeiras edições de *Floreal* permitiram perceber que o periódico apresentava questões de ordem estética, temática, política, social e ideológica, percepções que têm como resultado esse trabalho de pesquisa. Além disso, as pautas discutidas em *Floreal* se mantêm atuais que necessitam de muita reflexão e amadurecimento social. Somos um país que ainda precisa pensar muito a respeito de racismo, violência praticada contra a mulher, entre outros assuntos que estão em evidência nas edições de um periódico que circulou em 1907.

Lima Barreto se empenhou para iniciar uma carreira literária que exigiu dele (um jovem negro e morador de subúrbio, inserido no contexto da Primeira República) o esforço de uma

vida inteira. Naquele período, em que as teses científicas justificavam preconceitos diversos, dentre os quais o preconceito racial, marcou a vida do escritor. A busca por um veículo de comunicação que pudesse publicar seus textos conduziu o escritor, juntamente com outros próximos a ele, e em busca de uma carreira literária somando esforços para a criação de uma revista.

Os textos de Lima Barreto têm sido revisitados e discutidos de modo mais amplo em nossos dias, principalmente quando o assunto é preconceito racial e temas afins. Reconhecemos que esses aspectos merecem destaque e que a discussão é legítima, mas não é parte da abordagem específica desta pesquisa.

Para construir uma abordagem crítica a respeito do periódico em estudo, recorreremos aos seguintes autores: CÂNDIDO (ano); CAPELATO (ano); LUCA & MARTINS (ano); LUSTOSA (ano); SEVCENKO (ano); entre outros autores. O corpus de análise é composto das quatro edições de *Floreal*; registros feitos pelo autor em *Correspondências (I e II)*; *Diário Íntimo*; e as obras: *A vida de Lima Barreto* de Francisco de Assis Barbosa; *Literatura como missão - Tensões sociais e criação cultural na Primeira República* de Nicolau Sevcenko e *Triste visionário*, de Lilia Moritz Schwarcz. Esse conjunto de obras compreende o projeto de vida e literatura de Lima Barreto.

Enfatizamos os processos de transformação e os impactos na vida política, social e cultural nos meios de Imprensa: o cotidiano do escritor, a imprensa como suporte para o texto literário.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa está organizada em torno da apresentação das edições de *Floreal*. No primeiro momento apresentamos a revista a partir de seu formato de publicação, em seguida apresentamos o modo como organizamos a pesquisa.

Formato do periódico: Floreal veio a público em tamanho 15x22 cm; variação quanto ao número de páginas de uma edição para outra; distribuição no valor avulso de \$ 500 réis; assunto a partir de temas diversos; capa impressa em preto e branco, com referência ao ano (I); o número de edição (1); a identificação da revista (Floreal) grafada com letras que sugerem tom oriental; a periodicidade (Publicação bimensal); assunto (crítica e literatura); o nome do diretor (Lima Barreto); endereço da Redação (Rua Sete de setembro, 89 – 1º andar); local e ano de publicação (Rio de Janeiro - 1907).

Estrutura do periódico: A partir desse ponto da pesquisa pretendemos identificar os colaboradores do periódico; apresentar as pautas defendidas por esses colaboradores e o modo como essas pautas foram apresentadas na revista; evidenciar o conteúdo proposto pelos colaboradores da revista; demonstrar as marcas de crítica social, os elementos satíricos pautados pela ironia no tratamento de temas abordados em cada edição; considerar a recepção da revista naquele período, tanto pelo público leitor, quanto pelos meios de imprensa; refletir acerca da relevância de *Floreal* nos meios de imprensa da época.

As fontes consultadas para realização da pesquisa constam na bibliografia e em suportes virtuais <http://memoria.bn.br/>; <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> e podem ser acessadas pelo leitor.

No primeiro capítulo abordaremos os processos de modernização evidenciados a partir das transformações da imprensa os projetos reformistas executados na Primeira República, o ambiente da beleza, porque é o papel da imprensa naquele momento; o surgimento das imagens nos periódicos e o impacto causado pelo projeto de apelo visual. O jornalista e escritor Lima Barreto será apresentado sem a imagem estereotipada que geralmente o define como autor de menor importância no cenário da literatura brasileira, ou um marginalizado.

No segundo capítulo, apresentaremos o conceito de literatura militante como pressuposto para a produção literária de Lima Barreto e construiremos análises críticas das quatro edições do periódico. Dessa forma, buscamos analisar o contexto jornalístico a que o periódico foi publicado como revista de crítica literária e imprensa literária.

O periódico dirigido por Lima Barreto teve entre suas principais pautas a defesa da liberdade de expressão dos colaboradores e a liberdade de seleção e organização do que seria publicado, uma vez que a revista era custeada pelos redatores. Era composta de manifestos políticos que exaltavam o anarquismo, ficção, crítica literária, poesia e literatura.

CAPITULO 1

LIMA BARRETO

1.1 Imprensa republicana: literatura e modernidade

A República do Brasil é o regime da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a —verba secreta!, os reservados deste ou daquele Ministério e os empreguinhos que os medíocres não sabem conquistar por si e com independência [...]. Ninguém quer discutir; ninguém quer agitar ideias, ninguém quer dar a emoção [...]. Todos querem —comer. —Comem os juristas, —comem os filósofos, —comem os médicos [...] —comem os romancistas, —comem os engenheiros, —comem os jornalistas: o Brasil é uma vasta —comilança.
Lima Barreto, —A política republicana

Ao refletir a respeito da formação da imprensa, suas transformações e principais protagonistas é possível analisar a construção da sociedade brasileira, a partir de uma perspectiva histórica, ideológica, social e política. Compreendemos que a imprensa no Brasil e seu desenvolvimento não podem ser dissociados das transformações políticas e sociais ocorridas ao longo da História. Essa compreensão tem como fundamento a leitura da produção crítica das autoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, historiadoras que abordam a existência dos jornais não apenas como fontes para reconstrução do passado histórico, mas também como agentes primordiais e ativos nos processos de construção da história do país.

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir a transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira (MARTINS; LUCA, 2008, p.8).

As questões de ordem política estão intimamente ligadas aos meios de comunicação, uma vez que podem ser percebidas em um conjunto de relações de interesse, extensões de instituições políticas, que buscam na imprensa um meio de legitimação de poder, dado seu potencial de formar e influenciar a opinião pública.

A modernização do Rio de Janeiro ocorreu tanto no aspecto sanitário, quanto no aspecto urbano e trouxe grande impacto para homens e mulheres que viviam na capital do país, sobretudo aos mais pobres. As ruas ganhavam asfalto, luzes e um novo projeto urbanístico que não deixava espaço para animais puxadores de carroças. Os automóveis, as luzes, os edifícios e a indústria, representada pelas fábricas, alteraram todos os espaços da vida cidadina carioca.

A cidade, administrada por Pereira Passos, passava por um processo de urbanização que refletia influência europeia parisiense. Em tese, o programa de urbanização tinha como objetivo modernizar o centro do Rio de Janeiro, que se tornaria referência para outros estados do país.

Os argumentos justificavam preocupações de ordem sanitária, como por exemplo: eliminar o fedor de dejetos lançados em vias públicas; tornar o país mais apresentável diante da Comunidade Internacional; e combater surtos de febre amarela que ameaçava toda a população.

De acordo com Needell (1993), Pereira Passos dispôs vários grupos (equipes) com a função de perseguir leiteiros, vendedores ambulantes, coibir o hábito dos transeuntes que cuspiam no chão, e ainda estabelecer o monitoramento de festas populares como o carnaval. Havia o rigor da lei representado pelo policiamento que mantinha a ordem.

O projeto arquitetônico tinha como objetivo transformar a Avenida Central em um *Boulevard*, com construções que faziam lembrar o ambiente europeu. Nota-se que essa imposição advém de um ideário civilizador sustentado por uma elite de profissionais que integravam o governo de Pereira Passos e do presidente da república Rodrigues Alves, durante os anos de 1902 a 1906. Era o projeto de apagamento do passado colonial e a construção de um presente republicano. Conforme Needell:

Tais indivíduos queriam pôr um fim ao Brasil antigo, ao Brasil —africanol que ameaçava suas pretensões à Civilização, apesar de se tratar de uma África bem familiar à elite. A maior parte desta havia sido provavelmente acalentada por negras e vivia rodeada por empregados negros, tendo testemunhado de perto a escravidão, abolida apenas em 1888. Uma parcela substancial da população da cidade, talvez mais da metade, compunha-se de descendentes de africanos, e suas tradições se mesclavam e floresciaam nas áreas mais pobres da Cidade Velha e nos morros. Na verdade, as favelas, conjuntos de barracos amontoados nos morros, haviam sido erguidas perto da nova área de docas ao norte, no final do século XIX, e foi para lá que se dirigiram muitos desabrigados das habitações decadentes da Cidade Velha, demolidas com as reformas de 1903-06 (NEEDEL, 1993, p. 71 -72)³.

Quanto à modernidade mencionada nesse capítulo, nos referimos aos processos de urbanização já citados anteriormente. A modernidade é representada pelo projeto arquitetônico de urbanização do centro da cidade do Rio de Janeiro. O espaço central precisava ser modernizado para então ganhar aspectos de cidade.

Observamos, porém, que a ideia de modernização da época não tinha o mesmo sentido de modernidade dos dias de hoje.

Logo, o nosso ponto de vista crítico para olhar a modernidade é o de um leitor e pesquisador do século XXI, voltando-se para o conceito de moderno difundido no início do século XX. Estamos empregando o conceito de modernidade ao que está posto *lá* no período

³ NEEDELL, Jeffrey. Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 71-72.

em estudo, que por questões circunstanciais de tempo e espaço já não corresponde mais ao sentido etimológico aplicado ao termo *moderno* estabelecido cá.

Vamos considerar o termo *moderno* também a partir daquilo que era conclamado pelas revistas e periódicos do início do século XX, como as revistas *Fon-Fon!* e *Kosmos*, com suas páginas ilustradas com forte apelo visual quanto às cores, e a alusão ao automóvel projetado para o homem moderno que precisava estar em movimento. As imagens coloridas apresentavam a modernidade em contraste com as produções do século XIX em preto e branco. A *Fon-Fon!*, por exemplo, trazia um homem em ruas com maior movimento de pessoas, valorizando a pavimentação arquetada para maior conforto dos transeuntes, estivessem estes a pé, montados numa bicicleta, ou de preferência sobre quatro rodas de um automóvel.

As revistas citadas enfatizavam a construção de *avenidas* como elemento de modernidade, que parece corriqueiro em nossos dias, mas que eram avançadas para a época. As ruas foram alargadas para receber carros que traziam em si o conceito de moderno. Não havia mais espaço para carroças e carros de bois naquele espaço em reforma. A construção de avenidas simbolizava o início de um tempo sem paralelepípedos. Boa parte das cidades erguidas antes do século XX são espaços sem asfalto, espaços ocupados por casarões, casebres, de arquitetura antiga.

Há casos, também, em que cidades inseridas nos projetos de modernização urbana, ainda que tardiamente, sobretudo em algumas capitais do país, optaram por conservar vilas, vilarejos e até mesmo ruas próximas ao espaço central com traços originais de sua fundação.

Isso significa que escolheram manter a memória histórica, preservando em seu conjunto arquitetônico ruas sem asfalto, somente com calçamento feito de pedras, paralelepípedos, cultivando a presença de passado e nostalgia.

O ambiente de produção literária e os meios de imprensa não ficaram de fora do programa de modernização, não apenas sentiram as alterações como aderiram às ideias reformistas. As reformas ocorridas na época foram registradas pela imprensa de modo escrito (crônicas e reportagens) e através de registros fotográficos em jornais e revistas. As Figuras 1, 2 e 3 apresentam os Registros da imprensa das reformas urbanas no Rio de Janeiro.

Figura 1 - Rua da Carioca em obras



Fonte: Augusto Malta, 31/01/1906 – AGCR⁴

Figura 2 - Avenida Central



Fonte: Augusto Malta. 1906 – AGCRJ⁴

Figura 3 - Morro Castelo



Fonte: Brasiliana Fotográfica⁵

Figura 4 - Revista Fon-Fon



Fonte: Memória Bn⁶

A revista *Fon-Fon!* era veículo de campanha de marketing, a fim de convencer o seu leitor sobre a necessidade e benefícios da modernidade que devia ocupar cada espaço. É o anúncio do jornalismo moderno, inserido no ambiente industrial que deveria seguir o ritmo das máquinas. Jornais e revistas alteraram formatos e investiram na frequência periódica. Há casos em que as edições foram impressas e distribuídas no Brasil, a partir de um padrão de qualidade que nada perdia para o tipo de publicação que se fazia na Europa, como foi o caso da revista *Kosmos*.

A comercialização do periódico ganhava dinamicidade, número maior de edições com distribuição frequente para um público assíduo. De acordo com Sevcenko:

⁴ http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e05_a9.pdf

⁵ <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4664>

⁶ <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis=4>

O desenvolvimento do —novo jornalismo representado, contudo, o fenômeno mais marcante na área da cultura, com profundas repercussões sobre o comportamento do grupo intelectual. Novas técnicas de impressão e edição permitem o barateamento extremo da imprensa. (SEVCENKO, 1985, p. 94).

Nesse momento, Lima Barreto atendia às demandas de um mercado editorial com potencial público consumidor. O escritor, homem de letras, estava diante da possibilidade de viver da escrita devido ao ambiente profissional que envolvia as atividades jornalísticas, uma vez que as mudanças em curso transformaram a maneira como as informações chegavam ao final do século XIX e início do XX. É nesse contexto que surgem as revistas de alcance popular, também responsáveis pela transformação nos meios de imprensa.

O acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade. Esse — novo jornalismo, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, tornam-se a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom tom sob a atmosfera da Regeneração. (SEVCENKO, 1985, p. 94).

As notícias ganhavam dinamismo diante das transformações em vigor na época. Os elementos estéticos como imagens, caricaturas, charges, fotografias, foram fundamentais no contexto de produção do texto, além de contribuírem para a formação do pensamento e compreensão das ideias veiculadas. As imagens inseridas nos jornais tinham grande relevância, uma vez que o Rio de Janeiro contava com um grande número de pessoas iletradas.

A circulação de imagens fotográficas estampava o conteúdo de revistas cada vez mais populares, capazes de encantar leitores que viviam nas cidades aonde as publicações eram acessíveis e leitores que viviam distante dos centros urbanos. Desse modo, pode-se notar que as transformações tecnológicas abriram as portas para o ensaio da comunicação de massa⁷.

As transformações da imprensa são o pano de fundo para a atividade jornalística e literária de escritores que observaram, refletiram e discutiram o Brasil a partir do Rio de Janeiro, em romances, contos e crônicas. O final do século XIX foi um momento de intensas mudanças na vida cotidiana, política, social e cultural. Essas transformações passam pelo universo da Imprensa na Primeira República, em contraste com o espaço da imprensa, da literatura e do homem de letras do período que antecedeu a República.

⁷ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. IMPRENSA A SERVIÇO DO PROGRESSO. In: História da Imprensa no Brasil. Martins, Ana Luza. LUCA, Tania Regina de. Parte II: Tempos Eufóricos da Imprensa Republicana. Editora Contexto.SP.Ed.2. p.83.

Durante o século XIX, a literatura apoiada em idealização, expôs pensamentos, projetos ideológicos e o contexto social de um Brasil em processo de emancipação, construção de identidade nacional e ascensão da classe burguesa, tanto rural, quanto urbana. Era o momento de invenção do país.

Coube aos escritores do romantismo construir o ideal de nação que estivesse próximo dos bons costumes em vigor na Europa, bem como a apresentação de uma nação de natureza soberana, em que o herói indígena é dotado de vitalidades oriundas do universo cortês, traduzidas em coragem e nobreza épica. Assim se constitui as representações do Brasil na literatura de Joaquim Manuel de Macedo; Gonçalves Dias, José de Alencar e de outros escritores românticos que comungavam do mesmo espírito nacionalista (guardadas as devidas exceções em relação aos poetas da Geração de 1860 e aos poetas da Geração de 1870, em especial o ícone da época: Castro Alves). A produção literária desse período tematizou o país de acordo com os ideais necessários naquele contexto, uma literatura de amores, vida burguesa, passado histórico, sobretudo referindo-se ao índio e sua idealização, além de atribuir vislumbre à vida pulsante dos salões urbanos frequentado pela burguesia e saraus que ditavam o ritmo cotidiano da Corte em construção no Rio de Janeiro.

O campo de representação romântica foi dissipado diante de propostas estéticas que se estabeleceram na segunda metade do século XIX, a saber: o Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo que antecederam e forjam a concepção de *Belle Époque*. Todo o universo de idealização ficou sem espaço para atitudes suicidas, musas sempre prontas a inspirar o poeta, o aniquilamento do herói, o novo lugar de representação feminina, que passa ocupar o mercado de trabalho na cidade.

—As ilusões foram-se com o tempo... Ninguém se bate mais por ideais. Há um exagero derrotista nessas afirmações. Os ideais não morreram, simplesmente mudaram. O automóvel, a elegância, o trato no jornal, a carreira diplomática resume em si quase todos os anseios das novas gerações. (SEVCENKO, 1985, p. 96).

Na segunda metade do século XIX ocorreram diversas transformações políticas, culturais e sociais, a partir das teses científicas propostas por Darwin, Taine, Comte, Marx entre outros homens de ciências, cujas ideias, influenciavam a sociedade da época e não escaparam a essas influências os homens de letras.

Se a primeira metade do século romantizou a vida social, silenciou vozes, idealizou a existência ao negar a realidade dos fatos, coube aos literatos da Geração de 1870, denunciar a hipocrisia presente nas relações sociais, cuja prática se distanciava do glamour europeu e

mascarava a convivência em núcleos familiares, deliberações de ordem política, relações de trabalho e obsolescência, principalmente a respeito de valores defendidos pelas Instituições de poder. A escravidão era uma realidade na sociedade da época e suscitava variados tipos de discussão no âmbito político e social, conduzida por uma ordem de interesses.

O Rio de Janeiro era cidade pacata, de hábitos interioranos, contornados pelo brilho da Corte e alguma opulência na elite. Em 1880, o Brasil era o único país do Ocidente que ainda admitia trabalho escravo, embora desde a década de 1850 já houvesse debates abolicionistas. As transformações políticas e sociais trouxeram impactos para o setor econômico. A pressão do capitalismo e da circulação de mercadorias para um público consumidor foram alguns dos fatores que paulatinamente “suprimiram” a escravidão oficial da vida brasileira. De acordo com Nicolau Sevcenko, o Romantismo foi fracionado em várias escolas, que diante de tantas e inevitáveis transformações, a ponto de que o literato passou a concorrer com as inovações do final do século XIX, como a Ciência, a imprensa e o cinema. Sevcenko afirma que:

As transformações nas técnicas de comunicação, acompanhando e aprofundando as mudanças do modo de vida em todo o mundo, nesse curto espaço de tempo, abalaram definitivamente a posição até então ocupada pela literatura. A foto e o cinema tornaram dispensáveis e enfadonhos os longos comentários dos cronistas tradicionais. [...] O novo ritmo da vida cotidiana eliminou ou reduziu drasticamente o tempo livre necessário para contemplação literária. A diminuição do tempo, a concorrência do jornal diário, do livro didático, da revista mundana e dos manuais científicos, de par com as novas formas tecnológicas de lazer, o cinematógrafo, o gramofone e a fotografia, estreitaram ao extremo o papel da literatura. (SEVCENKO, 1985, p. 97).

Uma vez compreendida as transições que ocorreram no campo da representação literária, chamamos a atenção para um escritor de forte presença nos meios de imprensa e inserido nesse contexto como Olavo Bilac, que faremos breve menção. Poeta, cronista e jornalista, Olavo Bilac teve forte atuação na literatura que nascia no seio da imprensa republicana. Olavo Bilac é contemporâneo de Euclides da Cunha e Lima Barreto, porém, o modo como o poeta parnasiano pensa o país, a literatura, o jornalismo e a relação existente entre o homem de letras e a imprensa é diferente daquela compreendida pelos autores mencionados.

Olavo Bilac atuou intensamente na imprensa, dos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Além de grande poeta do Parnasianismo, foi um exímio representante das letras que entendia as transformações ocorridas naquele contexto republicano como essenciais àquele dado momento. Ao contrário de seus pares, Lima Barreto e Euclides da Cunha, Bilac não via problemas com a publicidade, que passou a ocupar um espaço

considerável nas páginas de periódicos, antes entendia a prática como necessária à sobrevivência daquele que vivia da pena. Segundo Flora Süssekind, em *Cinematógrafo de Letras*:

Muitos dos homens de letras mais conhecidos no Brasil no início do século XX não hesitaram de aceitar o papel de homens-sanduíche também. Bilac, Emilio de Menezes, Hermes Fontes, Bastos Tigre são alguns dos que mergulham de cabeça na redação de quadrinhos e sonetos de propaganda. (SÜSSEKIND, 1987, p. 63).

Olavo Bilac⁸ atuou na imprensa de seu tempo como grande entusiasta da modernidade. Acreditava que escrever e ser remunerado por esse trabalho era um ato digno, de modo que ao analisar a trajetória do escritor pode-se perceber que o poeta se afeiçoou aos reclames, empregou técnicas de escrita literária em peças publicitárias, produziu grande quantidade de crônicas e tinha uma visão clara a respeito das relações entre o homem de letras e a modernização da imprensa. O literato declarou a seguinte afirmação em crônica ao *Correio Paulistano*:

Ninguém escreve unicamente por escrever. Quem assina estas linhas já uma vez disse, num soneto, que não fazia versos _ambicionando das néscias turbas os aplausos fúteis_, mas isso foi uma descaradíssima mentira rimada. Quem escreve, quer aplausos fúteis das turbas néscias, e quer ainda ver pago o seu trabalho, não só de louvores, mas também em dinheiro. Escrever por escrever é platonismo, que como todos os platonismos, é inepto e ridículo. (BILAC, 1897, apud DIMAS, 2006, p. 47).

1.2 Periódicos e Revistas

O início do século XX é um momento em que a Imprensa passava por notáveis transformações, dentre as quais a industrialização. A Imprensa é transformada em empresa com finalidades lucrativas, oferecendo notícia e entretenimento de acordo com o gosto e exigências do público leitor e atuando com vistas ao mercado editorial. Nesse período em que a circulação em massa de imagens fotográficas estava no início, revistas ilustradas figuravam como algo fascinante aos leitores, ao lado de cartões-postais, outra novidade da época.

⁸ Olavo Bilac (Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac), jornalista, poeta, inspetor de ensino, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras criou a cadeira n°. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias.

As revistas com imagens ficaram cada vez mais populares e alcançava leitores de variados níveis de instrução. Esse grupo de leitores era majoritariamente formado de pessoas que viviam nas cidades aonde as publicações eram acessíveis, e também de leitores que viviam distante dos centros urbanos. A qualidade das revistas, principalmente quanto ao tipo de papel, impressão, amplo espaço dedicado às imagens, inclusive coloridas, e a periodicidade semanal, quinzenal e até mesmo mensal, contribuíram para o sucesso das revistas nos meios de imprensa. A circulação das revistas ganhou dimensões amplas em relação à distribuição dos jornais diários. Enquanto estes contavam com uma distribuição local, as revistas chegavam a lugares distantes e até mesmo a outros países. As revistas encantavam os leitores que desenvolviam o hábito de colecionar recortes, utilizando-os na decoração do interior de suas casas.

No início do século XX as revistas não eram novidade, mas é a partir desse momento que ganharam maior espaço e relevância. No Rio de Janeiro, por exemplo, a revista *Semana Ilustrada* marca presença desde a década de 1860. Entre os anos de 1880 e 1911 é possível verificar a presença de pequenas revistas, publicações alternativas, que faziam frente aos jornais ocupados em se tornar empresas.

Desse modo, as revistas, ainda que com pequenas publicações, atuavam como núcleo de oposição no contexto da Primeira Republica, além de refletir o projeto moderno pensado por intelectuais e que tomava forma ao ritmo das reformas urbanas da época. Tiragens em grande escala eram distribuídas por meio da malha ferroviária e sustentadas por grupos de anunciantes dos grandes centros, que divulgavam e negociavam seus produtos em catálogos expostos nas revistas. A alta qualidade gráfica das revistas foi o reflexo do desenvolvimento de novas tecnologias de impressão, que possibilitava que os produtos fossem apresentados de modo atraente para grande número de leitores. Na época, publicações como a *Revista da Semana* (1900), *O Malho* (1902), *Fon-Fon!* (1907) e *Careta* (1908) atingiram números expressivos de tiragens semanais de mais de 50 mil exemplares. O periódico ilustrado atingia circulação nacional e rapidamente tornava-se um dos primeiros meios de comunicação a alcançar as classes populares em pontos distintos do país, como podemos evidenciar em carta aberta publicada na revista *Careta*, em 1919:

Os jornais diários, mesmo os de grande tiragem, circulam pelo interior numa proporção mínima, comparada à circulação das principais revistas publicadas na Capital, que mandam para todo o Brasil, mesmo aos sertões mais longínquos, 60% a 70% das suas consideráveis edições, sendo este talvez o meio mais prático de divulgação por todo o vasto território nacional não só dos acontecimentos da Capital como das noções instrutivas de todo o gênero, seja pela sua profusa e nítida reportagem fotográfica, de que as revistas têm

monopólio devido à qualidade de seu papel, seja pela produção em linha nacional de tudo quanto sucede no mundo, de arte, ciência, indústria, comércio etc., concorrendo desta forma para a propagação e conhecimentos úteis às classes obrigadas a viverem fora dos grandes centros⁹.

Essa mudança teve início nos Estados Unidos e na Europa Ocidental e acabou por se espalhar rapidamente por países latino-americanos. O crescimento de tiragens semanais no Brasil crescia de modo similar a publicações pioneiras em outros países, como a Argentina, a exemplo de *Caras y Caretas*, revista lançada em 1898 com tiragem inicial de 15 mil exemplares e que em 1910 já contava com uma demanda de mais de 100 mil exemplares semanais¹⁰. A despeito de anacronismos diversos, o século XX trouxe consigo um cortejo sedutor de inovações propícias à criação da grande imprensa e ampliação do projeto gráfico. A presença do telégrafo submarino e sem fio propiciou aproximação de jornais europeus e simultaneamente na publicação de informações. O setor vivia um momento de profissionalização, com a ampliação de títulos e jornais diários e a presença de poderosos conglomerados de imprensa: automóveis, bondes elétricos, cinematógrafo, estruturas de ferro, emprego de vidro que dava concretude à modernidade com impactos na paisagem, luz elétrica, máquinas de escrever, zepelins. O maquinário gráfico contribui para dinamicidade de uma imprensa que parecia imbuída da missão de expor ao Brasil as verdades do Civiliza-se!

Figura 5 - Revista Caras Y Caretas



Fonte: Brasiliana Fotográfica

Figura 6 - Revista Caras Y Caretas



Fonte: Biblioteca Nacional de España

⁹ Cf. *Careta*, 29 nov.1919.

¹⁰ A tiragem de cada número da revista argentina era registrada em suas capas semanalmente. Em 1910, por exemplo, todas as tiragens passaram de 100 mil exemplares semanais, com picos que chegaram a 109700 cópias. Uma análise mais detalhada da abrangência dessas revistas no Brasil está publicada em —The Readership of Caricatures in the Brazilian Belle Époque (1908-1922) || Patrimônio e Memória, São Paulo, Unesp, v. 8, n. 1 pp.71-97, 2012.

Ressaltamos também os periódicos portugueses publicados em 1889 que reforçam a importância e a presença das revistas no final do século XIX e no início do século XX. São elas: *Bohemia Nova*¹¹, revista lançada em Coimbra, em 1889; e *Os Insubmissos*¹², revista lançada em Coimbra em 1889.

Daremos destaque ao gênero *revista*. A revista surgiu ao lado dos jornais como suporte expressivo da palavra no processo histórico da imprensa brasileira. Coube ao gênero, muitas vezes, ser o espaço de representação e atuação do literato. As revistas estiveram presente nos primeiros anos da Imprensa Régia, persistiram durante o Império ao ponto de se tornarem gênero de sucesso nos primeiros tempos da República até os dias de hoje. O formato das revistas oferecia possibilidades de leitura rápida, com auxílio de recursos não verbais (ilustrações) e que facilitava o acesso da população menos instruída.

O caráter de leitura ligeira e amena, acrescido do recurso da ilustração, adequavam-na ao consumo, de uma população sem tradição de leitura, permitindo a assimilação imediata da mensagem¹³.

A introdução das revistas no Brasil estava associada ao quadro de demandas dos materiais impressos, uma vez que o gênero se consagrava na Europa como espaço suplementar para a publicação de textos literários. São consideradas revistas inaugurais no Brasil *As Variedades ou Ensaio de Literatura* (1812), da Bahia; *O Patriota*, jornal literário, político e mercantil (1813), do Rio de Janeiro; a *Revista da Sociedade Filomática* (1833), em São Paulo, de caráter erudito e propósito nacionalista; *Revista Braziliense, Ciências, Letras e Artes* (1836), e ainda, a *Revue Française* (1840) do Rio de Janeiro, impressa em Paris. A proposta para este capítulo é considerar a presença do gênero revista no momento que corresponde ao período da grande imprensa na passagem do século XIX ao século XX, contexto em que está inserido o jornalista e escritor Lima Barreto.

No Brasil, última década do século XIX, a imprensa passou por intensa transformação, devido ao aperfeiçoamento técnico das oficinas gráficas, o crescimento urbano em diversas cidades e o conjunto de ações reformistas com vistas à modernização dos espaços urbanos e

¹¹ Boémia Nova: revista de litteratura e sciencia Revista lançada em Coimbra, em 1889, sob a direção de "Dr. Fausto" (Alberto de Oliveira, António Nobre, Alberto Osório de Castro). Cf. Porto Editora – Boémia Nova: revista de litteratura e sciencia na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-04-02 02:07:43]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$boemia-nova-revista-de-litteratura-e-sciencia](https://www.infopedia.pt/$boemia-nova-revista-de-litteratura-e-sciencia).

¹² Os Insubmissos Revista publicada em Coimbra, em 1889, sob a orientação de Eugénio de Castro, João Menezes e Francisco Bastos. Cf. Porto Editora – Os Insubmissos na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-04-02 02:11:46]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$os-insubmissos](https://www.infopedia.pt/$os-insubmissos).

¹³ Cf. Ana Luíza Martins, *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, 1890-1922*, São Paulo, Edusp/Fapesp/Imesp, 2001.

civilização do país. No início do século XX, em capitais de maior expressão como Rio de Janeiro e São Paulo, surgiram as *revistas ilustradas* e/ou *revistas de variedades*¹⁴, que incorporavam novidades como a ilustração e a fotografia.

No Rio de Janeiro, as revistas de maior destaque foram a *Revista da Semana* (1900-1959); *O Malho* (1902-1954); *A Avenida* (1903-1905, 1912, 1948-1952); *Kósmos* - revista artística, científica e literária (1904-1909); *Fon-Fon!* (1907,1958); *Renascença* (1907,1908); *Careta* (1908-1960); *Rio-Chic* (1909-1936); *O Gato* (1911-1913); *Ilustração Brasileira* (1911-1947); *A Cidade* - jornal ilustrado de assuntos municipais (1912-1913, 1918-1920); *O Rio Ilustrado* (1913-1914); *A Cigarra* (1914-1975); *Selecta* (1914-1930); *Rio* (1915); *A.B.C.*- questões sociais, políticas, letras e atualidades (1915-1930, 1934) (WERNECK, 1966).

As revistas tinham como redatores escritores e homens de letras acostumados ao universo cultural dominante. Arthur Azevedo, Coelho Neto, Gonzaga Duque e Olavo Bilac estão entre os escritores que mais assinavam crônicas e matérias sobre diversos assuntos da cena cotidiana e mundana da cidade carioca nas páginas dessas revistas de variedades.

Chamamos atenção para a *Revista da Semana*, nascida em 1900 no Rio de Janeiro¹⁵. Nelson W. Sodré¹⁶ afirma que — “A Revista da Semana, fundada por Álvaro de Tefé, começou a circular a 20 de maio de 1901, com a ajuda de Medeiros e Albuquerque e Raul Pederneiras”. Apenas para esclarecimentos, registramos que há inconsistências em relação às datas de fundação em torno da revista, porém, com base em pesquisas todas as evidências levam a afirmar que a revista teria nascido em 1900.

Figura7 - Revista da Semana



Fonte: Memória Bn

¹⁴ As revistas como fonte para a história da cidade do Rio de Janeiro, n.6, 2012, p. 129-143. Sergio Lamarão Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e editor-adjunto do site www.brasiliana.com, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.slamarao@hotmail.com.

¹⁵ livro *A Revista no Brasil*.p.234.

¹⁶ Nelson Werneck Sodré. *História da Imprensa no Brasil*, p. 297.

A *Revista da Semana* pertenceu ao *Jornal do Brasil* até o ano de 1915, quando foi comprada pela Companhia Editora Americana. O periódico era composto de atualidades sociais, assuntos de ordem política e casos de polícia. A revista é considerada pioneira na utilização da fotografia reproduzida pelo processo fotomecânico, sendo possível conjugar texto e imagem em uma única página. Ao desvincular-se do jornal, a revista tornou-se mais elegante e feminina.

Figura 8 - Revista da Semana (RJ) - 1900 a 1918



Fonte: Bn digital

Dentre as revistas mais relevantes do período destacamos a *Kósmos*, lançada em 1904. A revista se destacava pela apresentação primorosa: papel de excelente qualidade, matérias ilustradas por fotografias e desenhos bem impressos. A revista circulou amplamente nos círculos intelectuais do país e abordava temas diversos, como História, Arte e Ciência.

A *Kósmos* abria os números com a seção **Crônica**, de Olavo Bilac, colaborador regular da revista e entusiasta das reformas. Bilac era incentivador da *Regeneração* e foi um dos principais porta-vozes do grupo dos homens de letras que aderiram ao projeto civilizador dos advogados, engenheiros, médicos e militares.

Na primeira edição de *Kósmos*, Olavo Bilac escreveu: (...) “o Brasil entrou, - e já era tempo – em uma fase de restauração do trabalho. A higiene, a beleza, a arte, o conforto, já

encontraram que lhes abrisse as portas desta terra, de onde andavam banidas por um decreto de indiferença e da ignorância coligadas”¹⁷.

Além de contar com a presença do poeta parnasiano, o periódico tinha outros ilustres colaboradores como Arthur Azevedo, Coelho Neto, Emílio Meneses, Ferreira da Rosa, José Veríssimo, Mário Pederneiras, Medeiros e Albuquerque, entre outros. A revista *Kósmos* apresentava em sua linha editorial uma mescla de contos, crônicas, poemas e reportagens.

Conceituados engenheiros assinavam reportagens a respeito das obras de urbanização em curso na cidade, promovendo, assim, a defesa sistemática das reformas urbanas promovidas por Pereira Passos. Algumas revistas da época tinham características semelhantes à *Kosmos*¹⁸. É o que podemos observar na revista *Renascença*¹⁹.

Figura 9 - Revista Kósmos



Fonte: Memória Bn

Figura 10 - Revista Renascença



Fonte: Memória Bn

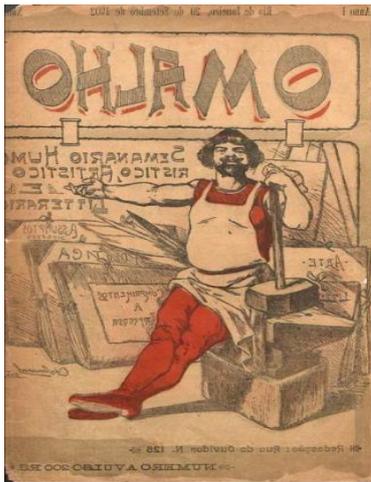
¹⁷ BILAC, Olavo. Crônica. In: *Kosmos*, Rio de Janeiro, janeiro de 1904.

¹⁸ A revista *Kosmos* foi fundada em janeiro de 1904 e teve uma periodicidade mensal até março de 1909. Foi dirigida por Mário Behrind e teve como principal editor Jorge Schmidt. Agrupou, entre seus colaboradores, o grupo distinto de intelectuais triunfantes e frequentadores dos salões da Belle Époque carioca. A primeira edição, por exemplo, debutou com textos de, além de Olavo Bilac, José Veríssimo, Arthur Azevedo, Francisco Braga e Medeiros e Albuquerque. Veiculava anúncios de lojas luxuosas que comercializavam desde artigos de moda, charutos ou materiais hidráulicos e elétricos, por exemplo. Essas propagandas podem servir de indício sobre o gosto refinado e o status dos leitores do impresso. O editorial do primeiro número afirma que a *Kosmos* tinha interesses — alheios às lutas políticas. Porém, pelo próprio perfil de seus colaboradores, essa suposta neutralidade era mera questão de retórica *Kósmos* - Revista Artística, Científica e Literária (RJ) - 1904 a 1909 - DocReader Web (bn.br).

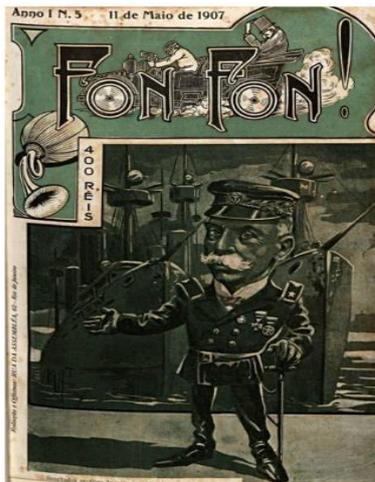
¹⁹ Tendo como diretores o imortal Rodrigo Octavio e o pintor Henrique Bernardelli, e, desempenhando as funções de editores proprietários E. Bevilacqua & Companhia, surge em março de 1904, no Rio de Janeiro a revista *Renascença* com atuação até o ano de 1909. Seu primeiro editorial define o sentimento e a disposição que seus editores e diretores empreenderam para a feitura da publicação: — não saberão poupar esforços e sacrifícios para torna-la digna de nossa cultura. BNDigital.

Nesse ambiente de revistas, houve aquelas que exploraram a linha humorística e a sátira política, dentre as quais, destacamos as revistas *O Malho*²⁰ (1902); *A Avenida* (1903); *Fon-Fon!*²¹(1907) e *Careta*²² (1908). Essas revistas tinham a seu serviço os talentos de chargistas como Gil, Raul Pederneiras, K. Lixto e J. Carlos. Além disso, as duas últimas tinham pretensões literárias e respectivamente era espaço de parnasianos e simbolistas.

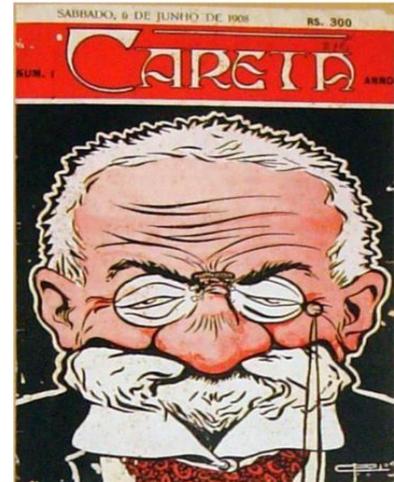
Figura 11 - Revista O Malho Figura 12 - Revista Fon-Fon Figura 13 - Revista Careta



Fonte: casaruibarbosa.gov.br



Fonte: riomemorias.com.br



Fonte: bn.br

²⁰ O malho começou a ser veiculado em 20 de setembro de 1902. Fundada por Luís Bartolomeu de Souza e Silva, a revista tinha em seu corpo de ilustradores o traço já maduro e consagrado de J.Carlos, Angelo Agostini, Lobão, Crispim do Amaral, Guimarães Passos, L. Peixoto, Leonidas Freitas, Nássara, ao lado dos jovens talentos que começavam a surgir como Raul, Kalixto, Storni e tantos outros. Foi a primeira publicação brasileira a substituir a pedra litográfica por placa de zinco. Agregando a esta inovação tecnológica o talento e a verve de seus desenhistas, deu um novo impulso à arte da charge e da ilustração em nossa imprensa, divertindo e informando o leitor da época. Ainda que focada principalmente na vida política do país, a cultura e a crítica de costumes sempre estiveram ali presentes, tanto nas charges como em artigos escritos por Olavo Bilac, Pedro e Emílio de Rabelo, Arthur Azevedo, Álvaro Moreyra e outros mais. O Malho (casaruibarbosa.gov.br)

²¹ A onomatopeia a reproduzir o som de buzina de carros remete, de cara, à ideia de modernidade que o lançamento da revista quis trazer ao público, naquele ano de 1907. Uma modernidade de sotaque francês, como de praxe no Rio de Janeiro da Belle Époque. Em circulação até 1958, a Fon-Fon! registrou as mudanças radicais da cidade, como as obras de Pereira Passos ou o desmonte do morro do Castelo. Mas também se incumbiu de refletir novos comportamentos e hábitos cariocas. Trazia notícias do estrangeiro, fofocas do jet set, críticas de arte e sátira política. Revista Fon-Fon! - Rio Memórias (riomemorias.com.br)

²² A revista Careta esteve sediada na Rua da Assembleia, no Rio de Janeiro e circulou de 1908 até 1960. Contou com um alto padrão gráfico e editorial para a época. Teve patrocínio de empresas farmacêuticas, indústrias manufatureiras e profissionais liberais, situados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e contou com um número significativo de leitores e assinantes. Além de ter Lima Barreto como um dos principais colaboradores, contou também com o talento dos chargistas Raul Pederneiras, K. Lixto e J. Carlos. Frequentemente, os colunistas que atuavam no periódico adotavam pseudônimos como uma estratégia voltada para a fomentação de polêmicas contra outros impressos concorrentes, escritores e políticos. Na edição de nº 33, datada de 16 de janeiro de 1909, um colaborador que assinava sua coluna como Diabo Coxo descreve, com ironia, as diretrizes do impresso: —a Careta é uma revista que se preza de sempre andar bem informada; por isso mesmo é que os seus cinco milhões de leitores nada ignoram do que vai pela política nacional, pois ela (a Careta) sempre os informa de todas as novidades tanto novas, como velhas. Porque há novidades velhas, e estas às vezes são as melhores.

Conforme apresentado no início deste capítulo, a imprensa, no início do século XX, passou por um processo de modernização marcado pelo surgimento de revistas como *Kosmos* e outros periódicos de mesmo gênero: como as revistas ilustradas, já citadas anteriormente.

Nas pesquisas percebemos que em diversas listas oficiais a respeito das revistas que surgiram nesse período não há menção à *Floreal*, revista lançada em 1907 por Lima Barreto e que figurou como projeto fracassado. Chama a atenção essa ausência e ao mesmo tempo certa confirmação quanto às dificuldades encontradas naquele contexto, tanto por Lima Barreto e sua *Floreal*, como por outros que tiveram periódicos fundados e não catalogados, ou sequer mencionados. Tem-se então um reflexo de marginalidade literária? A revista de Lima Barreto e outros que lutaram para que fossem inseridos no mundo das letras e da imprensa do começo do século, não sobreviveram possivelmente porque o conceito de revista, naquele momento, já estivesse impregnado do sentido de divertimento e superficialidade?

Utilizamos o emprego dos termos *divertimento* e *superficialidade* mediante as discussões da época em torno da imprensa e que foi uma das justificativas de Lima Barreto quando da fundação de *Floreal*. Retomaremos essa perspectiva no próximo capítulo. O ano de 1900 descortinou um novo cenário na imprensa e nos padrões de comunicação: as revistas semanais que exerciam um convite à leitura, sobretudo pelo auxílio da fotografia que teve papel estratégico em todo esse processo, facilitando o acesso de seus leitores às ideias, valores, comportamentos e imagens de um universo de informação e sedução, além disso, desempenhando um papel de agente mediador nos processos de atualização cultural.

Segundo Ana Luiza Martins (2001), “intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação”²³.

É importante ressaltar a presença de outras revistas nesse período, conforme mencionadas no livro *O Rio de Janeiro de meu tempo*, de Luiz Edmundo. Segundo Edmundo, os poetas Lima Campos, Mário Pederneiras e o crítico e romancista Gonzaga Duque fundaram as revistas *Pierrot* (1890) e *Mercúrio* (1898) revistas compostas de folhas pequenas e mais literárias, antes de fundarem a revista *Fon-Fon!* Essa era uma revista mais mundana, cheia de fotos, por isso mais duradoura em relação às revistas anteriores e que de certo modo abriu espaço para revistas modernistas como a *Klaxon*, pois trouxe a ironia e antecipação de signos modernos que seriam destaques em 1922.

²³ MARTINS, Ana Luiza, *Revistas em revista: imprensa e práticas Culturais em tempos de República*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp:Fapesp:Imprensa Oficial, 2001.p. 40.

Mencionamos ainda outras revistas como *Rio-Revista* (1895) com apenas dois exemplares, a *Galaxia* (1897), a *Revista Contemporânea* (1899), dirigida por Luiz Edmundo, além das *Thebaida* (1895), *Rosa-Cruz* (1901) e *Vera-Cruz*, revistas simbolistas. A *Folha Popular* (1890) foi a que primeiro reuniu os poetas simbolistas Cruz e Sousa, B. Lopes, Emiliano Pernetta e Oscar Rosas. Destacamos também a *Atheneida* (1908) que contou com 11 números e duração de um ano. Diante do cenário de expansão das revistas em detrimento dos jornais, é possível inferir um ambiente modernista no Rio de Janeiro antecedendo o evento de 22, Escritores como Gonzaga Duque, João do Rio e Lima Barreto viviam contradições modernas e escreviam a partir delas. João do Rio atuou como repórter da imprensa empresarial e adaptou-se às novas exigências de escrita. Gonzaga Duque criticava os intelectuais, que a seu ver, cediam à imprensa mercadológica, ironizando-os em personagens caricaturais. E Lima Barreto criava a revista *Floreal*, que teve curta duração, apenas quatro números, de 1907 a 1908. Era uma revista literária, que ressaltava o dever de publicar, considerando as dificuldades encontradas nos meios de publicidade tradicionais.

1.3 Lima Barreto por si mesmo

Ainda que pareça redundante apresentar Lima Barreto, faremos uma breve apresentação do escritor²⁴, a partir de seu *Diário íntimo*. Consideramos mais importante do que evidenciar a sua atuação jornalística, apresentar o vigor de sua escrita, erudição e os métodos de interpretação que empregou para construir a crítica a respeito de eventos que marcaram o contexto a que estava inserido. Lima Barreto é um escritor carioca. Em seu *Diário íntimo*, transformado postumamente em obra de cunho pessoal, o autor faz sua própria apresentação. De início, informa: “Nasci em segunda-feira, 13-5-81” e prossegue em poucos detalhes:

Um Diário Extravagante:

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade. (BARRETO, 1903, p.33).

²⁴ O escritor Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1905, trabalhou como jornalista no *Correio da Manhã*. Lançou, em 1907, a revista *Floreal*. O escritor está inserido em um período considerado de transição e que antecede o Modernismo brasileiro. Fazem parte desse período as obras de autores brasileiros publicadas entre 1902 e 1922.

Lima Barreto apresenta particularidades de sua vida a ponto de ser possível observar um quadro definido a respeito de sua vida familiar, suas frustrações pessoais, seu projeto literário, as intenções com a imprensa e dores por ser um homem pobre, mulato e suburbano. No que diz respeito às tragédias familiares, o escritor escreve:

Dolorosa vida a minha! Empreguei-me há 6 meses e vou exercendo as minhas funções. Minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh_alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice.

Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C..., furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino!

Como me tem sido difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser!

A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte talvez prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo! (BARRETO, janeiro, 1904).

Desde jovem o escritor precisou lidar com o preconceito acirrado em sua época, algo que o incomodava, como podemos verificar no fragmento do diário:

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Porque então essa gente continua a me querer contínuo, por quê?

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande. (BARRETO, 26 de novembro, 1904).

As questões de ordem raciais são particulares para Lima Barreto de tal modo que o tema percorre toda sua obra. O escritor não se calou, apesar de medos e inseguranças que o cercavam. Encerramos essa breve apresentação com um fragmento de seu diário, que demonstra características de si mesmo, revoltas, anseios particulares e projetos de vida, tanto na imprensa, quanto na literatura.

Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça. Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que coisa feia mais.

Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.[...]

E assim a coisa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, à covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas idéias, para nossa felicidade individual e para nossa dignidade superior de homens. Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças, afastamentos humilhantes, e os nossos liberalísimos tempos verão uns novos judeus.[...] E hoje é para mim motivo de alegria poder eu dizer tal coisa, poder tratar tão solenes instituições com semelhante desembaraço que não é fingido.

É satisfação para minh_alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos. (BARRETO, sem data, 1905).

O conjunto da obra literária de Lima Barreto é extensa e não menos relevante que as publicações jornalísticas, conforme observado em pesquisas acadêmicas a partir de diversas perspectivas críticas. O conjunto de leituras teóricas e críticas para a escrita desta pesquisa apresentou significativa fortuna crítica, tanto na literatura, quanto no jornalismo.

Notamos que o autor traz para a composição de sua obra referenciais críticos diversos. Trata-se de pensadores, filósofos, romancistas e teóricos, cujos textos foram matéria de leitura e apreciação por parte de Lima Barreto e que revelam traços sobre a construção de uma literatura militante.

Os romances e contos do escritor carioca, como cenas de rua ou encontros e desencontros domésticos, encontram - se narrados com uma animação simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesmas, isoladas e insólitas (como resultava da linguagem parnasiana), mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas (BOSI, 1978, p. 357). Pode-se dizer que muito dessa linguagem fluente e despojada, assim como a preocupação com os elementos que animam o cotidiano estão associados ao exercício de Lima Barreto como jornalista.

Dono de uma escrita coloquial, no momento que os parnasianos Olavo Bilac (poesia) e Coelho Neto (prosa) desfrutavam de grande prestígio na sociedade brasileira, Lima Barreto mostrou-se contrário à Academia Brasileira de Letras e às regras de produção literária imposta por seus membros.

Lima Barreto produziu romances que expunham problemas como: a indiferença social, o preconceito racial, nacionalismo ornamental, a degradação moral e política praticada pelas elites do início da República. Foi um intelectual que conseguiu trazer para a literatura a voz reprimida das camadas pobres da população, graças à sua profunda empatia com o mundo suburbano do Rio, do qual sempre fizera parte.

1.4 Trajetória jornalística de Lima Barreto e publicações na imprensa

A atuação de Lima Barreto na imprensa é marcante desde o início, uma vez que as reflexões críticas do escritor a respeito das reformas urbanas ocorridas no Rio de Janeiro é tema de ampla discussão em sua produção jornalística. Ele é um cronista capaz de compor quadros que apresentam o mal estar e infortúnio causado pelo viés político que conduzia o projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro. Para o jornalista e literato, todas as ações reformistas careciam de aberta discussão com a sociedade.

Em *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*, Joachin Azevedo Neto afirma:

As crônicas de Lima Barreto representam um Brasil republicano ligado a um passado colonialista, caminhando para a modernidade. Nessa escrita de teor profundamente crítico se percebe que o autor mantinha uma relação intensa com a cidade do Rio de Janeiro. A urbe e as transformações culturais, sociais e arquitetônicas que a ela foram infligidas são objetos de uma reflexão bastante apurada que Lima insere em um debate mais amplo sobre a sociedade republicana. (NETO, 2011, p. 38).

A colaboração de Lima Barreto é registrada no *Correio da Manhã*²⁵ (1905). Na época, o escritor atuou de forma breve e anônima como repórter e publicou a série de reportagens: *O subterrâneo do morro do Castelo*, entre 28 de abril de 1905 a 3 de junho do mesmo ano. O assunto era as escavações no Morro do Castelo que pontuava o início das reformas urbanas promovidas pelo gestor municipal Pereira Passos.

Lima oferece aos leitores uma narrativa de teor cômico a respeito de homens ávidos por enriquecimento rápido. São homens de progresso, munidos de picaretas e ambições que tendem a destruir o passado para abrir as portas ao futuro que concretizaria a modernidade da *Belle Époque*.

Apesar de atuarem a partir de perspectivas distintas, Lima Barreto e Euclides da Cunha escreveram acerca de ações administrativas, políticas e sociais de republicanos movidos pelo projeto de civilizar os espaços nacionais com base em pressupostos positivistas. Parte desse projeto refletiu ações no indômito interior brasileiro, como no episódio de Canudos transformado em denúncia na narrativa de Euclides da Cunha.

O ideal de *Ordem e Progresso* justificava o projeto civilizatório imposto pela República. A ciência e a técnica expressavam possibilidades de sucesso do projeto de civilização. Civilizar

²⁵ *Correio da Manhã* é um jornal diário carioca dirigido Edmundo Bitencourt.

consistia no apagamento do passado monárquico, ainda presente nos interiores e na capital do país. O ambiente da *Belle Époque* carioca personificava os ideais positivistas necessários para a construção de projeto de nação.

O espaço urbano carioca via no Castelo a imagem de um passado que deixava em evidência a presença de Portugal, representado pelos missionários da Companhia de Jesus, suscitando memórias indesejáveis naquele contexto.

Por isso a proposta de arrasamento do morro, sustentada por argumentos de viés sanitaria e urbano, em prol do embelezamento da cidade com a construção da Avenida Central. A ideia de destruição do morro não era inédita. Joaquim Manuel de Macedo tratou do assunto ao antecipar a prática de projeto civilizatório e deu ênfase diante de um espaço geográfico que remetia ao passado colonial. Macedo reflete:

Semelhante às antigas e prestigiosas instituições que, arraigadas aos costumes dos povos e defendidas pelos interesses e pelas tradições de classes privilegiadas, resistem à força potente da civilização e do progresso e à influência destruidora do tempo, e só pouco a pouco se vão desmorrando, agora pelo triunfo pacífico de novas ideias, logo pelo impulso violento de uma revolução política, o morro do Castelo, firmado em sua base, tem até hoje zombado de não sei quantos projetos e planos de arrasamento com que o ameaçam desde muitos anos. (MACEDO, 2010, p. 496).

Como podemos verificar no texto acima, o morro não resistiu à influência destruidora no início do século XX. O discurso higienista e civilizacional, proclamado por sanitaristas engenheiros alinhados com o conjunto de ideologias em vigor no começo do século, sentenciou o Morro do Castelo à destruição e aniquilamento total, um desmonte²⁶.

A partir dessa perspectiva, nascem as reportagens de Lima Barreto, que exploram o anseio por histórias secretas, lendas, amores, traições e conspirações que justificavam a destruição do Castelo. As reportagens trazem à tona o imaginário de superstições em oposição ao cientificismo sustentado pelos reformadores da urbe.

Lima Barreto discorre em sua escrita (de teor híbrido) a linguagem jornalística entremeada de linguagem literária. E faz surgir o cotidiano dos cariocas, além da denúncia social muito recorrente em sua escrita. O jornalista enfatiza em seus textos a presença do

²⁶ O documentário "O Desmonte do Monte" aborda a história do Morro do Castelo, seu desmonte e arrastamento. O filme aborda a lenda do tesouro armazenado nas entranhas do morro e conta com trechos de "O Subterrâneo do Morro do Castelo", escrito por Lima Barreto. A narrativa é baseada em iconografias e pinturas de diversos períodos, desde a fundação da cidade até os dias atuais. O filme conta com imagens em movimento da Celebração do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, evento realizado com as terras do desmonte do Morro do Castelo, e também com depoimentos de áudio de ex-moradores do Morro do Castelo e dos engenheiros que trabalharam no seu desmonte. <https://canalcurta.tv.br/>

capitalismo e urgência de enriquecimento a qualquer custo; a exploração da mão de obra de trabalhadores em busca de tesouros guardados pelos jesuítas; a postura do poder público e o desprezo pela pessoa humana representada pelos moradores, que perderiam seus espaços habitacionais junto com o arrasamento do morro.

A colaboração de Lima Barreto nesse episódio revelou uma escrita repleta de ironia que aponta os reais intentos em torno do morro do Castelo. A maneira como produziu a série de reportagens deixou explícito em que se converteria a produção jornalística e literária do escritor: denúncia e crítica social, escrita de força combativa e tonalidades de beleza literária, como se pode observar no início da série:

O trabalho foi suspenso a fim de que se dessem as providências convincentes em tão estranho caso: uma sentinela foi colocada à porta do subterrâneo que guarda uma grande fortuna ou uma enorme secular pilhéria; e como era natural, o Sr. Ministro da Fazenda, que já tem habituada a pituitária aos perfumes do dinheiro, lá compareceu, com o Dr. Frontin e outros engenheiros, a fim de informar à curiosa comissão se achava aquilo com cheiro de casa-forte[...]. (BARRETO, 1997, p. 3-4).

De modo contundente, as reportagens anunciavam a tragédia que se abatia sobre o centro da cidade, movida por especulações, fins políticos e ideológicos, além de configurar claro deboche e ironia do escritor diante do esforço braçal na ação de desmonte: "[...] Mas os operários prosseguem cada vez mais porfiados em ver quem primeiro colhe o prazer ultrahumano de descobrir o moderno Eldorado". (BARRETO, 1997, p. 14).

É possível perceber que há da parte do literato um afastamento do pensamento reformista urbanístico da época, uma vez que a modernização da cidade significava apagar o passado colonial que compunha a memória histórica da capital federal. De acordo com Sevckenko (1985), a implantação da República veio acompanhada de uma ordem que projetou ilusões em torno da noção de progresso da nação sustentada por episódios autoritários e sangrentos, e reformas urbanas que ocultaram a face obscura com maquiagem de civilização da nação em termos de urbanização, higienização e moral. A esse respeito, Sevckenko ainda afirma: "Era a consagração olímpica do arrivismo agressivo sob o pretexto da democracia e o triunfo da corrupção destemperada em nome da igualdade de oportunidades". (SEVCENKO, 1985, p. 26).

Conforme observado, Lima Barreto não aderiu ao ideário oficial imposto à época. Esse distanciamento esteve presente em sua literatura e atuação nos meios de imprensa, de modo que observamos a atenção dada aos debates sobre cidadania, reformas urbanas e políticas internacionais, assuntos em evidencia naquele período histórico.

Em 1907, o autor de *Clara dos Anjos* foi convidado para atuar na recém-nascida revista *Fon-Fon!* Na época, foi secretário de redação e sob o pseudônimo **S. Holmes** escreveu a crônica “*Fio de linha*” em maio de 1907. Escreveu também usando o pseudônimo **Philéas Fogg** as crônicas “*Falsificações*” e “*Um novo Sport*”, ambas escritas, respectivamente, em abril e julho de 1907. O uso de pseudônimos por Lima Barreto também foi adotado em outras publicações no início de sua carreira jornalística.

Também desenvolveu atividades intelectuais no *Jornal do Commercio*, tendo publicado nesse jornal o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* em folhetins. Durante sua atuação em *Gazeta da Tarde*, publicou a sátira *Numa e Ninfa*, além de uma série de relatos folhetinescos. No *Correio da Noite*, Lima Barreto foi cronista e atuou como colaborador com artigos sobre temas variados na *Revista Careta*.

Publicou parte considerável de sua obra romanesca em formato de folhetins nos jornais e revistas, dentre os quais, destacamos *Jornal do Comércio*; *Correio da Noite*; *Correio da Manhã*, *ABC*, jornal político de tendência liberal, que representava aliança geopolítica entre os países da Argentina, Brasil e Chile (entre 1918 e 1919), além das *Revistas D. Quixote*, *O Malho*, *O Diabo*, *O Riso* e *Careta*, com a qual colaborou durante os últimos anos de sua vida.

Lima Barreto também publicou diversos contos, nos quais fazia apresentação da realidade presente nos subúrbios cariocas, a partir da divisão de classes, exclusão dos pobres, marcas de religiosidade e origem. Acerca dos contos mais conhecidos do público, destacamos: *O homem que sabia javanês*, escrito em 1911 (*Gazeta da Tarde*); e *Nova Califórnia*, escrito em 1910 e publicado em 1915.

Os romances do autor são ligados à sua atuação social. Representam a cor dos subúrbios cariocas e discutem temas sociais urgentes do Brasil República, tais como: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909); *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911); *Numa e a Ninfa* (1915); *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919); *Os Bruzundangas* (1923), póstumo; *Clara dos Anjos* (1948), póstumo; *Diário Íntimo* (1953) póstumo; dentre outros. Embora, Lima Barreto extensa produção literária no gênero crônica, os títulos mencionados são gênero romance.

O autor buscou a inserção no espaço social, depois de uma frustrada experiência em revistas e jornais que gozavam de privilégios e requintes próprios da época. Desse modo, a partir de 1907, com a criação de uma revista, que apesar de pequena em termos de visibilidade e vendagem na época, constitui-se como o ponto de partida para o nascimento do romancista de abordagem política, crítica e social. *Floreal* tinha como objetivo fazer oposição à produção literária estabelecida na época e que crescia sob as bênçãos da Academia Brasileira de Letras.

A estreia de Lima Barreto como romancista brasileiro ocorreu em 1909 com a publicação do volume *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* pela Livraria Clássica de Lisboa. Antes da publicação em livro, alguns capítulos já haviam sido impressos como folhetim, nas páginas da revista *Floreal*.

Lima Barreto é um escritor que demanda esforço como autor iniciante em fazer com que sua obra cumpra com objetivos alicerçados no compromisso com a realidade histórica que o cercava e marcava sua história e a história de seus ancestrais. Para ele, a arte literária deveria ser um instrumento de trabalho capaz de aproximar o intelectual do povo; promover uma escrita que estivesse ao alcance do entendimento de sua gente; a literatura como utilidade pública com potencial para denunciar angústias, exclusões e para exigir reparação.

O escritor carioca viveu a experiência de ser homem negro em uma sociedade que respirava teses deterministas e evolutivas sustentadas por cientistas como Nina Rodrigues, Silvio Romero, João Batista Lacerda e tantos outros que anulavam por completo a ideia de igualdade prometida pelos republicanos e esperada pela população de libertos que compunham parte significativa do país.

A literatura de Lima Barreto demonstra sua persona, suas dores, medos e exclusão. A exclusão do meio social, dominado por uma elite branca, conservadora e preconceituosa. A exclusão dos ambientes literários, representados por grupos boêmios, letrados que se reuniam com certa frequência nas confeitarias do Rio de Janeiro, bem como, a exclusão de espaços como a Academia dos Novos (1911), Sociedade dos Homens de Letras (1914), além da Academia Brasileira de Letras (1896), na qual desejou ser integrante.

Nesse contexto, surge o escritor atento às questões sociais de seu tempo, um exímio cronista da vida carioca e que tinha na literatura um propósito, uma missão, ou ainda como definiu o próprio Lima Barreto “um casamento com a literatura”. No entanto, um escritor não se faz a partir do acaso, há uma história de leitor nos bastidores da vida de um escritor e Lima Barreto buscou fundamentar seus pressupostos teóricos em textos escritos por autores considerados clássicos universais, além de autores que produziram uma literatura voltada para as questões envolvendo o negro e sua condição social. Lima Barreto mergulhou em leituras de ordem científica e procurou estar em sintonia com as ambiguidades de ordem científica e intelectual que cercavam o escritor.

Propomos direcionar a pesquisa para a compreensão da atuação de Lima Barreto nos meios de imprensa em vigor nas primeiras décadas da República. Ressaltamos que a imprensa proposta por Lima Barreto representava ruptura com a imprensa republicana.

Os jornais passaram a desenvolver sua pauta a partir de um conjunto de interesses comerciais e políticos, além de garantir o acesso de leitores às notícias que promoviam o bom gosto francês, além de apresentar um catálogo em que a publicidade e a vida refinada ocupavam maior espaço e quantidade de páginas. Nicolau Sevcenko faz as seguintes considerações sobre tais transformações:

A nova grande força que absorveu quase toda a atividade intelectual nesse período foi sem dúvida o jornalismo. Crescendo emparelhado com o processo de mercantilização na cidade, o jornalismo invadiu impassível, territórios até então intocados e zelosamente defendidos. (SEVCENKO, 1985, p. 99).

Uma cultura midiática é instalada no Brasil republicano. A imprensa passou a se ocupar de notícias cotidianas e ditames de ordem social, além de aperfeiçoar técnicas com vistas à ampliação do público leitor, a partir das revistas, folhetins e dos *fait divers*²⁷. A imprensa passa a compor a indústria do entretenimento, de modo que é notável a forma como jornalistas buscaram se adaptar ao gosto de um público leitor composto também por uma maioria de iletrados.

O texto passa por adaptações de linguagem e ganha organização capaz de propiciar uma leitura mais rápida, apresentando textos com tonalidades linguísticas mais populares, voltados, sobretudo, para o entretenimento. Desse modo, cria-se um ambiente imaginário, ancorado em imagens e técnicas de diagramação, que pode ser acessado pelo público não leitor.

O caráter de leitura ligeira e amena acrescido do resumo da ilustração, adequavam-na ao consumo de uma população sem tradição de leitura, permitindo a assimilação imediata da mensagem. (MARTINS, 2013, p. 63).

Barreto protagonizou o desencanto com a imprensa associada aos novos ares republicanos em tempos de Belle époque, por meio de posicionamento combativo em relação aos literatos e homens de imprensa republicana. A postura do autor gerou polêmicas e críticas direcionadas aos homens de letras, tanto no meio literário, quanto no meio jornalístico. O resultado da observação registrada em produção jornalística e literária do escritor é o testemunho acerca de seu tempo.

Lima Barreto registra sua indignação diante dos desafios e injustiças de seu tempo em romances, contos e de maneira especial em crônicas, gênero no qual o autor representou o

²⁷ *Fait divers* é uma expressão francesa, que significa fatos diversos, é utilizada para identificar aquelas notícias que só são destacadas pelos jornais porque são curiosas, inusitadas.

cotidiano carioca e a vida social, questionando e discordando do status quo em vigor na época. A produção literária do escritor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* inclui temas diversos, sempre voltados para questões de ordem política, administrativa e social.

Em *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, Sevcenko apresenta temas nucleares que estão dispersos por toda obra de Lima Barreto:

Seu vislumbre, nesta perspectiva, englobava uma penetração vertical incidindo desde as estruturas políticas propriamente, como o governo e as ideologias, às instituições culturais mais salientes, como a imprensa e a ciência, aos modelos formalizados de comportamento coletivo, como o cotidiano, em que os símbolos de distinção definem sentidos de mando e subserviência ao nível do trato banal. (SEVCENKO, 1985, p. 169).

O escritor tem como propósito despojar a *Belle Époque* expondo-a em tom de crítica, o glamour e a opulência que lhes são característicos, e para isso, o leitor é apresentado a uma vasta galeria de personagens variadas em representação social, bem como um Rio de Janeiro repleto de vício e virtudes, expostos pelo viés do humor, sátira, ironia e da crueza com que retratava a realidade de sua época.

São personagens que constituem objeto privilegiado da crítica social do autor, uma vez que carregam as marcas do meio em que vivem. É desse conjunto de propósito, características e representações que resultam o caráter militante da obra de Lima Barreto.

Para Carmem Lúcia de Figueiredo, em *Lima Barreto e o fim do sonho republicano* (1998), Lima Barreto emprega recursos como humor visual e sátira verbal como forma de politização de seu leitor compartilhando com a de uma visão crítica, ativista e combativa, argumento também sustentado por Sevcenko:

O real assim construído perderia o aspecto frio e insensível que a rotina do cotidiano lhe assinala, provocando a anuência indiferente dos indivíduos, para mostrar-se toda crueza da sua nudez repentina. Através desse método contundente, o autor podia transmitir direta e rapidamente aos leitores a sua concepção e o seu sentimento relativo aos eventos que o circundavam. Forçava – os assim a uma tomada de posição e uma reação voluntária, na proporção do estímulo emitido. A função crítica, combatente e ativista ressalta por demais evidentes dos textos de Lima Barreto. (SEVCENKO, 1985, p. 162).

Em se tratando da obra do escritor, vale ressaltar que está distribuída em cinco diferentes gêneros, a saber: conto, crônica, epistolografia, memórias e romances. Esses gêneros estabelecem correspondência com a narrativa proposta pelo autor, marcadas por paródia, ironia tendente à sátira, linguagem comum e completa rejeição de artifícios retóricos. Lima Barreto incorporou em sua obra influências de suas experiências de leitura principalmente de textos e

gêneros advindos da ficção russa, do romance francês, do teatro escandinavo, parábolas de teor clássico, novelas humorísticas de origem inglesa, sem se deixar prender a nenhum desses gêneros. O próprio escritor escreve a esse respeito em suas *Impressões de leitura*:

—Nós não temos mais tempo nem o péssimo critério de fixar rígidos gêneros literários, à moda dos retóricos clássicos com as produções de seu tempo e anteriores. Os gêneros que herdamos e que criamos estão a toda hora a se entrelaçar, a se enxertar, para variar e atrair. (*I.L.*, p.116 IN: SEVCENKO, 1985, p. 164).

Segundo Carmem Lúcia de Figueiredo (1998), o estilo de escrita de Lima Barreto segue vinculado à imagem tradicional de satirista, dono de palavra terrível e ferina capaz de expor as vicissitudes presentes em sua época, o que adiciona à sua obra caráter contestatório e transgressor cuja pena é voltada para denunciar elitismos intelectuais e caos social, cenário de grupos marginalizados.

A colaboração de Lima Barreto nos meios de imprensa como as revistas *A Semana*, *Fon-Fon* e o jornal *O Malho* despertaram ainda mais a insatisfação com uma imprensa voltada para questões frívolas e celebração de grupos que acendiam em uma sociedade marcada pela desigualdade. Sevcenko problematiza a relação entre o autor e esse tipo de imprensa:

A imprensa era outro dos alvos prediletos da mordacidade de Lima Barreto. Seus ataques ao jornalismo, seus agentes e misteres aparecem mais densos e organizados no *Isaías Caminha* e no *Gonzaga de Sá*.
[...] Sua crítica à imprensa acompanhava as várias facetas que a instituição apresentava nesse período.
[...] Os principais dos quais era o suborno político, via de regra praticado pelo próprio governo. O jornal passava assim a operar como um reforço do esquema de corrupção do regime. (SEVCENKO, 1985, p. 162).

Ao analisar a produção literária e jornalística de Lima Barreto nos primeiros anos da atuação do autor na imprensa carioca, no contexto das primeiras décadas da República, enfatizamos suas primeiras colaborações em jornais e revistas até a criação de sua própria revista é possível afirmar que a obra do autor é composta de diversas variações temáticas. No entanto, prevalece o inconformismo, a denúncia social, a crítica acirrada à sociedade da época, sobretudo uma pequena elite republicana seguida de simpatizantes e afeitos ao regime. Percebemos a estreita relação de Lima Barreto com o universo jornalístico, porém, ressalta-se que o comprometimento do escritor com a literatura parece exceder todas as relações possíveis, de modo que prevalece a presença de espírito combatente, convicto de crenças acerca de uma literatura militante. A esse respeito, afirma Sevcenko:

O autor, eternamente às turras com o jornalismo suspeito do país, apenas o admitia tacitamente. No entanto, o efeito dessa opção sobre a sua arte era decisivo e mais do que evidente. Sua estética, por meio do viés do jornalismo, se distinguiria principalmente pela simplicidade, pelo despojamento, contenção e espírito de síntese, aplicados à linguagem narrativa; enquanto que o tratamento temático se voltaria para o cotidiano, os tipos comuns, as cenas de rua, os fatos banais e a linguagem usual. (SEVCENKO, 1985, p. 167).

Lima Barreto teve vasta colaboração na imprensa, onde publicou grande parte de suas obras no contexto em que prevalecia a *era da literatura-sorriso-da-sociedade*. A esse respeito, registrou Álvaro Santos:

O jovem romancista e contista Afonso Henriques de Lima Barreto que estreou no início do século XX, sentia náuseas diante da frequente submissão da atividade intelectual a interesses subalternos e, por isso, tomou a corajosa e louvável decisão de sacrificar tudo para dignificar a profissão de escritor. Como se sabe, pagou um alto preço por sua audácia e independência. (SIMÕES, 2014, p. 21).

Segue abaixo a ordem cronológica de atuação de Lima Barreto na imprensa do Rio de Janeiro:

- 1902 – Colaboração em jornais acadêmicos e a convite de Bastos Tigre colaborou em *A Lanterna*.
- 1903 – Colaboração no semanário *O Diabo*, de Bastos Tigre.
- 1905 – Inicia a atividade jornalística profissional no jornal *Correio da Manhã*. Escreveu a série de reportagens *Os Subterrâneos do Morro do Castelo*.
- 1907 – Colaboração na *Fon – Fon*.
- 1907 – Funda a revista *Floreal*.
- 1912 – Colaboração no jornal *A Gazeta da Tarde*.
- 1914 – Colaboração no *Correio da Noite*, publicação diária de crônica.
- 1915 – Primeira fase de longa colaboração na revista *Careta*.
- 1916 – Colaboração regular na revista *ABC*.
- 1917 – Colaboração na imprensa anarquista.
- 1918 – Colaboração em *A Lanterna* sob pseudônimo de dr. Bogóloff. 1919/1922 – Segunda fase de colaboração regular na *Careta*.

Publicações de Lima Barreto nos órgãos de Imprensa:

- 1907 – *Revista Floreal*: publica os primeiros capítulos de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*.

1911- *Jornal do Commercio*: o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* é publicado em folhetim.

1912 – *A Gazeta da Tarde*: são publicados relatos folhetinescos e a sátira *Numa e a Ninfa*.

1915 – *A Noite*: publicação de *Numa e Ninfa* em folhetim. 1918 – *Revista ABC*, publicação do *Manifesto Maximalista*.

O estilo de sátira fundamentado em ironia e humor na escrita de Lima Barreto se distanciava do estilo de outros colaboradores de periódicos e contrariava a pauta de espaços editoriais, a exemplo da *Fon-Fon*, última revista em que o literato colaborou antes de se lançar ao empreendimento de dirigir e publicar na própria revista. Denunciar desmandos, provocar polêmicas e promover o debate acerca da função da literatura, não constava na pauta dos periódicos preocupados em produzir futilidades ao gosto do refinamento afrancesado da época. Percebemos que a cada publicação e no decorrer de sua carreira o perfil do escritor demonstra alterações associadas, possivelmente, às contradições em torno do escritor.

A solução encontrada pelo escritor foi fundar seu próprio periódico ao lado de amigos que partilhavam dos mesmos projetos, anseios e necessidades de serem publicados e que o acompanhavam desde a época de internatos, Escola Politécnica e reuniões em cafés.

Sem precisar recorrer a qualquer espécie de pseudônimo, Lima Barreto fundou a *Floreal*, uma vez que compreendera o quão difícil seria lograr êxito na imprensa burguesa em vigor na *Belle Époque* carioca.

Ressaltamos a atuação militante de Lima Barreto nos meios de imprensa do Rio de Janeiro. A ideia de literatura militante foi fundamental para o escritor criar sua própria revista. Na primeira edição do periódico criado por Lima Barreto e seus amigos jornalistas e escritores, o jovem escritor afirma.

1.5 Lima Barreto: literatura militante

[...] na epocha de vida que atravesso, o inquieto pôde bem vir a ser o lutador e o combatente, taes sejam as circumstancias que o solicitem. Eu as desejo favoráveis a essa útil mutação de energia, para poder levar adiante este tentamen de escapar ás injuncções dos mândarinos literários, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulário das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insólito no momento actual. Não se trata de uma revista de escola, de uma publicação de clan ou maloca literária.
(*Revista Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 4).

Em *Literatura militante*, artigo publicado na *A.B.C.* de 7/9/1918, o cronista Lima Barreto teceu considerações acerca do assunto que dava título ao seu texto, sob pretexto de

fazer — “uns reparos” a respeito de artigo intitulado — A margem do último livro de Anatole France, escrito pelo sr. Carlos Malheiro Dias, literato da época, e que havia publicado no jornal O País. No referido artigo Malheiros trata com desprezo àqueles que eram iniciantes na vida literária ao tratá-los por — literatos aprendizes, militantes e honorários²⁸.

O autor de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* não achou de bom tom as considerações feitas pelo autor da *Paixão de Maria do Céu*, e sem hesitar, esperando que Malheiro não o levasse a mal, combateu o literato:

Pelo que aí diz o sr. Malheiro Dias²⁹ não sei por que despreza os aprendizes literatos, militantes e honorários. Como eu sempre falei em literatura militante, se bem que me julgando aprendiz, mas não honorário, pois já tenho publicado livros, tomei o pião na unha. A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante. Não sei como o sr. Malheiro Dias poderá classificar a *Ilha dos pinguins*, os *Bergerets*, emais alguns livros do grande mestre francês, senão dessa maneira. Eles nada têm de contemplativos, de plástico, de incolores. Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam a propaganda de um credo social, tem por mira um escopo sociológico. Militam. [...] Eu chamo e tenho chamado de militantes às obras de arte que têm semelhante escopo. (BARRETO, apud RESENDE, 2017, p. 129).

Naquele ano de 1918, o combate de Lima Barreto não se reduzia à crítica pela crítica, o escritor fazia defesa de convicções que permearam toda sua carreira, como pressupostos teóricos que fundamentaram toda sua produção literária até 1922, ano de seu falecimento. Desde o momento que iniciou a carreira jornalística e literária, o escritor carioca tinha essas convicções alicerçadas a partir das leituras que fizera de autores como Anatole France³⁰,

²⁸ Cf. Impressões de leitura e outros textos críticos/organização e introdução Beatriz Resende; prefácio Lilia Moritz Schawrcz, - 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

²⁹ Carlos Malheiro Dias colaborou nos seguintes jornais e revistas portuguesas e brasileiras: Perfis Contemporâneos; Correio da Manhã; Jornal do Comércio; Jornal do Brasil; O Cruzeiro; O País; Revista da Semana; A Ilustração Portuguesa. Prefaciou, com justeza crítica notável, o livro de estreia de Aquilino, Jardim das Tormentas, 1913. In Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol. III, Lisboa, 1994. <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8826>

³⁰ Jornalista, pintor e escritor francês – apresenta um estudo sobre a essência da obra e do homem Anatole France, escritor e crítico literário francês tido como um dos maiores expoentes do período da Terceira República. <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6691>

Brunetière³¹, Guyau³² e Taine³³, que a propósito foram citados no artigo —ligeiramente e de memória, em seu texto em defesa do conceito literatura militante.

Entre os autores militantes lidos por Lima Barreto, podemos citar também Eça de Queirós e Tolstói. O escritor brasileiro justifica seu posicionamento intelectual a partir de escritores que lhe forneciam as bases críticas acerca do que é literatura, a *literatura militante*, que a priori, dizia respeito à solidariedade entre os homens. A solidariedade como grande força da humanidade, que segundo Brunetière, — tem por fim interessar, pela virtude da forma, tudo o que pertence ao destino de todos nós; e a solidariedade humana, mais do que nenhuma outra coisa, interessa o destino da humanidade (BARRETO, 1956b, p. 73-74).

Desse modo, Lima Barreto se mostra um escritor desalinhado com os consagrados literatos de seu tempo. Os literatos que desfrutavam de prestígio e reconhecimento eram, em grande maioria, preocupados com a forma e o polimento estético do texto literário.

O que Lima Barreto entendia a partir de suas reflexões e fundamentos teóricos obtidos em leituras de pensadores que os influenciava era uma necessidade urgente de reforma intelectual dos homens e que esse ideário alcançaria êxito a partir da produção literária, que ele entendia como militante. Assim, para Lima Barreto, o termo literatura militante, consistia em forma de abordagem crítico-social, intervenção política e compromisso e interesse nas discussões de ordem pública. Observamos ainda, que a utilização do termo militante era um contraponto à experiência literária baseada na fruição, experimentação e objetividade estética da qual Lima Barreto se posicionava contrário, resistente.

O escritor reconhecia a importância da literatura como forma de resistência, por isso reagia ao modo de produção da literatura acadêmica, cujo compromisso era a emoção estética. Assim, Lima Barreto discorda da supervalorização da forma, uma vez que, o autor entendia a literatura vinculada ao que ele chamou de escopo sociológico.

Dessa perspectiva, Lima Barreto chegava à conclusão de que “Nós precisamos ligar, precisamos dizer às qualidades que cada um de nós tem... devemos mostrar em nossas obras,

³¹ Ferdinand Brunetière (1849-1906)- escritor e crítico francês. A partir de 1893, foi editor principal da Revue des Deux Mondes, revista que consta na biblioteca particular de Lima Barreto. São bastante conhecidas na literatura sobre Lima Barreto as diversas referências do autor à revista cuja concepção editorial influenciou diretamente na elaboração de Floreal.

³² Jean-Marie Guyau (1854 – 1888) - filósofo e poeta francês. Sua obra mais conhecida, que influenciou profundamente Lima Barreto é A obra de arte do ponto de vista sociológico, publicado no Brasil pela editora Martins Fontes em 2009.

³³ Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893)- crítico e historiador francês, membro da Academia Francesa. Foi um dos expoentes do Positivismo do século XIX.

que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós”³⁴.

Considerando que a arte tem o poder de transmitir ideias e sentimentos, e que trabalha pela união da espécie, concorre para o seu acréscimo de inteligência e felicidade³⁵. Acreditamos que as convicções ideológicas e literárias de Lima Barreto são essenciais para estabelecer as relações existentes entre o discurso literário, combativo e satírico e as questões sociais que foram pautas de enfrentamento do escritor naquele contexto.

Observamos que a ênfase atribuída ao termo — militante foi o modo encontrado pelo escritor para pontuar a oposição cultural que marcava o período inicial da República brasileira: literatura militante *versus* “sorriso da sociedade”. Lima Barreto se referia aos seus oponentes como contemplativos, de plástico, incolores, preocupados com a forma, com a estilização e apegados à representação artística submissa aos ideais clássicos:

Só querem a aparência das coisas... e a banal simulação de notoriedade, umas vezes por incapacidade de inteligência, em outras por instrução insuficiente ou viciada (...) falta de verdadeiro talento poético, de sinceridade, e necessidade, portanto, de disfarçar com pelotiquices e passes de mágica intelectuais (...) todos se guiam por ideias feitas, receitas, de julgamentos e nunca se aventuram a examinar por si qualquer questão, preferindo resolvê-las...³⁶

Ao analisar a definição de literatura militante para Lima Barreto, a partir do episódio citado no início do capítulo, percebe-se um pouco dos ideais e da personalidade do escritor, que iniciava a carreira como romancista a partir de um projeto jornalístico literário, em que pudesse pôr em prática a literatura militante e exercer engajamento nos debates sociais de seu tempo: a criação de uma revista no de 1907. Naquele começo de século, as revistas estavam em alta, tinham a capacidade de atingir grande número de leitores, por isso eram fundamentais para a consagração de escritores já renomados, além de se apresentarem como oportunidade concreta para a inserção de escritores iniciantes, como era o caso de Lima Barreto.

Lima Barreto teria criado a revista como pretexto para lançar-se como escritor, já que nesse periódico que ele publicara os primeiros capítulos de seu primeiro romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. No entanto, o empreendimento teve apenas quatro edições, pouca visibilidade e a frustração diante da incapacidade de medir forças com revistas que se especializaram e atenderam as demandas de mercado editorial marcado pela modernidade que

³⁴ BARRETO, 1961, pp. 72-73

³⁵ *Ibidem*, p. 67.

³⁶ PRADO, 1976, pp. 36-37.

se apresentava naquele período. Ressaltamos que demandas editoriais existem ainda em nossos dias. Da mesma forma que os editores de *Floreal* dispuseram de recursos próprios para publicar. Há muitas publicações independentes, bancadas pelos próprios autores, pois os grandes conglomerados não querem discutir algumas pautas que são polêmicas.

Bourdieu possibilita refletir sobre Lima Barreto como um escritor, um pretendente que reivindicou, aparentemente sem sucesso, junto a outros agentes dominantes o reconhecimento do valor literário de sua obra. (BOURDIEU, 2008, p.30-33).

Acredita-se que o escritor buscava reconhecimento do valor literário de sua obra, do caráter militante que está presente em toda a sua produção literária e jornalística, que assumiu posicionamentos de explícita afronta aos donos do mercado editorial, no qual a imprensa carioca se transformara.

No próximo capítulo analisaremos *Floreal*, revista que contou com quatro publicações entre os meses de outubro e dezembro de 1907 e que foi idealizada, fundada e dirigida por Lima Barreto e grupo de amigos, que tinham atuação, ainda que não de modo desejado, nos meios de imprensa carioca. A revista foi contrária à mercantilização que imperou nos jornais e aos modos de produção e divulgação de conteúdos distante da vida real. Combater tais procedimentos que se tornavam cada vez mais comuns nas redações que inchavam as páginas dos jornais com fatos externos à notícia é o que realmente importava.

Nas páginas da revista encontram-se também censuras dirigidas aos leitores que consumiam fotografias, gravuras e páginas coloridas de alto custo de produção, relegando a informação ao segundo plano. Afinal, as reivindicações de Lima Barreto eram cabíveis naquele contexto? Seria a revista um mero capricho pelo prazer de se ver publicado? Ou seria a *Floreal* um manifesto? Nosso próximo capítulo será pautado na criação de *Floreal*, análise da revista e a importância do periódico no de 1907.

CAPÍTULO 2

REVISTA *FLOREAL*

A criação de uma revista de crítica literária parece confirmar o espírito de embate e o desejo de pertencimento àquele universo que Lima Barreto e seus companheiros de *Floreal* queriam fazer parte, sem se submeterem aos padrões e modismos que norteavam as produções literárias naquele ambiente carioca. Lima Barreto e seu grupo de amigos estavam imbuídos do desejo de romper com esses padrões e de serem publicados.

Conforme enfatizado, a circulação de revistas modernas no final do XIX e início do XX, principalmente no Rio de Janeiro, traziam páginas carregadas de fotografias e diagramação de alta qualidade. Esses elementos eram apresentados como uma nova linguagem, além de dialogarem com outras áreas de interesse de muitos leitores ávidos por novidades culturais, estava estabelecida a oportunidade de obtenção de lucro, a partir da publicidade. Tudo ganhava caráter de anúncio, tudo estava à venda, inclusive a arte e a literatura.

Essas revistas³⁷ criadas nesse contexto de efervescência cultural, faziam uso das diversas elaborações formais que marcavam as transformações de um novo fazer artístico da sociedade brasileira, sobretudo na linguagem. Um exemplo marcante acerca desse momento é a revista de Jorge Schimidt, a *Fon-Fon*, que aderiu a essas inovações da nova linguagem para ganhar adesão de expressivo número de leitores, ao ostentar a imagem de um automóvel que buzina a modernidade pelo viés da sátira visual e escrita.

Nesse contexto, os escritores, em início de carreira, encontraram diversas dificuldades para publicar seus textos, pois os veículos de publicação pertenciam a empresários que não tinham interesse em apostar em nomes desconhecidos, situação ainda comum em nossos dias. Logo, o que se buscava eram nomes que já desfrutavam de prestígio e certa popularidade, como o poeta Olavo Bilac³⁸, dentre outros ilustres da época.

Daí o surgimento de pequenas revistas que orbitavam em torno da grande imprensa, não necessariamente para fazer oposição, mas para garantir um espaço para publicar e divulgar os escritos. Eram revistas consideradas pequenas, de pouca expressão e, geralmente compostas de escritores iniciantes, com pouco poder ou nenhum poder aquisitivo para fazer frente aos grandes veículos e, por isso com reduzidas chances de sobrevivência.

³⁷ Entre as várias que se destacaram, as principais são: Tagarela, O Malho, Fon-Fon, Revista da Semana, Careta e Kosmos.

³⁸ Olavo Bilac é conhecido por ser uma figura em seu contexto, com uma posição peculiar. Considerado como o poeta parnasiano, Bilac foi membro e fundador da cadeira 15 da ABL. Entre reuniões e conferências nos salões da Academia, atuava como polemista em algumas revistas, sob pseudônimos, em textos satíricos e jornalísticos. Foi nomeado presidente honorário da SHL, mais para que a Sociedade ganhasse visibilidade, tendo em vista que era pouco conhecida do público, do que efetivamente pela atuação de Bilac. Ele, assim como os outros membros das duas instituições, não teve qualquer posição de dirigente. SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. **A sátira do parnaso**: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. Assis (SP): Editora Unesp, 2007.

Esses escritores em início de carreira atuavam em revistas acadêmicas, periódicos de pequeno porte e, mesmo que alguns tivessem passagem por periódicos maiores não conseguiram projetar suas carreiras. Não encontravam espaço para publicar e expor suas ideias.

Na criação de *Floreal* destacamos três nomes de fundamental importância para o projeto de criação da revista. São eles: Antônio Noronha; Domingos Ribeiro Filho e Lima Barreto. A este, coube assumir as responsabilidades da revista e arcar com o custo da própria carreira literária, além das frustrações e dificuldades enfrentadas em 1907. Lima Barreto, em especial, apostou alto na criação da própria revista literária. De acordo com Lúcia Miguel Pereira:

Dirigia-a Afonso Henriques de Lima Barreto, que nela começava a publicar as Recordações do escrívão Isaías Caminha, livro de inspiração e timbre inteiramente brasileiros (...). No meio da alegre superficialidade, ressoava subitamente, uma voz áspera e amarga, o drama interrompia a opereta, a revolta explodia do seio da amenidade, um atormentado reclamava o direito de se fazer ouvir³⁹. (PEREIRA, 1988, p.283).

Antônio Noronha⁴⁰, Domingos Ribeiro⁴¹ e Lima Barreto mantinham amizade desde a Escola Politécnica e compartilhavam semelhantes aspirações. Naquele momento, os amigos queriam expor suas iniciativas culturais e fortalecer atividades artísticas. Como já foi dito, o espaço para os novos escritores não era favorável.

O grupo de amigos não tinha acesso aos canais que divulgavam e atribuíam legitimidade ao texto literário de qualidade à boa literatura, assim, era urgente e necessário criar um canal que fosse possível publicar, questionar pressupostos literários em vigor naquela sociedade, além de proporcionar um espaço para que novos escritores pudessem publicar suas obras, participar dos debates sociais e serem conhecidos pelos leitores.

Cabe salientar que as revistas era uma das poucas alternativas para que escritores em início de carreira pudessem ter a possibilidade de publicação e reconhecimento, pois não eram reconhecidos ou talvez porque não eram coniventes e filiados ao projeto reformista republicano, ou por falta de uma trajetória no meio literário.

³⁹ PEREIRA, Lucia Miguel. *Prosa de Ficção (1870-1920): história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988, p. 283.

⁴⁰ O que consta na pesquisa a respeito de Antônio Noronha Santos baseia-se na extensa correspondência trocada com Lima Barreto (ver BARRETO, 1956b, p. 59-119).

⁴¹ Domingos Antônio Alves Ribeiro Filho nasceu na cidade de Macaé (RJ) em 16 de março de 1875 e faleceu em 6 de julho de 1942. Foi funcionário público, jornalista, escritor, cronista e militante libertário (MARTINS, 2011, p. 4).

Segundo Brito Broca, a criação desse tipo de revista consistia em um projeto com objetivo de estabelecer um modo de “vida literária”⁴².

Entendemos que esse modo de vida literária caracterizava um estilo de sociabilidade entre os intelectuais, um conjunto de práticas definidoras de um padrão comportamental para o ser acadêmico naquela sociedade. Aqueles pretensos escritores que não pertenciam a esse ambiente acadêmico, como era o caso de Lima Barreto e amigos, eram considerados boêmios. A esse respeito, Sodré considera que:

O grupo boêmio, como fenômeno social urbano, surge na intersecção da ação e do significado, do gesto e do conhecimento, dramatizando nas tensões sociais uma imagem de si mesmo e da sociedade. É clara a recusa do grupo em aceitar uma identidade social estável e limitada⁴³. (SODRÉ, 1983, p.58).

A. Quadros, pseudônimo de Antônio Noronha dos Santos, amigo próximo de Lima Barreto, confirma a informação feita por Sodré: “Foi na americana, ou em algum outro café que surgiu a ideia de *Floreal*, revista na qual Lima Barreto começou a publicar *Recordações do escritor Isaiás Caminha*”⁴⁴. A respeito do ambiente dos *Cafés* temos mais informações com Barbosa⁴⁵, que afirma que a revista nasceu do anseio de Lima Barreto e um grupo de amigos frequentadores do Café Jeremias e do Café Papagaio, amigos que tinham o mesmo desejo: a publicação de seus escritos.

O grupo de Lima Barreto costumava se reunir em espaços considerados de boemia com muita regularidade, eram bem humorados e se reconheciam boêmios. A pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz⁴⁶, em concordância com Barbosa afirma:

Bastos Tigre, Emílio de Menezes, Raul Pederneiras e Lima Barreto compunham outra confraria – a —confraria humorística –, fazendo trocadilhos, desafios e, no caso de Calixto, que também frequentava as mesas do café, caricaturas bem-humoradas. (SCHWARCZ, 2017, p.194).

⁴² Brito Broca define esse conceito de —vida literária como um modo de atuação dos escritores na sociedade do período, baseado no mundanismo, ou seja, conjunto de práticas – conferências literárias, reuniões em salões – que prevaleceram em relação a uma produção estética inovadora. In: BROCA, Brito. A vida literária no Brasil -1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004 [1956], p. 68.

⁴³ SODRÉ, 1983, p. 58.

⁴⁴ B. Quadros. (pseudônimo de Antônio Noronha Santos). Primeiro Contato com Lima Barreto [prefácio]. In: A.H. Correspondência. Tomo II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p.9-14.

⁴⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto (1881-1922). Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 [1952].

⁴⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: Companhia das letras, 2017. Cf. SCHWARCZ, 2017, p. 194.

Em 1907 sabe-se que Lima Barreto abandonou a escola Politécnica, teve uma rápida passagem pela revista *Fon-Fon*. Nesse mesmo ano desenvolveu e lançou a revista *Floreal* junto com o grupo de amigos. Apesar da curta duração da revista (quatro edições). Em dado momento, *Floreal* conseguiu chamar do crítico José Veríssimo. Lima Barreto registrou esse momento no *Diário íntimo*⁴⁷:

—O ano que passou foi bom para mim. Em geral, os anos em 7 fazem grandes avanços aos meus desejos. Nasci em 1881; em 1887, meti – me no alfabeto; em 1897 matriculei – me na Escola Politécnica. Neste andei um pouco no caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o *Gonzaga de Sá*, entrei para a *Fon – Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive o elogio de José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* do mês passado. Começo a ser notado. (BARRETO, 1956, p. 125).

Os colaboradores de *Floreal* juntamente com Lima Barreto foram: Antônio Noronha Santos e Domingos Ribeiro Filho (amigos mais chegados do escritor) e os colegas não tão íntimos como Fábio Luze Manuel Curvelo de Mendonça.

Antônio Noronha dos Santos e Domingos Ribeiro Filho eram admiradores de Lima Barreto e de seu estilo de escrita, além de frequentarem o mesmo círculo anarquista que o escritor viria a frequentar. Noronha trabalhava na Secretaria do Estado, Ribeiro era um misto de boêmio e revolucionário pregando suas ideias e fazendo sua literatura nos cafés das ruas do Ouvidor⁴⁸.

Nesse contexto que nasceu a ideia de criação de *Floreal*, nomeada nas mesas dos cafés carioca por Lima Barreto e seu grupo. A pesquisadora Beatriz Resende afirma em *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*, que esse posicionamento está diretamente ligado ao nome do impresso com profundas implicações, sobretudo, de ordem política:

Floreal é o segundo mês na primavera no calendário da — Era da Liberdade que sucedeu a Revolução Francesa. Em nosso hemisfério corresponderia justamente ao mês de outubro. Dessa forma, pelo nome de batismo, a revista filiava – se ao ideário de liberdade, igualdade e fraternidade, que como diversas crônicas comprovam fascinava Lima Barreto na História da Revolução. Em 1788/89, na França, é forjada uma concepção moderna da palavra *cidadão*, empregada pelos patriotas para designar o homem que se tornou livre e que goza de seus direitos políticos em oposição aos súditos. (RESENDE, 1993, p. 84).

⁴⁷ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: memórias*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 125. O registro é feito no dia 05 de janeiro de 1908.

⁴⁸ BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: memórias*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.35.

Em pesquisas de Schwarcz, encontramos referência à chegada, nascimento e batismo do periódico:

O café tornou-se o quartel-general do grupo, que batizou de *Floreal* sua nascente publicação, em homenagem ao oitavo mês do calendário revolucionário, decretado em 1793 pela Convenção Francesa, e que lembrava a primavera e a liberdade dos povos... Lima também costumava destacar que havia nascido em maio: o mês das flores. (SCHWARCZ, 2017, p. 194).

A leitura do periódico em análise permite perceber quais eram as influências de Lima Barreto e de seus colaboradores e de que modo essas influências foram fundamentais para nortear as pautas apresentadas em *Floreal*, mediante o contexto de produção. Eles estavam atentos aos intelectuais, literatos e a tudo que era publicado na imprensa francesa, por exemplo, na revista *Revue des Deux Mondes*, que consta na biblioteca particular de Lima Barreto. De acordo com a fortuna crítica sobre a literatura de Lima Barreto há diversas referências do autor à revista, cuja concepção editorial influenciou na elaboração de *Floreal*.

O periódico dirigido por Lima Barreto teve entre suas principais pautas a defesa da liberdade de expressão dos colaboradores e a liberdade de seleção e organização do que seria publicado, uma vez que a revista era custeada pelos redatores. Era composta de manifestos políticos que exaltavam o anarquismo, ficção, crítica literária, poesia e literatura erótica, como o conto *Dia de amor*, de Ribeiro Filho, com notas de rodapé que ironiza o *Correio da manhã* pela censura imposta ao escritor.

Interessante notar que os idealismos estavam bastante aflorados e se contrapor a isso era preciso. Temos a impressão de que o grupo de intelectuais se via uma espécie de D. Quixote, no enfrentamento aos dragões e moinhos de ventos que presentes na grande imprensa, por isso, escreviam a respeito do que acreditavam ser necessário para o momento.

O posicionamento crítico do periódico fundado por Lima Barreto e seus companheiros frente à imprensa burguesa era de busca por liberdade e enfrentamento: de combate. Assim nasceu *Floreal*.

Segundo Denilson Botelho, autor da tese *Letras Militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*⁴⁹, (2001, p.) *Floreal* é um impresso marcado por modesta diagramação gráfica que destoava por completo de periódicos semanais de grande circulação e venda como *Fon-*

⁴⁹ BOTELHO, Denilson. *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

Fon e *O Malho*, que além de beleza gráfica figuravam como periódicos semanais mais vendidos no Rio de Janeiro da época.

Nesse caso, não se trata de lançar novo estilo, *Floreal* é uma forma de oposição oferecida por Lima Barreto e seus amigos diante das transformações em curso no ambiente da imprensa.

O escritor carioca entendeu que suas ideias e modo de escrever destoavam muito do requinte elitista predominante nos impressos de maior destaque, aceitação e circulação na cidade do Rio.

Não havia espaço para Lima Barreto. Durante o primeiro ano de circulação de *Fon-Fon*, o escritor teve mais que três crônicas publicadas com os pseudônimos Phileas Fogg e S. Holmes⁵⁰. O escritor precisava de liberdade para apresentar suas ideias, queria ser ele mesmo, sem disfarces. Não teve dúvidas, escreveu carta de demissão à Mário Pederneiras⁵¹:

—Não me gabo de ser lá grande escritor [...] entretanto, tenho feito esforços, neste e naquele gênero, para os agradar. Fantasio, imagino, faço química, escrevo pilhérias... não há meio!...l.
(SCHWARCZ, 2017, p. 193).

É importante ressaltar que a iniciativa de publicar *Floreal* não era exatamente uma reação à sua experiência na *Fon-Fon*, mas uma tentativa de ter o próprio espaço para publicar textos de mais fôlego. Entendemos que a iniciativa de Lima Barreto e seus colaboradores foi uma proposta vanguardista naquele momento, uma alternativa ao meio literário da época, dominado pelo academicismo e jornais diários.

2 REVISTA FLOREAL

Passaremos à análise da composição e estrutura da *Revista Floreal*, com base nas duas primeiras edições do periódico em estudo.

Floreal foi um projeto literário que surgiu em face das transformações que ocorreram na imprensa durante o início do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A partir desse ponto da pesquisa pretendemos: identificar os colaboradores do periódico; apresentar os

⁵⁰ Cf. CORREA, Felipe Botelho (Org.), *Sátiras e outras subversões*, op. cit., pp.193-5,375-6; na revista *Fon-Fon*, as crônicas —Falsificações! e Um novo sportl, assinadas por Phileas Fogg; e —O fio de linha! de S.Holmes.

⁵¹ Carta a Mário Pederneiras datada de 20 de junho de 1907. Ver Lima Barreto, *Correspondência ativa e passiva* – 1º tomo, op.cit., pp.161-4; e Francisco de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, op.cit., p.133.

ideais que os acompanhavam e o modo como esses ideais eram evidenciados nos textos da revista; evidenciar o conteúdo proposto pelos colaboradores da revista; demonstrar as marcas de crítica social, os elementos satíricos pautados pela ironia no tratamento de temas abordados em cada edição; considerar a recepção da revista naquele período, tanto pelo público leitor, quanto pelos meios de imprensa; refletir acerca da relevância de *Floreal* nos meios de imprensa da época.

As edições de *Floreal* foram compostas de artigos que trouxeram temas polêmicos relacionados à moral, questões de ordem política e social, discussão sobre estudos científicos, crítica literária, reflexões acerca do anarquismo e socialismo e textos literários diversificados, como contos, crônicas, poemas e capítulos das *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, o primeiro romance do escritor.

A revista se empenhou em apresentar sua insatisfação à superficialidade nas redações das grandes revistas e também ser um espaço de oportunidade de publicação para os colaboradores da revista. Enfatizamos que a crítica que o autor fez aos jornais diários, tratava-os como instituições que deveriam ser desafiadas por uma nova literatura que surgia naquele momento tanto em revistas populares ilustradas como nas pequenas revistas, como *Floreal*. A revista é o meio cultural a que Lima Barreto trilhou praticamente toda sua vida literária. Ocasionalmente, o autor buscou espaço em jornais diários para dois folhetins: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1911 no *Jornal do Commercio*; e *Numa e Ninfa*, publicado em 1915 em *A Noite*.

Para a criação de *Floreal* foi necessário que os colaboradores se unissem para custear a impressão e circulação do periódico. Cada colaborador investia uma quantia média de 10 a 20 mil-réis. A revista contou com a colaboração de doze escritores, que assim como Lima Barreto também buscavam um espaço para escrever e publicar. O grupo de colaboradores era formado por Afonso Henriques de Lima Barreto (diretor do periódico), Antônio Noronha, Carlos Lara, Chaves Barbosa, Domingos Ribeiro Filho, Edmundo Eneias Galvão, Gilberto de Moraes, João Pereira Barreto, Juliano Palhares, Manuel Ribeiro de Almeida, Mario Pinto de Souza e Octavio Rocha⁵².

Diante da leitura e análise das edições de *Floreal* podemos perceber que as edições apresentaram mudanças estruturais quanto à organização e roteiro dos assuntos tratados na revista, conforme pode ser observado no Sumário de cada edição. São alterações relacionadas ao nome atribuído às seções. O Sumário de cada edição será apresentado no decorrer do

⁵² Os nomes dos colaboradores estão presentes nas quatro edições de *Floreal*.

trabalho. *Floreal* teve duração efêmera, com quatro edições publicadas entre outubro e dezembro de 1907.

A primeira edição de *Floreal* data de 25 de outubro de 1907 (sábado), no primeiro andar da Rua Sete de Setembro, número 89, na cidade do Rio de Janeiro. *Floreal* nasceu como revista bimestral de crítica e literatura.

O primeiro volume era de formato pequeno 15x22 cm, composto de trinta e nove páginas abordando temas diversos, distribuída no valor avulso de \$ 500 réis. A capa era impressa em preto e branco, com referências ao ano (I); número da edição (1); identificação da revista (*Floreal*) grafada com letras que sugerem tom oriental; periodicidade (Publicação bimensal); assunto (crítica e literatura); nome do diretor (Lima Barreto); endereço da Redação (Rua Sete de setembro, 89 – 1º andar); local e ano de publicação (Rio de Janeiro - 1907).

A segunda capa da revista intitulada *Expediente* é composta de informações referentes aos valores de custo da assinatura do periódico, como transcrevemos abaixo:

Assinaturas	
- Trimestre...	3\$000 – Semestre... 6\$000
- Anno...	12\$000
- Avulso...	5\$00

Há, também, referências ao local (Rio); dia (25); mês (outubro); e ano (1907) de publicação da revista, além de informações a respeito do conteúdo publicado na edição número (1), conforme transcrevemos abaixo:

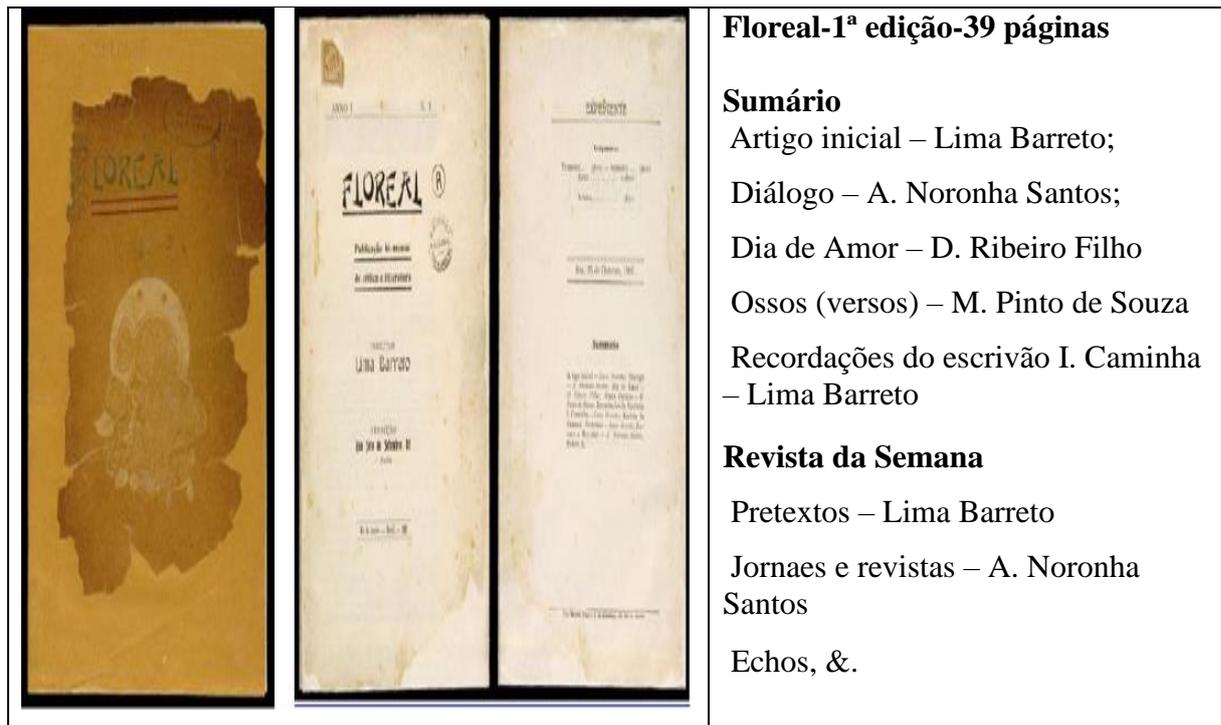
Ao final da página há o registro de endereço da tipografia responsável pela impressão do periódico (Typ. Rebelo Braga – R. da Alfandega, 180. Rio de Janeiro).

A ilustração da capa é do pintor Heitor Malaguti (1871-1925) e funciona como referência ao título da revista: um florão. Cabe observação de que a ilustração que ornamenta a capa de *Floreal* recebe o nome o técnico de vinheta.

Havia poucos anúncios na revista, o que pode ser uma justificativa para a necessidade de investimento pessoal dos colaboradores do periódico, uma que vez que, não havia venda de espaço para publicidade. Essa característica de pouca publicidade na revista se manteve ao longo das edições. Também chama atenção a falta de anúncios, se comparado o espaço que a

publicidade ocupava em outras revistas. Floreal contava com poucos anúncios⁵³ e com a propaganda de divulgação de *O cravo vermelho*, romance escrito por Domingos Ribeiro.

2.1 Floreal nº 1 – Rio, 25 de outubro, 1907



Floreal-1ª edição-39 páginas

Sumário

Artigo inicial – Lima Barreto;
 Diálogo – A. Noronha Santos;
 Dia de Amor – D. Ribeiro Filho
 Ossos (versos) – M. Pinto de Souza
 Recordações do escrivão I. Caminha
 – Lima Barreto

Revista da Semana

Pretextos – Lima Barreto
 Jornaes e revistas – A. Noronha Santos
 Echos, &

Fonte: Biblioteca Nacional Digital⁵³

No número de estreia da revista os textos foram escritos por Lima Barreto, Antônio Noronha Santos, Domingos Ribeiro Filho e Mario Pinto de Souza. O artigo inicial, assinado por Lima Barreto e distribuído em quatro laudas, tinha como finalidade justificar aos leitores o propósito do periódico.

Faltam-lhe nomes, grandes nomes desses que enchem o céu e a terra vibram no ether imponderável, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brazil; faltam-lhe desenhos, fotografuras, retumbantes páginas a cores com chapadas de vermelho⁵⁴. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 3).

⁵³ Anúncios presentes nas edições de Floreal: Casa Standart - Clubs de Pianos que funcionava como uma espécie de consorcio de Pianos; um Curso de Preparatórios para os exames de admissão ao Gynasio Nacional, Escola Naval e Politécnica; e, por fim, o romance *O Cravo Vermelho* de Domingos Ribeiro Filho, colocado à venda na Livraria Luso Brasileira.

⁵⁴ Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 4-5.

Lima Barreto apresenta a revista deixando explícitos traços de ironia ao referir-se aos grandes nomes que eram os jornalistas e literatos que colaboravam em grandes jornais e revistas. A ideia do escritor é transmitir um recado de que apesar da ausência de famosos, da escassez de recursos e ausência de modernidade representada por — desenhos, fotogravura e retumbantes páginas, a revista buscava uma inserção dentro daquele contexto. Sem recursos, sem apadrinhamentos, sem representantes do bilateralismo em vigor naqueles dias. O autor prossegue o artigo inicial fornecendo explicações acerca da revista:

Não se destina, pois, a *Floreal* a trazer a público obras que revelem uma esthetica novíssima e apurada, ella não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente a suas opiniões sobretudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado. E_ uma revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas páginas, com a responsabilidade de sua assinatura, manifestar suas preferencias, comunicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos quaesquer que sejam. (LIMA BARRETO, 1956, p. 182).

O escritor deixa claro que a revista não tem a intenção de anunciar novidades acerca de estética literária, e sim propor o debate público de interesse da sociedade da época e o direito de participação desse debate. A revista é uma busca por autonomia e liberdade, com responsabilidade. Percebe-se que o escritor expõe seu posicionamento contra outras revistas de maior visibilidade na época. A revista é apresentada como um periódico simples, porém, disposta a protestar contra a grande imprensa.

O autor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* também escrevia a respeito do cargo que exercia no periódico:

Desgraçadamente, não tenho essa sabedoria excepcional que super-habunda por aí; e, se alguma cousa justifica a minha directoria, não é com certeza, o meu saber [...]Examinando-me melhor, creio que há em mim, um inquieto a quem a mocidade dá longiquas parecenças de activo e de combatente; e quiçtaes semelhanças tivessem enganado os meus amigos e companheiros, elevando – me á direção desta pequena revista. O seu engano não foi total⁵⁵ [...].

Lima Barreto conclui a apresentação de *Floreal* apresentando-o como diretor da revista. O escritor revela as suas inquietudes e personalidade, porém ressalta a característica combatente de sua escrita e a dos amigos que lhe deram a incumbência de dirigir *Floreal*.

⁵⁵ Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 3-4.

Feita a devida apresentação, analisaremos os textos. *Diálogo*, texto de cinco páginas assinado por Antônio Noronha trazia o diálogo entre as personagens Pampilio e Philetas a respeito da banalidade com que ocorriam crimes conjugais, comuns àquele período. O escritor deixava claro sua abominação em relação a esse tipo de comportamento por meio de indagações feitas pela personagem Pamphilio, que diz o seguinte:

E os crimes por amor? Não reconhecetes nelles uma revolta consciente contra o amor efêmero? Que faz o homem quando mata a mulher amada, que foge se não puxá-la para si viva ou morta⁵⁶?
(Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 10).

Embora pareça estranho que o assunto principal da primeira edição seja um tema polêmico, uma vez que seria momento de marcar presença entre os leitores a partir da abordagem de temas mais leves e atraentes. O desejo de participação em grandes discussões acerca de acontecimentos da época pode justificar a escolha, ainda que pareça estranho e contraditório. Noronha revela sua abominação por crimes hediondos ao escrever que “entre os selvagens os crimes por amor ainda são mais raros que entre gente civilizada”⁵⁷. Noronha apresenta um traço libertário e contestador em *Floreal*.

A edição número 1 também contou com a publicação da terceira parte de um conto de Domingos Ribeiro Filho *Um dia de Amor*⁵⁸. O conto estava distribuído em oito páginas da revista. A primeira e a segunda parte foram publicadas em duas edições do *Correio da Manhã*, porém, sabe-se que o jornal manifestou censura ao texto, por considerá-lo imoral.

O conto de Domingos Ribeiro representava o espírito contestador e combativo presente na proposta de *Floreal*. Percebe-se que o elemento polemista era marcante nessa primeira edição. A revista surgia com ar de provocação ao tratar de assuntos que afetavam os elementos sociais e individuais com certo teor realista. Esse espírito esteve presente na revista, de modo particular nos textos de Antônio Noronha, Lima Barreto e do próprio Domingos Ribeiro.

⁵⁶ Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 10.

⁵⁷ SANTOS, Antônio Noronha. *Diálogo*. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, outubro de 1907, p. 07.

⁵⁸ O primeiro número de *Floreal* apresenta ao público a terceira parte do conto —Um dia de amor. Vera e Pedro, protagonistas da narrativa, se encontram, em uma chácara, para uma tórrida aventura extraconjugal. Em meio à descrição dos momentos íntimos desfrutados pelos jovens amantes, o narrador dispara críticas aos valores cristãos, ao recalque dos desejos e as convenções sociais. Leitor de autores anarquistas, Domingos Ribeiro Filho salienta, em uma nota, na primeira página do seu texto: —Os dois primeiros capítulos deste conto foram publicados em duas edições domingueiras do *Correio da Manhã* que não continuou a publicação por tê-lo julgado imoral. Sobre Moral, a redação do poderoso jornal diário tem maiores certezas que o Sr. Poincaré sobre geometria.

Logo, percebemos que manifestos políticos com ênfase nos temas anarquismo⁵⁹, ficção, poesia, crítica literária e até mesmo literatura erótica marcaram presença em *Floreal*, como uma espécie de pauta que legitimava o conceito de autonomia e liberdade que os editores buscavam.

Após o conto de Ribeiro é apresentado ao leitor os primeiros capítulos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, conhecido como o primeiro romance de Lima Barreto, que recorreu a um expediente da convenção ficcional para construir uma narrativa em primeira pessoa, que se apoia no suposto manuscrito de memórias deixadas pelo escrivão Isaías Caminha, personagem principal e narrador do romance. O autor polemiza a narrativa ao trazer o preconceito racial como tema central do romance, porém, uma leitura mais atenta apresenta ao leitor uma sátira que envolvia os bastidores do *Correio da Manhã*, prestigiado jornal carioca dirigido na época por Edmundo Bittencourt. O romance marcou o início do conflito vivido por Lima Barreto e os meios de imprensa do Rio de Janeiro. O capítulo ocupou oito laudas do periódico. No romance, tem-se uma apresentação bem ao estilo de Lima Barreto. Era o início de uma relação conflituosa com os homens de letras da imprensa. Eis a apresentação de Isaías, conforme publicado em prefácio em *Floreal*:

[...] Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da Livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornais ainda não me aclamaram como tal – o que sobra, me parece, são motivos bastantes sérios, para desculparem a minha falta de estilo e capacidade literária. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 23).

Nota-se que Lima Barreto retrata no romance o seu próprio processo de inserção no meio jornalístico; a submissão a homens de letras de nomes consagrados que consideravam o trabalho de jornalista como função inferior; a perda da ingenuidade acerca dos reais interesses que moviam os meios de imprensa, em especial da grande imprensa. São essas relações de interesse na imprensa que adere ao jogo político entre as oligarquias e o poder em criar e destruir relações e reputações na Primeira República. O escritor viu em *Floreal* um espaço que pudesse construir autonomia e liberdade para iniciar sua carreira literária como romancista, afinal era nos jornais e revistas literárias que estavam as possibilidades para construir uma reputação jornalística, literária e conquistar um espaço para publicação. Nesse sentido, Lima Barreto seguiu o caminho tradicional, publicando à moda de folhetim⁶⁰. Alguns capítulos foram

⁵⁹ BOTELHO, Denilson. Op. Cit., p. 61.

⁶⁰ A publicação em folhetim acontecia de forma fragmentada e seriada para atender as exigências de uma publicação periódica, podendo ela ser de caráter diário, semanal ou quinzenal. Às vezes se publicava obras inteiras caso tivessem, no decorrer de sua divulgação, uma boa aceitação.

impressos como folhetins nas páginas de *Floreal*. O romance não foi integralmente divulgado na revista, haja vista que teve somente quatro números publicados.

A primeira parte da revista terminava com o poema *Ossos*, de Mario Pinto de Souza, publicado na página vinte e oito de *Floreal*. O poema recorria a imagens ligadas à morte, tristeza e desencanto diante da existência. O tempo que dominava sobre todas as coisas é recorrente nos versos construídos a partir de antíteses e paradoxos. Seriam essas imagens correspondentes ao cenário daquele período? O segundo verso continha um aspecto que destoava dos demais versos do soneto, por ser uma redondilha maior entre versos decassílabos. Seria esse um traço de rebeldia e oposição ao academicismo?

[...]
 E o mesmo corpo, o mesmo penetrante
 Olhar que se dilata,
 E que vive e que morre num instante,
 E ao mesmo tempo vivifica e mata.

[...]
 (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 28).

A segunda parte do periódico na seção *Pretextos*. Lima Barreto assinava o texto *A Caravana*, de quatro páginas, e fazia duras críticas aos literatos e jornalistas que compunham — *A Caravana*⁶¹, grupo de intelectuais que se reuniam com o propósito de ditar o gosto artístico a ser seguido pelos brasileiros, ao invés de propor autonomia para que as pessoas pudessem aderir aos elementos culturais por si mesmos. O escritor afirmava:

[...] Eu julgava que os literatos e jornalistas, que se propõem a levantar a cultura geral do povo, deviam ter, por intermédio de suas obras, revistas e jornaes, comunicado aos seus leitores as ideias conductoras para que elles fizessem essa ascensão por si mesmos [...]. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 31).

Ainda no texto *A Caravana*, Lima Barreto desenvolvia uma espécie de painel social condenando hábitos da intelectualidade carioca, hábitos considerados elitistas, conservadores desde os tempos imperiais.

⁶¹ Coelho Neto dedicou seu livro *A Conquista* (1899) a *Caravana*, nome pelo qual ele designou o grupo de boêmio do qual fazia parte e que ele retratara no referido romance, dentre eles: Olavo Bilac, Paula Ney, Luís Murat, Guimarães Passos e José do Patrocínio. Sobre a revista *A Caravana*, encontramos apenas menções ao projeto como o anúncio publicado na *A Notícia*, 5-8 de outubro de 190. ano XIX, n. 238 p. 1 no qual o autor não identificado afirma que ela receberia também uma tradução para o francês.

Percebe-se a decepção do escritor, principalmente quando estabelecia comparações entre o período monárquico e republicano e a prática de fundar organizações, clubes e grupos que permitiam acesso somente a seus pares. Lima Barreto chegava a dizer que “esses homens não representam o povo”, por isso afirmava não acreditar em arte popular derivada desses grupos e defende o que acreditava ser uma das funções da literatura, citando Guyau, um dos formadores do seu pensamento crítico:

[...] Acantonam-se num ponto só e esquecem uma das maiores funções da literatura, que é de soldar os grupos de um país uns aos outros, revelando a cada um deles as sucessivas maneiras de pensar, de sentir, os sonhos, as aspirações particulares a cada qual, procurando, como mostra Guyau, os sentimentos e sensações comuns na incoerência de sentimentos e de sensações de cada indivíduo, de cada grupo, de cada classe. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 31).

Chamamos atenção para discussões a respeito de identidade feitas por Lima Barreto. Em seus escritos, o autor se mostrava incomodado com o tema, seja do ponto de vista pessoal, quanto nacional. A própria *Floreal* era uma marca de busca por identidade, desejava ser aceita, reconhecida, lida, ouvida. Os casos de discriminação por conta de sua origem afrodescendente geravam no autor essa necessidade, porém não é apenas o pessoal com implicações sociais como no caso particular de Lima Barreto. A discussão a respeito da identidade ganha tonalidades nacionalista. O autor não concordava com o ideal de nação imaginária, à República cabia dar novos contornos históricos sobre a invenção do Brasil oriunda do Império. Lima Barreto, em sua pobreza suburbana, ficava destinado à marginalização do espaço social; percebe-se em meio às relações de poder pouco preocupadas com temas polêmicos e urgentes naquela sociedade.

Embora a questão nacionalista seja mais evidente em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, as crônicas do escritor enfatizavam a importância atribuída ao tema. O literato não deixava de expor sua indignação ao preconceito racial, tema frequente na escrita de Barreto. Não por acaso, é em *Floreal* que nasceram os primeiros capítulos do romance de Lima Barreto, que discutia o universo da imprensa, e propunha reflexão sobre a questão racial em torno do protagonista de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. O escritor identificava o tema mais uma vez e declarava o quanto A Caravana de jornalistas, literatos, intelectuais promovida e disseminava o vulgar, o preconceituoso e o mau gosto por meio de concursos artísticos em conivência com a popularização de temas carentes de urgente debate, disfarçados em marchinhas de festejos de Carnaval, como a *Vem cá mulata*:

A Caravana, que se acaba de fundar, parece querer me dar razão, quando organiza um concurso de bandas de musica, cujo fim é extirpar da sensibilidade popular do soldado o gosto pelo tango e pelo maxixe. Porque não lhe mostraram, os literatos e jornalistas da "Caravana", nos seus livros, nos seus artigos, a hediondez do "Vem cá mulata"? (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 32).

Em *Jornais e Revistas*, Antônio Noronha Santos escreveu sobre um artigo publicado na *Mercure de France*, na edição de setembro, por Remy de Gourmont, sobre o cinematógrafo.

Remy de Gourmont, num dos seus últimos Epílogos, interessa-se pela sorte do cinematographo: « O cinematographo ameaça acaso o theatro, pelo menos esta espécie de theatro que é principalmente um espectáculo para os olhos? E' provável. A photographia cinemática vae ter o destino brilhante da photographia estática. A primeira quasi que aniquilou a gravura; a outra substituirá quasi em toda parte o espectáculo fornecido directamente por movimentos humanos. » (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 33).

A partir do excerto acima nota-se que a reflexão proposta por Noronha tinha como objetivo discutir a presença do cinema e a possível extinção dos espetáculos teatrais em detrimento da modernidade contida na Sétima Arte. O autor traça paralelos com as formas modernas de representação da vida cotidiana e cita exemplo acerca do aparecimento da fotografia e o impacto sobre as artes plásticas, além disso, Noronha faz considerações a respeito das considerações de Gourmont e demonstra certo entusiasmo vanguardista a respeito do cinematógrafo e seu grau de influência sobre outros campos artísticos, inclusive sobre a literatura e os gêneros que a compõem. Santos propõe uma literatura cinematográfica:

Estas considerações de R.Gourmont induzirão muita gente a olhar com menos desprezo o cinematographo. Quem sabe o papel que está reservado á litteratura cinematographica, si assim pode ser chamada? Devorará talvez o romance, o conto, a comedia, o drama, o poema narrativo. Um poema sem versos, que ideal, em certos casos! Mas isto são sonhos, sonhos incertos. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 35).

Na mesma seção, Noronha comentava a primeira Conferência sobre *A Cultura Latina* publicada na íntegra no *Jornal do Commercio* de 28 de setembro. A conferência foi proferida por Guglielmo Ferrero em visita ao Brasil em 1907. De acordo com Noronha, o historiador italiano atacou com a veemência o que considerava *germanomania* que encontrara solo fértil também no Brasil. Noronha informa, ainda, que apenas João Carneiro de Sousa Bandeira (Sousa Bandeira) oriundo da Escola do Recife protestou contra as ideias atrevidas de Ferrero no *Jornal Paiz*:

[...] Gravemente Ferrero derrubou os altares germanistas que há longos annos já, eram apontados ao nosso culto e ao nosso supersticioso respeito. E de toda a escola do Recife, o Sr. Sousa Bandeira foi o único a protestar (Paiz, 28 de Set.) contra as proposições atrevidas do historiador italiano. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 35).

O colunista detalha a partes da conferência que considerou pertinente para aquele momento, dentre as quais destacamos a guerra de 1870, evento que originou a predominância germânica nos campos da ciência e o quanto estes estavam superados pelos franceses nesse mesmo campo de atuação. Ao concluir o comentário, Noronha não deixou de tecer elogios ao conferencista, porém empregou característica peculiar ao grupo de *Floreal* e ironicamente fez referência ao romance *Canaã*, de Graça Aranha:

A conferência de Ferrero foi uma bella conferência. Emquanto nos lembrarmos delia, não poderemos mais sonhar com a "Chanaan" do sr. Graça Aranha. Mas não estará por algum tempo inacessivel «por motivo de concertos»? (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 37).

Na seção *Ecos* os editores publicaram comentários pejorativos a respeito do inventor e aviador, Santos Dumont. Em tom debochado, a reputação de grande inventor era posta em cheque, além do status de personalidade do momento e seu mundo de glamour em Paris:

Instantâneos—Santos Dumont—Parisiense. Mais conhecido no globo do que a Cléo de Mérode. Tem automóvel, frequenta bellas mulheres, e apparece nos albums de Sem, ao lado do grão-duque Wladimir, outro legitimo parisiense, também. Se o quizessem collocar no rói dos grandes inventores, entre Fulton e Denis Papin, não ficaria menos espantado do que nós. Vemos daqui o seu sorriso de piedade e mofa. —Eu? diria. Se vocês continuam com esta cantiga, desmoralisam-me. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 37).

Percebemos, assim, características próprias da escrita de Lima Barreto exposta nas páginas da revista: como a sátira.

A edição número 1 de *Floreal* é encerrada com uma nota de humor a respeito dos reformadores da ortografia, que acreditavam na obra literária realizada a partir da simplificação e economia. E que apresentam à própria revista para validar o comentário em clara provocação aos defensores do academicismo em vigor naquele momento e o controle estabelecido no tocante a modos e custos da produção escrita:

Ao tratarmos da impressão desta Revista, o impressor avisou-nos que seria mais cara se usássemos a orthographia acadêmica. Com isto, não há quem se

opponha, a vantagem da economia levou um golpe profundo, e a de simplificação ficou um tanto abalada, quando nos disse tão sagaz profissional que a revisão na graphia reformada exigia três, quatro e mais provas. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 39).

Não podemos fazer afirmações concretas acerca da recepção crítica de *Floreal* após a leitura de seu primeiro volume. O dado mais conhecido a respeito da recepção da revista, no universo de debates entre estudiosos da obra de Lima Barreto, é a correspondência⁶² enviada pelo romancista e crítico de arte Gonzaga Duque para o editor de *Floreal* em 26 de outubro de 1907. Gonzaga Duque escreveu “[...] li a tua *Floreal*. Ela está cheia de ti, da tua forte, original individualidade, do teu talento. É uma formosa revista (...). Cintila e tem resistência”.

Em resposta à carta de Gonzaga Duque, Lima Barreto escreveu uma carta⁶³ sem data, agradecido pelo elogio:

Animou-me muito a tua cartinha. Imagine que, quando a recebi, só o Jornal do Brasil tinha dado notícias da revista, e, até aquela hora, me parecia que a edição ia morrer completamente ignorada. Sabes muito bem que o —Bloco não é só na política; há um também nas letras.

É possível encontrar a citada correspondência de Gonzaga Duque no *Jornal do Brasil* de 26 de outubro de 1907. Em uma coluna entre anúncios de serviços médicos. Nela podemos ler o seguinte trecho:

[...] —chama-se Floreal uma nova revista literária que encetou ontem a sua publicação, nesta Capital, dirigida pelo Sr. Lima Barreto, que traça, com bastante humor, o seu programa⁶⁴.

Percebe-se no fragmento certa descaracterização acerca do ideário de combate, anarquismo e autonomia apresentado por Lima Barreto na apresentação de *Floreal*. Gonzaga tratou o periódico como programa de humour. Os colaboradores acreditavam que a revista era o suporte necessário para estabelecer o debate acerca de questões que circundavam a vida social e veicular textos, ideias, e obras produzidas por eles, conforme afirmou o diretor Lima Barreto:

[...] Mas, comquanto as nossas divergências sejam grandes, há entre nós uma razão de completo contacto: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade atuais e o nosso dever de nos publicar. [...] (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907).

⁶² DUQUE, Gonzaga. Carta para Lima Barreto (26/10/1907). In: Correspondência: ativa e passiva. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 167.

⁶³ BARRETO, Lima. Carta para Gonzaga Duque (s/d). In: Idem, p. 168

⁶⁴ Cf. Noticiário. In: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, ano XVII, nº 299, outubro de 1907, p. 03.

2.2 Floreal nº 2–Rio, 12 de novembro, 1907

		<p style="text-align: center;"><i>Floreal</i>-2ª edição-40 páginas</p> <p style="text-align: center;">Sumário</p> <p>Spencerismo e Anarchia M. Ribeiro de Almeida</p> <p>Face a face J. Pereira Barreto</p> <p>História triste Carlos de Lara</p> <p>Recordações do escrvão Isaías Caminha (Continuação)..... Lima Barreto</p> <p>Revista da Semana</p> <p>Pretextos. A. Noronha Santos</p> <p>Questões actuaes. Edmundo Enéas Galvão</p> <p>Protocollo.....</p> <p>Echos</p>
--	--	--

Fonte: Biblioteca Nacional Digital⁶⁵

A segunda edição de *Floreal* saiu com o mesmo formato da primeira edição e era composta de quarenta páginas. O valor também continuou o mesmo: \$ 500 réis. Na ocasião, *Floreal* chegou ao público em 12 de novembro de 1907, após ser editada no primeiro andar da Rua Sete de Setembro, número 89, cidade do Rio de Janeiro.

A capa em preto e branco trazia descrições informativas a respeito da edição, tais como referência ao ano (I); o número de edição (2); a identificação da revista (*Floreal*); a periodicidade (Publicação bimensal); assunto (crítica e literatura); o nome do diretor (Lima Barreto); endereço da Redação (Rua Sete de setembro, 89 – 1º andar); local e ano de publicação (Rio de Janeiro - 1907).

Quanto à capa havia um elemento diferencial em relação à edição anterior: vinheta (ilustração), a imagem de um florão que parecia brotar de uma base, cuja semelhança lembra

⁶⁵ Capas da segunda edição de *Floreal*
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=164623&pasta=ano%20190&hf=memoria.bn.br&pagfis>
=. Acesso em abril 2022.

uma coluna grega de onde emerge um ramo em flor. Parece haver um diálogo com o estilo artístico *art nouveau*, predominante na época.

A segunda capa da revista intitulada *Expediente* é composta de informações referentes aos valores de custo da assinatura do periódico, como transcrevemos abaixo:

Assignaturas	
- Trimestre...	3\$000
- Semestre...	6\$000
- Anno...	12\$000
- Avulso ...	5\$00

Segue referências ao local (Rio); dia (12); mês (novembro); e ano (1907) de publicação da revista, além de informações a respeito dos assuntos publicados na edição número 2, conforme transcrevemos abaixo:

Ao final da página há o registro de endereço da tipografia responsável pelo periódico (Typ. Revista dos Tribunaes – R. General Caramuru, 103. Rio de Janeiro).

A seguir, faremos uma breve exposição a respeito dos assuntos abordados na segunda edição de *Floreal*.

No periódico nº2 os redatores de *Floreal* avaliaram as vendas e conforme registrado na reprodução do diálogo entre a Redação e Tomás Labanca, responsável pela distribuição do periódico, lê-se: “– 38 exemplares – sobre 850 mil habitantes da cidade do rio de Janeiro. Dignos 38!”.

O novo número de *Floreal* dedicou o artigo inicial à discussão dos erros e acertos das ideias de *Herbert Spencer* (1820-1903), filósofo e sociólogo inglês, defensor da corrente organicista que buscou explicar a vida em sociedade, além de ser ligado às teses do darwinismo e com grande influência sobre os intelectuais brasileiros.

Em *Spencerismo e anarquia*, de Manuel Ribeiro de Almeida, o escritor discorre sobre responsabilidades e atribuições (lugar, extensão e função) do Estado, além de avaliar o papel de intervenção administrativa. O texto de dez páginas é uma reflexão:

Se isso é verdade, se, portanto, toda e qualquer intervenção do Estado tende a se propagar por esse modo, o único meio de impedir que o Estado invada tudo, é que se chegue ao Socialismo é reduzir o Estado a zero. O critério primordial de Spencer anulla, portanto o Estado, e ou Spencer é contradictório, ou elle é Anarchista. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 5).

Observa-se que Ribeiro buscou fazer distinções entre socialismo e anarquismo. O autor se declara simpático ao anarquismo, porém, admite que nem sempre esse ideário acompanha o desenvolvimento de certa ordem de sentimentos e nesse sentido, deixa claro sua insatisfação a intervenção do Estado⁶⁶, seja ela qual for. Na sequência, o impresso traz o poema *Face a face*, de João Pereira Barreto. O poema apresenta teor místico:

Culpa não tem a flor de ser flor, culpa a estrella
 Não tem de ser estrela; e culpa de ser homem
 Não na tem o animal transfigurado pela
 Influencia dos ideaes soberbo que o consomem [...]
 Pois essa força é o Deus que os homens não escuta,
 E os vê-talvez soltando irônica risada,
 Tombarem sem razão e sem glória na luta
 [...]
 (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 13).

Acreditamos que o poema apresenta elementos místicos por dialogar com o Simbolismo, estética literária do final do século, que não desfrutava da mesma popularidade do esteticismo parnasiano. O poema é concluído em tom de ironia e ceticismo ao fazer referência a um Deus que solta irônica risada, enquanto os homens tombam sem razão e sem glória na luta. Esse espírito de abandono por parte do divino parece marcar o estilo dos colaboradores de *Floreal*, sempre alheios ao discurso religioso em seus textos. A edição trazia o conto simbolista *História triste*, assinado por Carlos Lara.

No início do conto há uma singela dedicação (A Lucillo) ao final do texto, consta a assinatura do autor, local e data da provável escrita do conto (24 de Junho 07). O conto reproduz a conversa de quatro amigos (Prado, Ramiro, Lucy e o narrador) durante um baile. O texto é composto de um misto de crítica social, autoironia e apresenta desfecho ousado. O autor é pouco conhecido, a publicação ocupou pouco mais de três páginas do periódico. Segue breve excerto do conto:

Na sala junto, toda cheia de luz, dançava-se animadamente, e nós quatro em volta à meza, uma meza redonda de xarão, passávamos a noite em sossegada palestra. E foi ali naquela saleta onde as ramagens prateadas do papel ressaltavam nítidas á claridade semi-velada d_um *abat-jour*, no meio daquele relativo silencio que havia em torno de nós, enquanto lá fora chovia forte e havia frio, e na sala, junto ao calor das luzes, dançava-se animadamente, que ouvi do Prado a narrativa de uma grande miséria, desta miséria que faz sofrer os bons e ainda é capaz de abalar as mãos. Prado sabia contar; tinha voz, no

⁶⁶ ALMEIDA, Manoel Ribeiro de. Spencerismo e anarquia. In: *Floreal*. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, novembro de 1907, p. 12.

gesto e no olhar (um bom olhar azul um azul secco), as grandes sensações porque passára. —Foi em Londres, em uma noite fria de inverno, noite cheia de neblina e humidade [...].

(Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 14).

Mais uma vez observa-se o diálogo com os simbolistas, sugestão proposta na narrativa em conjunto com os elementos sensoriais — luz, dança, frio, voz; além do ambiente noturno, frio e comum ao ambiente ficcional simbolista.

A conclusão da primeira parte da segunda edição da revista trouxe a continuação da narrativa a respeito de *Isaías Caminha* distribuída em aproximadamente oito páginas.

Lima Barreto discorre a respeito da despedida, a mudança de Isaías para o Rio de Janeiro e a esperança de uma vida melhor. O autor reforça a trajetória de Isaías ao relembrar a morte do pai do escrivão e os esforços da mãe para que o filho prosseguisse empenhado nos estudos para conseguir uma vida melhor que a que levara até então, apoiado pelo tio. O enredo prossegue na próxima edição da revista.

Na coluna *Pretextos*, de Antônio Noronha Santos, o assunto era a *Lei do Sorteio* (1906) e as dificuldades relacionadas ao Exército brasileiro. Assim, escreveu Noronha:

Podíamos ter organizado o serviço voluntario; o soldado seria um profissional bem pago e bem tratado. Uma boa paga, que chamariz em certas regiões do Brazil! Euclides da Cunha, nos —Sertões!, já nos mostrou uma raça forte de homens que homens que dariam soldados incomparáveis. Desde que se estabelecessem quartéis regionais, teríamos em breve núcleos possantes, em uma palavra, um exército. Mas para organizar um exército deste modo, seria necessário tomar em consideração as condições econômicas e sociais do Brasil, verificar o número de soldados que comporta o seu estado financeiro, entregar a especialistas o estudo do processo pelo qual se poderia estabelecer o voluntariado com sucesso entre nós. Mas quanto trabalho daria, quanta massada! Preferiu-se escolher uma solução, á primeira vista mais *simples*, mas na realidade mil vezes mais complicada do que a outra.

(Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 28).

Em *Questões atuais* Edmundo Enéas Galvão abordava também a questão sobre a militarização por via direta em *O sorteio e a sociedade*. O texto era uma discussão sobre o sorteio que seria realizado para recrutamento ao serviço militar, atitude contrária àquela que pregava a inteira dedicação à pátria. Noronha inicia a discussão:

Agita-se neste momento no nosso meio social, um problema, que, devido às suas fundas raízes com os outros componentes do nosso bem estar, se torna um tanto difícil de resolver. Refiro-me ao serviço militar obrigatório. Não sou pacifista a ponto de, embalado nos cantos theoreticos das grandes potencias, acreditar na paz futura. [...] Procuremos incutir no cidadão que o ser soldado não é trazer uma farda e amarrar-se a um sabre; e sim: o ser nobree grande na

sua inteira dedicação à pátria. Antes de qualquer mudança social, é preciso preparar gradualmente o ânimo do povo para ella. Hatez lentement Preparemos o caminho para os que atraz de nós vêm. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 29-32).

Noronha e Galvão fazem jus ao ideário da revista trazendo para o debate público as práticas do exército em relação à sociedade brasileira e tecem críticas ao serviço militar obrigatório. Observa-se a perspectiva crítica e acento nacionalista que caracterizava Lima Barreto. A menção a Euclides da Cunha e seu ensaio reforçam a importância de discussão a respeito do tema. Na seção *Protocolo*, os editores destacaram a recepção ao periódico e dirigiram agradecimentos aos poucos cumprimentos recebidos pela publicação da primeira edição. Destaque para o *Correio da Noite*. A nota de agradecimento contém um elogio à redação que recebeu a equipe de *Floreal* com gentileza e apoio. O grupo de Lima Barreto demonstrou-se vaidoso e agradecido.

O elegante jornal das 6 horas da tarde, o «Correio da Noite», quasi sem antecessores na nossa publicidade periódica, recebeu-nos de uma maneira gentil e superiormente fidalga, como sabem usar os seus valentes redactores com os que começam. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 29-32).

Os editores também agradeceram o escritor Gonzaga Duque. Em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, no capítulo *O café do Globo*, de Edmundo Luís, o autor informa que Gonzaga era uma personalidade carismática nas rodas literárias dos Cafés cariocas. Duque era autor da obra *Mocidade Morta* e tinha admiração por Lima Barreto. Há registros de troca de correspondência entre ambos. A esse respeito, abordamos o assunto no final da apresentação da edição número 1 de *Floreal*.

Em *Protocolo*, outra menção ao elogio, conforme registro:

Floreal mereceu de Gonzaga Duque a excepcional destinação de uns cumprimentos. [...] Que ele receba esta nota jubilosa com uma emoção correspondente à nossa, quando das suas mãos patricias partiram as palmas que foram o nosso hymno de marcha. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 33).

Lima Barreto parece ser o mais entusiasmado com os elogios, pois para ele não se tratava apenas de um elogio, mas sim o pertencimento e a visibilidade no espaço da imprensa.

O terceiro elogio foi dirigido aos jornais *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brazil* ao término da seção.

Alguns jornais, porém, tiveram a delicadeza e a lealdade de noticiar o nosso aparecimento; foram poucos: o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta*, cremos, e o *Jornal do Brazil*. Agradecemos tão relevante favor, especialmente ao último, que não se demorou em fazê-lo. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 34).

O *Jornal do Commercio* de 09 de dezembro de 1907, *Floreal* mereceu apresentação feita por José Veríssimo⁶⁷, respeitado crítico literário, que na época, recebia muitos periódicos em fase de estreia para analisar e dar seu parecer. A respeito do periódico de Lima Barreto, Veríssimo dava notícia de uma “magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público”, como podemos ler abaixo:

—Ai de mim se fosse a —revistarl aqui quanta revistinha por aí que aparece com presunção de literária, artística e científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parece sem o menor valor, por qualquer lado que as encaramos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público, e onde li um artigo —Spencerismo e Anarquial, do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela Recordações do Escrivão Isaias Caminha, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão. (José Verissimo).

Na mesma seção foi publicada nota sobre o romance *Cravo vermelho*, de Domingos Ribeiro Filho, considerado, de acordo com a nota, o primeiro de uma série de estudos sociais e morais, que tinham como mola interior a questão da importância do estabelecimento de uma regra para nossa conduta à felicidade. O romance recebe certo elogio e é recomendado aos leitores.

Esripto com vigor, sem os arrebiques de estylo dessa nossa litteratura de *a propósito*, o livro do Domingos merece ser lido por aquelles que não guiam as suas leituras pelas receitas dos jornaes. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 34).

Nota-se que Domingos Ribeiro fez uso da revista para divulgar seu romance, conforme foi dito anteriormente. O autor segue firme em suas convicções de anarquista e oferece mais uma vez conteúdo desafiador para os padrões da época.

⁶⁷ VERÍSSIMO, José. Revista literária. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro (09/12/1907). Esse comentário foi realizado por José Verissimo na coluna —Revista Literária que ele assinava no *Jornal do Commercio*, edição de 9 de Dezembro de 1907, e foi reproduzida na segunda edição em formato de brochura do romance —*Recordações do Escrivão Isaias Caminha*” de setembro de 1909, como parte do prefácio ampliado que Lima Barreto deu a obra e que intitulou de —Breve notícia. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 23).

Em *Ecos* os assuntos em destaque foram tratados com ironia e tom crítico características do periódico. A ironia não era apenas força de expressão, mas o caráter satírico expresso em determinados textos de *Floreal* e que marcava o estilo de escrita de muitos colaboradores da revista, em especial a escrita de Lima Barreto.

A seção é iniciada com um texto que faz referências ao jornal *Gazeta de Notícias* e o destaque era um texto a respeito da coluna *O Binóculo*, que ocupava a primeira página do jornal. O texto citava, ainda, o *Paíz*, e o pagamento de uma dívida como o Banco da República. Era uma demonstração do quanto os jornais estavam voltados naquele momento para assuntos que não dialogavam com a realidade social.

Jornaes ha que festejam o semestre com boletins gratuitos, e desprezando a base de todo e qualquer jornal que é ser lido, muito lido, conseguem festejar consecutivos anniversarios. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 35).

Há uma sátira aos costumes da elite brasileira, representada por Madame de Bulhões Silva, em cuja casa, o chá era servido ainda fervente. A crítica é dirigida ao Barão do Rio Branco, que simbolizava pose aristocrática, herança do Império, além da pompa de embaixador dono de discursos extensos e vazios, embora a cidade tenha passado pela *Regeneração* imposta pelos republicanos. Os editores de *Floreal* deixaram claro o posicionamento diante dos projetos de reformas impostas pelos republicanos. A esse respeito, e em tom jocoso, escreveram:

Hontem, em casa de Mme.de Bulhoens Silva, o chá foi servido absolutamente fervendo. E' triste veimos actualmente, quando a energia e a tenacidade do governo passado reformaram quasi totalmente a nossa cidade, esse lado fraco dos nossos criados. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 35).

Há diversas referências à atuação da imprensa carioca de modo humorado e irônico, sobretudo no comentário provocativo feito ao grupo de jornalistas e literatos que se tornaram assunto no texto de abertura da segunda parte, da primeira edição de *Floreal*, nomeados como *Caravana*. Dessa vez, os editores da revista evidenciaram a inoperância dos componentes do grupo Caravanas e ainda afirmaram que tal qual a primeira, a segunda Caravana contava com membros dispostos a ocupar o lugar de beduínos, nunca de camelos. Porém, mais adiante, percebe-se um discurso mais ameno, apesar de ácido, uma vez que os integrantes de *Floreal* identificaram membros da Caravana como compradores da revista:

[...]— Sim!!! Da Caravana!!! Da Caravana que havia effectuado uma reunião secretíssima e que havia entregue a 3 dos seus membros plenos poderes e 1500 para a compra de 3 números da *Floreal*!!... — Caravana! A *Floreal* retira ao que disse de ti no seu primeiro número o correspondente a esses mir e quinhentos réis! Caravana! Ser-te-ha contado isso no teu activo! Não se dirá mais de ti que não sabes senão comer banquetes e compor menus! Tem confiança, Caravana!

(Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 39).

Os redatores comentam ainda a respeito dos ecos acerca da conferência de Ferreto tratada na primeira edição; outras considerações sobre o Binóculo e atuação da imprensa e a evolução jornalística.

O segundo número foi finalizado com ironia, uma característica da escrita dos jovens escritores de *Floreal*, fazendo referência aos 38 exemplares vendidos e inclusive estendendo cumprimentos aos leitores que haviam adquirido a edição. A avaliação acerca das vendas é apresentada na reprodução do diálogo entre a redação e o distribuidor de *Floreal* Tomás Labanca:

—« Quantos; Labanca? »

—« Trinta e oito», respondeu o Labanca, com intonação compungida.

— 38! Sim, tinham sido 38 os exemplares avulsos, vendidos do primeiro numero da *Floreal*! Trinta e oito — 38—sobre os 850.000 habitantes da cidade do Rio de Janeiro, por curiosidade, por esquecimento, por qualquer motivo, este aqui, aquelle mais adiante, haviam composto unidade por unidade, aquelle numero, único entre todos os da serie dos números inteiros, que teriam que figurar no activo da *Floreal*: VENDA AVULSA... . 3 8 EXEMPLARES (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.02, 12 de novembro de 1907, 38).

Em termos de estética e composição, a revista manteve a falta de apelo visual, ausência de nomes famosos e o compromisso com os ideais de seus colaboradores, mesmo com a pouca aceitação da revista. A segunda edição vendeu 82 exemplares. Verificamos que apesar de pequenas notas terem comentado o surgimento da revista, ela seguiu sem vendas expressivas ou indícios de adesão por parte do público leitor de revistas na época. Por outro lado, o teor crítico nos leva a questionar a popularidade da revista associada aos colaboradores, inclusive em relação a Lima Barreto e a *Floreal*. De qualquer forma, os números apresentados demonstram as dificuldades enfrentadas por Lima Barreto e seus companheiros de revista, principalmente quanto a sua inserção no mercado editorial, naquele contexto sócio, histórico e econômico, diante do pouco caso tanto dos leitores, quanto da imprensa.

2.3 *Floreal* nº3—Rio, 12 de novembro, 1907

	<p style="text-align: center;">Floreal-3ª edição-48 páginas</p> <p style="text-align: center;">Sumário</p> <p>A evolução da Matéria..... M. Ribeiro de Almeida</p> <p>Túnica de Beijos..... Octavio da Rocha</p> <p>Cezar..... Gilberto Moraes</p> <p>Educação negativa..... D. Ribeiro Filho D. Ribeiro Filho</p> <p>Recordações do escrvão Isaías.Caminha..... Lima Barreto</p> <p>Revista da Quinzena: Jornaes e Revistas. Juliano Palhares</p> <p>Literatura e arredores..... Lima Barreto</p> <p>Theatros e Conferencias. Chaves Barbosa</p>
--	---

Fonte: Biblioteca Brasileira Digital⁶⁸

A terceira edição de *Floreal* foi lançada no mercado editorial em 12 de novembro de 1907. O periódico teve formato pequeno 15x22 cm, composto de quarenta e oito páginas, distribuído no valor avulso de \$ 500 réis.

A capa foi impressa em preto e branco, com referência ao ano (I); o número de edição (3); a identificação da revista (*Floreal*); a periodicidade (*Publicação bimensal*); assunto (*crítica literatura*); endereço da Redação (*Rua Sete de setembro, 89 – 1º andar*); local e ano de publicação (*Rio de Janeiro-1907*).

Em relação às capas das edições números três e quatro, conseguimos acesso ao material que está disponível na Biblioteca Brasileira Digital e observou-se que ambas mantêm a mesma vinheta: um florão com o nome da revista, acabamento melhorado com certa tendência *art nouveau* em relação às edições anteriores. A edição três foi composta de 48 páginas. Manteve-se o nome do diretor Lima Barreto e informação descritiva a respeito do conteúdo veiculado na revista *Publicação Bi-Mensal de Crítica e Literatura*. O valor da revista foi grafado em destaque (sublinhado).

⁶⁸ Capa da terceira edição de *Floreal*.

https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6864/4/Ano.1_n.03_45000033225_Output.o.pdf Acesso em maio 2022.

Importante destacar que apesar de posicionamentos assumidos pelos integrantes da revista, a presença de elementos que aludem discretamente à modernidade que se impunha naquele período, indica demonstrações de ruptura, inovação e tradição.

A segunda capa da revista intitulada *Expediente* é composta de informações referentes aos valores de custo da assinatura do periódico, como transcrevemos abaixo:

Assignaturas
-Trimestre 3\$000 – Semestre 6\$000
- Anno 12\$000
- Avulso 5\$00

Há também referências ao local (Rio); dia (12); mês (novembro); e ano (1907) de publicação da revista, além de informações a respeito do conteúdo publicado na edição (número 3) e um aviso para os assinantes interessados em obter números anteriores de *Floreal*, conforme transcrevemos abaixo:

AVISO

Prevenimos aos interessados que os números atrasados desta Revista podem ser obtidos na livraria Luso-Brasileira, à rua da Assembléa a. 46, ou na nossa redação, á rua Sete Setembro n. 89, sobrado, onde sempre estamos, nos dias úteis, das 4 ás 5 horas, á disposição dos que nos procurarem.

Ao final da página há o registro de endereço da tipografia responsável pela impressão do periódico (Typ. da Revista dos Tribuanas – R. General Camara,103. Rio de Janeiro).

A seguir, faremos uma breve exposição a respeito dos assuntos abordados na terceira edição de *Floreal*.

A terceira edição do periódico trazia como texto de abertura um artigo intitulado *A evolução da matéria*, de Manuel Ribeiro de Almeida. O artigo apresenta um tratado a respeito da obra de Gustave Le Bon. Embora conhecido por suas teorias sobre a psicologia das massas e por máximas a respeito da superioridade da raça branca, Manuel Ribeiro fez a resenha de *L'Évolution de la matière (1905)*, obra desconhecida do grande público e que abordava um tema árido em torno da ideia de que toda matéria”, se dissocia lentamente [] e tudo desaparece aos poucos no éter”.

O texto é uma leitura complexa distribuída em onze páginas. Ribeiro aponta erros e defeitos na obra do Dr. Le Bon, sem, no entanto, diminuir o valor do cientista.

O artigo de Manuel Ribeiro estabelece diálogo com as ideias de Le Bon e cita trechos da obra em francês. Segundo Ribeiro, as teses de Le Bon a respeito de eletricidade e radiação são interessantes, apesar de determinados erros. A seguir, um breve fragmento do texto:

[...] O livro está cheio de defeitos e de erros, mas é simplesmente empolgante. Parece impossível que um outro livro com o mesmo numero de paginas possa suggerir maior numero de idéias. Os factos apresentados ahi são do maior interesse, determinando approximações imprevistas e curiosissimas.[...] O livro é assim extraordinariamente interessante ; mas haveria n'elle muito que corrigir.[...] — Mas com tudo o que se pôde notar de defeituoso ou de inferior no trabalho do Dr. Gustave Le Bon, o seu valor ainda assim, é extraordinário.[...] (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,7 -13).

Temos na terceira o poema *Túnica de beijos*, de Otávio da Rocha. O poema foi dedicado a Deodoro Leucht e estava organizado em dois quartetos e dois tercetos, portanto um soneto. Os versos representam um casal que brinda com taças cheias de vinho e em seguida se despem em meio às carícias tecidas de beijos. A audácia parece querer enrubescer os leitores e leitoras mais conservadores por meio de intenso teor lírico, bem ao gosto da tradição finissecular:

Em teu collo de jaspe a cabeça repouso
E aspirando o perfume e aspirando esse aroma
Que se evola de ti, um desejo me assoma
De sorver toda inteira essa fonte do Gozo [...]
E ao ver-te a forma escultural, a fôrma única,
Tua nudez envolvi nas dobras de uma túnica
De caricias tecida, tecida de beijos!..
(Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,7 -14).

O impresso também trouxe o conto *Cezar*, de Gilberto Moraes. O conto é narrado em primeira pessoa e representa uma infância trágica, cuja narrativa apresenta a trajetória do garoto *Cezar*, com muitos predicativos, e que por isso é alvo de inveja dos colegas. O ponto alto do texto é o falecimento precoce do menino. O texto é composto de lirismo e descrição.

Era um grupo de cinco ou seis creanças, formando roda ali, na alameda do jardim. O sol pallico, fraco, o anêmico sol dos poentes invernaes diluía tonalidades melancólicas na relva verde-escura dos taboleiros. Paradas ou saltitantes as creanças brincavam; juntas ou separadas iam, vinham e fugiam de novo. Nas corridas, nas fugas, nos ataques, às vezes, os seus cabellos louros, castanhos, negros, compridos ou curtos, chocavam-se. Os olhos banhavam - se de lagrimas brilhantes, de coleras rápidas. [...]
Mas o que mais me prendeu a atenção foi um menino de oito ou nove annos, que pulava e corria mais do que os outros. Em certos instantes quando ele estava mais longe, eu sentia de um banco próximo ao meu, um olhar tranquillo de mãe, inquietar-se e seguir vigilante os passos rápidos, enquanto uma voz

murmurava «César, César.» (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,14 -15).

Domingos Ribeiro Filho colaborou nessa edição com o ensaio intitulado Educação negativa, uma crítica à vida moderna e que propõe uma reforma pedagógica libertária. O autor sugere que os desejos das crianças sejam estimulados ao invés de reprimidos. Domingos Ribeiro propunha diálogo com as questões sociais de seu tempo, sobretudo acerca de contextos familiares. Combateu a hipocrisia social nas páginas de *Floreal*.

O espectáculo desgostante da vida moderna, o aspecto irregular e inquietador da sociedade em que a fortuna ou o infortúnio nos mantém, fazem com que se pergunte: — Será este o fructo lógico e legitimo da educação positiva que se ministra á mocidade contemporânea? Eu o creio. A' força de nos ensinarem a viver, matam-nos. Fazem de nós como dos animaes amestrados, os cães e ursos sábios, deslocados do meio natural e postos ao suicídio lento para hilaridade das multidões. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,18).

Observa-se no texto o tom ácido na escrita de Domingos Ribeiro, o que demonstra que o escritor observava com atenção as questões de seu tempo e não perdia a oportunidade de tratar temas polêmicos sugerindo debate público, questionando e provocando os leitores.

A primeira parte da revista termina com mais um capítulo de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, já a segunda parte segue repleta de insinuações aos jornalistas da capital. Observa-se a animosidade que se instaurou a partir dos capítulos publicados e assim Lima Barreto passou a ser visto no ambiente da imprensa que o atacara.

O capítulo do romance está presente nas páginas de números 23 a 29 e apresenta o momento que a personagem Isaías chega ao Rio de Janeiro, suas impressões a respeito do lugar e as situações vividas por ele na capital do país. O ponto alto do enredo é o encontro de Isaías com o padeiro José, que entusiasmado com o fato de Isaías estar no Rio com a finalidade de estudar, se dispõe a fazer-lhe companhia em seu primeiro dia na cidade.

[...] Chegamos. Quando saltei e me puz em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquella praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edificio sem gosto, offendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bella e magestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem belleza alguma. A rua do Ouvidor, que vi de longe, illuminada e transitada, em pouco diminuiu a má impressão que me fez a cidade.

[...] Aproveitei um instante em que se virará para o visinho, para analysar o padeiro de Itaporanga.

[...]— O senhor veio a passeio? Perguntou - me. — Não senhor, disse-lhe de prompto. Vim estudar. — Estudar! — De que se admira? — De nada! Em seguida, abrindo o rosto queimado e ameigando a voz, em que havia longinquamente o sotaque portuguez, disse: — Venha commigo, doutor; vamos dar uma volta. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,23 – 27).

Nesse capítulo do romance/folhetim Lima Barreto estende seu olhar e criticidade para o projeto de reforma urbana realizado na cidade do Rio de Janeiro. O poder público fez a separação das classes sociais por meio da construção de uma avenida levando a termo a civilização do espaço público.

A segunda parte do periódico *A Revista da Quinzena* contou com resenhas de Juliano Palhares. As resenhas informavam sobre *achados artísticos* que haviam sido destaques no jornal *O Paíz*, na seção *Artes e artistas*. Os achados foram elencados na seguinte ordem: 1º achado - 11 composições inéditas de Beethoven com data de 1819; 2º achado - narrativas a respeito da história banal e vulgar de descobrimentos artísticos, dentre os quais uma tela de Rubens; 3º achado - retratos de imperadores romanos pintados por Ticiano em 1537; 4º achado - aquisição de um quadro atribuído a David Teniers e que se descobriu que o quadro era uma *Natureza morta* de autoria de Rembrandt.

Palhares seguiu chamando a atenção para a publicação de número cinco do periódico *Liga marítima*. O colaborador de *Floreal* fez comentários que desprestigiaram o periódico, afirmando, por exemplo, que havia muitos anúncios, tantos, que ocupava em média dez páginas da revista, com muitas estampas e fotogravuras. Informa, ainda, que a revista é composta de seis artigos, três sonetos e algumas notas, porém, faz severa crítica ao artigo que abriu a edição do periódico, cujo conteúdo era uma alusão ao quinze de novembro. Assim escreveu Palhares:

Abre com um artigo allusivo ao 15 de Novembro. Obra fraca, tristemente banal, sem brilho nem relevo. Os artigos, em geral, soffrem de um grande defeito: não são nem technicos nem de vulgarisação. Para o primeiro fim, falta-lhes substância, desenvolvimento e fundo; para o segundo, seducção e exposição fácil, corrente, sem a phraseologia do officio. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,32).

O redator segue com as críticas e enfatiza o artigo *A marinha de guerra e canhão* transformando-o em exemplo para fundamentar sistemática crítica à revista, sobretudo no que diz respeito à escrita e publicação de artigos. E justifica os apontamentos feitos em relação à publicação, com um sincero pedido de desculpas ao público, acompanhado de seu ponto de vista em relação à revista, como se lê ao final da resenha:

Não julguem ver nestas notas má vontade da nossa parte para com a marinha. Gostamos muito della e dos seus officiaes. Na rua do Ouvidor, na Avenida, no Corso, nas entradas de bailes, reparamos sempre para duas sortes de pessoas: officiaes de marinha e moças bonitas. Mas dahi gostarmos de sua Revista, a cousa é outra. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,33).

Juliano Palhares encerra a coluna com menção de elogio à *Revista do Brazil*, fazendo referências à qualidade do conteúdo publicado na quarta edição da revista e não poupa elogios. O autor cita o artigo de Noronha Santos, colaborador em *Floreal*, sobre antigos "Jornalecos e panfletos, publicados nas décadas de 60 e 70". Palhares ainda comenta e transcreve trechos do artigo. E conclui a resenha comentando a publicação de um conto de Francisco L. França, reafirmando o elogio e recomendando o periódico:

A Revista do Brazil traz ainda um bom conto «Um doente» do Sr. Francisco L. França, em que ha reaes qualidades de exposição e composição; e outros artigos em prosa dignos de leitura. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907,34).

Em *Literatura e arredores* Lima Barreto informava os leitores de que ele e Domingos eram amigos, no entanto, o escritor de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* chamava atenção dos leitores para o fato de que o romance do amigo é repleto de opiniões e crenças científicas, que ele (Barreto), não acreditava, ainda que respeitasse o amigo e suas convicções, conforme observa-se no fragmento abaixo:

[...] Nós nos conhecemos ha muitos annos. [...] Domingos, por exemplo, acredita na Sciencia, isto é, na Sciencia com S grande, como diz o Sr. G. Galante, essa prima, Laura, moça futil ed e boas carnes apetitosas, milagrosa concepção dos nossos dias, capaz de nos dar a felicidade que as religiões não nos deram; acredita, ipso fado, que ella é a expressão exacta de uma ordem externa immutavel e constante. Eu não. Tenho as mais sagradas duvidas a ambos os respeitos. [...] (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907, 35).

Lima Barreto tece críticas ao romance *Cravo vermelho*, de Domingos Ribeiro Filho e aponta o que considerou como "falhas" no romance do amigo. Domingos Ribeiro tencionou fazer uma sátira a respeito das contradições morais da sociedade e trouxe o adultério como tema para o enredo do romance. Ao realizar a análise do texto, Lima Barreto fez críticas aos elementos formais da narrativa e ainda afirmou ser um romance intelectual, doutrinário:

[...] Vale a pena, portanto, ter em mãos obra sua, já por ser um livro de opiniões accentuadas e, em geral, de opiniões contrárias ás minhas, já por ser

meu amigo o seu autor e não haver nesse antagonismo de opiniões nenhum perigo de inimizade virulenta.[...] O romance é de enredo simples e de poucas personagens. Trata-se de um moço, bacharel e litterato da vanguarda, que se casa com uma sua prima, Laura, moça futil e de boas carnes apetitosas, por capricho sensual e mais nada.[...] Domingos desenvolve tudo isso com a eloquencia e o brilho verbal, esfusiante de paradoxos e *saillies*, que lhe são peculiares [...]. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907, 37).

Lima Barreto não abre mão de expor seus posicionamentos críticos. Ele deseja mudanças, mas se manifesta contrário a muitas mudanças ocorridas na sociedade de sua época. Tece críticas a respeito da mulher e suas lutas por liberdade. Tem verdadeiro horror ao futebol, esporte de elite, que fora recentemente introduzido no Brasil. Certamente o desprezo de Barreto tinha como alvo o clube carioca Fluminense que só aceitava jogadores mulatos, negros, se eles se cobrissem pó de arroz para encobri a cor da pele, daí o clube ser conhecido como pó de arroz. O primeiro clube realmente popular composto de negros e mulatos no Brasil foi o Bangu.

E no fragmento acima nota-se a polêmica entre Lima Barreto e Domingos Ribeiro, seria mesmo realidade? Foi realmente verdadeira? Talvez é possível pensar que a polêmica pode ter sido um jogo para promover o romance de Domingos Ribeiro e a própria revista *Floreal*, que a essa altura já apresentava sinais de cansaço, poucas vendas, pouca expressão em termos de mercado. Lima Barreto e Domingos Ribeiro eram amigos desde os tempos da escola Politécnica e havia respeito e admiração entre ambos. Os escritores dividiam as mesmas expectativas e anseios em relação à carreira literária e ainda compartilhavam as mesmas aspirações ideológicas e espaços do cenário jornalístico. O fato é que a crítica é essencial ao fazer literário e parece que ambos compreendem essa prática, de modo que encontramos correspondências⁶⁹ trocadas entre Lima Barreto e Domingos Ribeiro Filho, anos após o desaparecimento de *Floreal*.

Theatros e Conferencias era a coluna assinada por Chaves Barbosa, que encerra a segunda parte da terceira edição, com comentários a respeito de duas peças de teatro e duas conferências. O artigo era um ataque impiedoso a respeito do literato Coelho Neto, considerado pelo grupo como escritor verborrágico dotado de extremismo acadêmico. A respeito das peças de teatro Barbosa escreveu:

Durante a quinzena passada, houve nos nossos palcos um pequeno movimento que convém registrar. No Recreio, por ocasião de festejar a companhia Dias Braga o seu 24º ano de existência, foi levado á scena o «Medico das Loucas», drama de Montepin e Dornay, traduzido por João Luso; e no Lucinda, «As

⁶⁹ RIBEIRO FILHO, Domingos. Carta para Lima Barreto (20/06/1916). In: BARRETO, Lima. Correspondência: ativa e passiva. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 213-14.

Mulheres de Palha», comedia traduzida do francez pelo Sr. João do Rio, do Instituto Histórico. São duas peças de segunda ordem, traducções além, mas que entre nós, no nosso acanhadíssimo meio theatral, representam um facto digno não só de menção, mas também de franco e decidido apoio. [...] O espectáculo correu frio, não houve grandes applausos, nem grandes risos, embora a traducção seja bem feita, espirituosa e *up-to-date*. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907, 39).

Assim, afirmou Barbosa:

Nos últimos quinze dias passados, creio que foram annunciadas unicamente duas: uma da interessante senhorita Julia César e a outra do Sr. Coelho Netto. [...] Não fui e não irei. Não supporto o Sr. Coelho Netto. Acho-o falsissimo com o seu bucolismo portuguez de zagaes e ovelhinhas brancas, de serranas e espigas louras; não lhe tolero o aprumo conselheiral do periodo, a emphase, a solemnidade, a mania biblica e os termos sem significação, sem valor algum, para as nossas idéas e sensações actuaes, catados aos dictionarios. Os jornaes, porém, rasgam-lhe os mais decididos elogios, e o «Binóculo», com uma antecedência louvável, deu o resultado da conferência nos termos mais calorosos e verídicos. Os jornaes são sempre insuspeitos. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907, 41).

Interessante relacionar a linha de pensamento entre os editores de *Floreal*, em especial quando se trata da figura do escritor Coelho Neto. Os autores da revista faziam questão de sustentar tom contestador e iconoclasta em relação ao escritor e demais escritores que defendiam ideais parnasianos.

A coluna *Echos* marcava a terceira edição de *Floreal* com uma série de resenhas publicadas nos jornais *O Paíz* e *Jornal do Commercio*. Os assuntos estão relacionados com a ordem do dia, situações cotidianas. A primeira resenha trata com ironia o comentário acerca de “V., um attraente collaborador do «Paíz», que publicou uma crônica a respeito do —jogo da moda”. Na sequência é apresentado breve comentário ao final do texto de Carmem Dolores, publicado em 17 de novembro no *Paíz* e que fazia referências aos ilustres Dr. Umberto Gottuzo e o Sr. Dr. Ataulpho Nápoles de Paiva, em um momento de passeio ao longo da formosa Avenida Beira-Mar, estabelecendo um paralelo com dois operários que trabalhavam naquela tarde, marchando em sentido contrário. A observação em tom poético a respeito do cotidiano e ocupações de membros da elite e trabalhadores responsáveis pela manutenção do espaço urbano sofisticado pode ser observado no fragmento abaixo:

Alegres e felizes, a passos meditados, caminhavam ao longo da formosa Avenida Beira-Mar o illustre dr. Umberto Gottuzo e o sr. dr. Ataulpho Nápoles de Paiva! [...]. Dois operários*, marchando em sentido contrário, estendiam um fio de arame ao longo dos postes illuminativos.

Entre os textos publicados, chama a atenção o *Pequeno almanaque de celebridades*, com irônica citação de nomes célebres da cena carioca. O Barão de Rio Branco é o alvo de críticas por ser uma figura que recebe todo tipo de bajulação que de um grupo de administradores, cujas carreiras foram construídas desde o período da *Regeneração*. O Barão do Rio Branco e esse grupo de bajuladores eram alvos de críticas e contestação dos jovens editores de *Floreal*.

— Nestes últimos cinco annos, depois que gozamos dá benéfica influencia dos requintados hábitos da diplomacia superior do Barão do Rio Branco, os restaurantes têm ganho muito, entre outras razões, pelo simples facto de ir sendo a nossa capital objecto de freqüentes visitas de milhares de estrangeiros. Não ha oito dias um dos proprietários da casa Franciskaner, á Avenida Central, dizia a um dos nossos amigos que, se alguém merecia especial gratidão da classe dos hoteleiros, nesta nossa terra asselvajada, era o illustre brasileiro que preside excellentemente as nossas relações exteriores. O Moreira, do Minho, é também dessa opinião. A observação nos foi transmittida e puzemo-nos a pensar em tirar das nossas modestas pennas alguma cousa que nos pudesse dar um relativo lucro com os estrangeiros de passagem e com o Barão do Rio Branco. Não deviam ser só os hoteleiros a enriquecer com elles. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907, 44).

Na coluna *Echos* há outra referência ao grupo denominado *A Caravana*, mas nessa ocasião as críticas cederam lugar ao agradecimento por parte dos editores da revista. Podemos verificar um agradecimento à *Caravana*, que parece ter desejado o sucesso de *Floreal*:

Do nosso segundo numero, avulsamente, vendemos 82 exemplares. O aumento veio certamente da «Caravana», que, ao que parece, quer a nossa prosperidade. Não ha como inimigos da ordem desses beduinos (!) sem camellos! Gente de bons bofes, sem rancores, que desse modo dá a mais insuspeita prova de desejar sinceramente a prosperidade das letras pátrias. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907, 47).

Consta também nas descrições a observação sobre o progresso de vendas da revista desde a primeira edição. E nota-se também a projeção com esperança e ironia em torno das vendas da quarta edição e sobre o futuro da revista:

Mas agora não se enganem e ouçam uma cousa: se tudo marchar como até agora, nós venderemos neste numero 126 exemplares, no 4º 170, e no 24º dure um anno, 1050 que é, ainda por demais insignificante para podermos pagar a preciosa e carissima collaboração de Vs. Percam as esperanças. (Revista *Floreal*, Rio de Janeiro, v.03, 12 de novembro de 1907, 47).

Os colaboradores e o periódico passaram por muitas dificuldades. A terceira edição vendeu oitenta e dois exemplares. A combinação de poucas vendas e ausência de nomes

conhecidos para assinar os artigos deixava a situação ainda mais difícil, porém, os editores acreditavam em dias melhores para a revista, além da quarta edição. No entanto, comparando as três edições do periódico é possível perceber que a cada edição os textos apresentavam maior complexidade, difícil compreensão e a colaboração de autores desconhecidos nos meios de imprensa. Tais fatores parecem ter sido decisivos para o fim do periódico, como veremos no próximo tópico.

2.4 Floreal nº 4—Rio, 31 de dezembro, 1907

	<p style="text-align: center;"><i>Floreal</i>-4ª edição-56 páginas</p> <p style="text-align: center;">Sumário</p> <p>Anima rerum. J. Pereira Barreto</p> <p>Natal D. Ribeiro Filho</p> <p>O sofisma de Zenon M. Ribeiro de Almeida</p> <p>Recordações do escrivão Isaías Caminha (continuação) Lima Barreto</p> <p>Revista da Quinzena: Pretextos Chaves Barbosa</p> <p>Theatros..... Gilberto de Moraes</p> <p>Jornaes e Revistas. Juliano Palhares</p> <p>Literatura e arredores..... Lima Barreto</p> <p>Echos.....</p>
--	---

Fonte: Biblioteca Brasileira Digital⁷⁰

A quarta edição de *Floreal* foi publicada com os mesmos padrões estéticos das edições anteriores, porém, distante dos padrões de periódicos de maior circulação na cidade. O impresso apresentava limitações, tanto de recursos gráficos, quanto de recursos tipográficos. A publicação de nº 4 marcava o fim daquele projeto literário de Lima Barreto e era composta de 56 páginas. A publicação foi impressa em novo endereço. A redação esteve localizada na Rua

⁷⁰ Capa da quarta edição de *Floreal*.

https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6864/5/Ano.1_n.04_45000033225_Output.o.pdf

da Câmara, nº 103, quanto à impressão do periódico ocorreu na Tipografia Revista dos Tribunais.

A quarta edição de *Floreal* data de 31 de dezembro de 1907. Humor, crítica às personalidades literárias da época, ironia e chacota eram traços marcantes na escrita dos colaboradores. A referida publicação é a última edição de *Floreal*.

Em relação às capas das edições três e quatro, conseguimos acesso através da Biblioteca Brasileira Digital e observou-se que ambas mantêm o mesmo designer: um ramo de flor com o nome da revista e melhor acabamento. Foi mantido o nome do diretor Lima Barreto e a informação a respeito do conteúdo veiculado na revista: Publicação Bi-Mensal de Crítica e Literatura. O valor da revista foi grafado em destaque (sublinhado). A capa foi impressa em preto e branco, com referência ao ano (I); o número de edição (4); a identificação da revista (Floreal); a periodicidade (Publicação bimensal); assunto (crítica literatura); nome do diretor (Lima Barreto) e endereço da Redação (Rua General Câmara, nº 103); local e ano de publicação (Rio de Janeiro - 1907).

Segundo Schwarcz, a publicação de número quatro apresentou mudanças exteriores e interiores:

A capa número final saiu mais caprichada, com letras *art nouveau* e desenho em primeiro plano: uma mulher segurando o ramo de flor que dava nome à publicação. O interior da revista também se sofisticou, recebendo uma diagramação mais cuidadosa e desenhos que representavam musas estilizadas. Mas era tarde demais. (SCHWARCZ, 2017, p. 207).

A segunda capa da revista intitulada *Expediente* é composta de informações referentes aos valores de custo da assinatura do periódico, como transcrevemos abaixo:

Assignaturas		
Trimestre...	3\$000 – Semestre...	6\$000
Anno...		12\$000
Avulso...		5\$00

Há, também, referências ao local (Rio); dia (31); mês (dezembro); e ano (1907) de publicação da revista, além de informações a respeito do conteúdo publicado na edição 4 e um registro de reclamação dirigida ao Sr. Administrador dos Correios do Distrito Federal, devido o extravio de exemplares da revista não entregues aos respectivos destinatários, assinantes da revista, conforme transcrevemos abaixo:

AVISO

Com todo o acatamento, ousamos levar uma pequena reclamação ao Sr Administrador dos Correios do Districto Federal. Frequentemente, os exemplares desta revista não são entregues aos respectivos destinatários. Até o dia de hoje, estávamos na convicção de que o Correio servia para isso; de hoje em diante, porém, a nossa opinião é outra.

Ao final da página há o registro de endereço da tipografia responsável pela impressão do periódico (Typ. da Revista dos Tribunaes-R. General Camara, 103. Rio de Janeiro).

A seguir, faremos uma breve exposição a respeito dos assuntos abordados na quarta edição de *Floreal*.

Foi publicado na primeira parte da edição um poema simbolista *Anima Rerum*, de J. Pereira Barreto. O longo poema ocupa aproximadamente sete páginas do periódico e apresenta um eu lírico do poeta, forças da natureza (o sol, pedra, cardo, lesma, noite) que dialogam entre si. O eu lírico chega a conclusão sobre a impotência humana, a brevidade da vida ante os desígnios naturais e o abatimento que recai sobre a alma do ser, que segue em busca de respostas contidas no universo do inconsciente, conforme observa-se na descrição dos versos:

[...]
 E o poeta, ao penetrar esses ermos retiros,
 Sente ancias de chorar e de soltar suspiros,
 Diffundindo na voz merencorea dos ventos
 Sua secreta dôr, seus occultos tormentos. .
 E' que ha na alma do poeta, onde a tristeza medra,
 Uma porção da luz congelada na Pedra,
 E, como numa Iyra encantada e plangente,
 Acha uma voz nessa alma harmoniosa o Inconsciente!
 (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 10).

O poema não traz notas de rodapé ou qualquer comentário, o que torna o texto hermético, de difícil compreensão, elementos característicos da estética simbolista.

A seguir, a revista apresenta o conto *Natal*, de Domingos Ribeiro, distribuído em três páginas. O autor traz um narrador onisciente que faz revelações acerca do Natal para um grupo de meninos. O início da narrativa contém elementos líricos, sentimentais e gerador de sonho, no entanto, o encantamento do Natal é descaracterizado com o tom de realidade apresentado no enredo.

O conto se aproxima dos ideais defendidos pelo autor, que buscava interpretar o cotidiano a partir do pensamento de teóricos formadores de seu modo de pensar e ver o mundo. Domingos defendia as ideias professadas por Mikail Bakunin e Kropótkine, teóricos do

anarquismo russo, além de Proudhon, teórico francês e Max Stiner, teórico alemão. A ressonância crítica desses pensadores está presente nos textos de Ribeiro, conforme se observa no conto:

[...] « Nós sonhamos. Um homem nos tomava ao colo e nos dizia; « Meus filhos: hoje é a noite de Natal. O Natal, meus meninos, é um pretexto para meia dúzia de canalhas banquetear-se com o producto dos latrocínios feitos no anno. E escolhem este dia porque foi num dia correspondente ha quasi dois mil annos que nasceu num curral de vaccas um sujeito ao mesmo tempo imbecil e feroz que encheu o mundo de espantos, de terrores, de loucuras, de ódios e de mortes. Entretanto como esse idiota furioso tem servido aos interesses dos homens mais fortes, mais cynicos e mais audazes, as datas de sua vida são os melhores pretextos para as exhibições hypocritas do mundo. O Natal, por exemplo. Para que os pobres e os vencidos não protestem e não se revoltem contra as leis e os costumes que os mantêm na eterna miséria... esses bandidos, esses salteadores festejam o Natal do famoso paranóia e lembram com pérfida piedade que elle nasceu entre as palhas de uma vaccaria, que era pobre e que viera ao mundo ciar exemplos á humanidade... ah! meus filhos! esses canalhas são incomparavelmente hediondos! [...]O Natal, meus filhos, é a aurora; é o ar puro da manhã, são as rozas e os fructos; o Natal é a luz igual em toda a Terra para o homem livre. » (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 11 -12).

O autor aborda a diferença social nas festas natalinas de crianças pobres e de crianças ricas. A narrativa é construída a partir de dois irmãos que estão a espiar a confraternização de Natal que acontece no palácio do vizinho. O narrador explica para as crianças encantadas com fogos e luzes o que é o Natal. O autor ressaltou as desigualdades sociais, provavelmente a partir do Rio mergulhado no ambiente da *Belle époque*.

O artigo assinado por Manuel Ribeiro de Almeida, intitulado *O sofisma de Zenon*, traz para o leitor uma discussão sobre o conceito de dialética entre finito e infinito. O artigo apresenta uma escrita técnica e por isso causa o distanciamento do público leitor que nutria interesse por leituras menos complexas. Destacamos um fragmento do artigo:

SEJA QUAL FOR o termo que eu considere, em uma serie infinita como a do problema a examinar, esse termo se acha a uma distancia finita do primeiro termo da serie. Se cada um d'esses termos está a distancia finita TODOS os termos da serie estão a uma distancia finita de primeiro termo. A serie é, portanto, finita. » (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 20).

O texto de Manuel Ribeiro ocupou oito páginas do periódico e discorreu a respeito de assunto que dialoga com a matemática, o que exigia um leitor versado no assunto, ou um leitor interessado em questões de ordem científica.

A primeira parte da revista termina com a publicação do terceiro capítulo, distribuído em cinco páginas, de Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto. Chamamos atenção para as dificuldades da personagem Isaías em conseguir entregar carta a um Deputado na Câmara e o modo como Isaías é confundido com um repórter. Segue um fragmento da narrativa:

[...] Olhou-me durante instantes, cheio de desafio e me perguntou com atrevimento:

—Você não é repórter do «Azeite», um jornaleco que anda por ahi?

—Eu, não senhor.

E com a humildade que dictava a minha segurança, expliquei-lhe que havia chegado do interior, que não conhecia tal senador, que ia entregar uma carta (mostrei-a) a um Deputado na Câmara, etc, etc. Contei-lhe por alto a minha vida, as minhas dificuldades e os meus desejos. O vagabundo enterneceu-se, clesculpou-se, disse-me seu nome e me offereceu sua casa. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 27).

No capítulo mencionado, Lima Barreto faz referências à vida política e às relações financeiras e/ou comerciais com os meios de imprensa. Lembremos que as relações entre investidores estrangeiros e homens de negócios de variados setores desenvolviam proximidades com a esfera jornalística, na Primeira República.

Observa-se que Lima Barreto talvez tenha tido a intenção de demonstrar (via romance) a independência do periódico dirigido por ele, uma possível explicação para a ausência de anúncios publicitários nas páginas de Floreal. O autor cita o jornal O Globo, que a exemplo de outros periódicos, destinava várias páginas à publicidade, incluindo anúncios de serviços prestados por renomadas instituições financeiras na época.

Na segunda parte do impresso, Revista da Quinzena há registro do agradecimento dirigido ao crítico José de Veríssimo por ter mencionado Floreal no Jornal do Comércio.

Na sua secção de critica litteraria no Jornal do Commercio o Sr. José Veríssimo referiu-se á Floreal com sympathia e com bondade. Foi uma surpresa para a nossa revista ver-se assim percebida tão do alto. Não é que ella se julgasse ou se julgue desprovida de valor — absolutamente não é por isso ; mas a distancia era tão grande que ella não esperava ser distinguida com a precisão necessária. Essa distancia, porém, o Sr. José Veríssimo não fez duvida em transpol-a para nos dizer essa palavra de sympathia que profundamente agradecemos e que, dados o feitio e a intelligência de quem a disse, tem para nós um valor extraordinário. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 28).

Em *Pretextos* há um texto assinado por Chaves Barbosa que (com o mesmo tom polemista visto na edição anterior a respeito de Coelho Neto) propõe expor a trajetória do

paraense Lauro Sodré. Homem público, político republicano e oficial do exército brasileiro. Barbosa emprega ironia e sarcasmo ao se referir ao ato heroico atribuído a Sodré, por ocasião de seu posicionamento contrário aos atos de arbitrariedade e violência empregados pelas Forças Armadas durante a Revolta da Vacina. Assim, escreveu Chaves:

« Illmo. Sr. Dr. tenente-coronel Lauro Sodré. — Dirijo-me a v. ex., á mingua de encontrar .nos livros e tratados, á mingua cie encontrar em mim e por mim mesmo, um salutar accordo entre actos e doutrinas e aphorismas pregados como justos e verdadeiros por V Ex. [...] A minha admiração por V Ex. veio desde que me disseram ser V Ex. discípulo amado de Benjamin Constant, embora eu não goste do exacto Benjamin, um medíocre mathematico que fugia dos concursos, gosto das lendas e das continuações. [...] (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 28).

A crônica de Gilberto de Moraes na seção *Theatros* é uma constatação acerca da cena artística brasileira representada pelo teatro. Moraes aborda o assunto a partir de notícias lidas em um jornal carioca, a respeito da temporada de sucesso da peça *Suzeraine*, comédia escrita por um argentino e representada por pela atriz Réjane, que teve grande acolhida da crítica e aplausos do público. O cronista estabeleceu comparação com a atividade artística/teatral desenvolvida no Brasil e na Argentina e chama atenção para o teatro nacional em processo de estagnação e movido por repetições de peças. Moraes escreve o seguinte:

Réjane representou na sua ultima temporada em Lisboa, Suzeraine, comedia em 4 actos, dum escriptor argentino. A crítica acolheu-a bem e o publico applaudiu-a. Esta noticia, lida num jornal carioca, produziu no meu espirito submisso ao dogma da alta cultura esthetica brasileira, perturbador abalo. Porque quem escreve estas linhas era, desde que agarrou, abriu e leu um primeiro jornal, um crente profundo da superioridade artística do Brasil na America.

[...] Bom, disse o meu espirito crente, isto é só hoje; vae aos jornaes passados. Na mesma ultima pagina, os mesmos cinematographos, o mesmíssimo Spinelli, o Medico das Loucas e o Moulin. [...] Súbito o empresario do Recreio annuncia os mesmos dramas do período imperial. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 31-32).

A coluna *Jornais e Revistas*, assinada por Juliano Barbosa, o colunista resenhou a respeito de variados assuntos, como: a premiação oferecida pela Academia Francesa em determinada data do ano; ironizou a Igreja Católica na França a partir de artigo lido no *Le Siécle*; promoveu uma sátira a respeito do recém-lançado *Na Estacada*, panfleto quinzenal, de autoria de Silvio Romero e Lopes Trovão no Rio de Janeiro, entre os anos de 1907 e 1908. A publicação saía nos dias 10 e 25 de cada mês em fascículo de dez páginas e com pequeno impacto. Os redatores de *Floreal* compraram, leram e reagiram:

Em dias deste mez, veio a publico um pequeno folheto, com a responsabilidade desses nomes ultraconhecidos. Como era de esperar, compramos e lemos. [...] Com a sua leitura, tivemos curiosas e inestimáveis informações sobre cada um dos aspectos da vida dos seus dois ilustres autores. Soubemos que o dr. Sylvio Romero tem uma numerosa prole e o dr. Lopes Trovão é absolutamente estéril. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 39).

Os jovens escritores reafirmaram o inconformismo diante da escrita acadêmica repleta de passadismos, como podemos observar no seguinte fragmento:

O pamphleto está recheiado de latim e escripto numa maneira um tanto archeologico para os nossos vinte e tantos annos, tem dez paginas e vem mostrar aos Conselheiros que elles podem fazer cousa muito bonita, quando se põem no «Jornal do Commercio» ou na paleontologica «Cosmos», mas que quando se dispõem a fazer cousa sua, própria e sem mercancia, hão fazer folhetinhos como nós. Consola. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 40).

A seção *Literatura e arredores*, de Lima Barreto, era uma reunião de textos que prestam saudações à novela publicada por Magalhães Carneiro e afirma que chegou ao texto por meio do escritor Galdino Cupido.

O Sr. M. C. desenvolve o seu estudo com muita verdade, com muita côr local; e, com um exagerado amor á exactidão, faz os seus personagens falar no calão próprio. [...] Agrada francamente, apesar disso, o seu modo de narrar, já pela simplicidade, já pelo desembaraço e naturalidade. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 46).

Observamos que Lima Barreto é solidário com aqueles que estão em busca de publicar seus textos. E ao tecer elogios a outros escritores, o escritor também faz seu exercício de crítica literária.

Destacamos ainda a réplica de Domingos Ribeiro Filho, a respeito das críticas que recebera do diretor de *Floreal* sobre o romance *Cravo Vermelho*. Ribeiro Filho enfatiza que seu romance pretendeu ser um estudo sobre a moral e que de modo algum pensou o texto como científico, respondendo ao escritor e amigo Lima Barreto:

Tu me permittes?

Li a crítica, que fizeste do meu primeiro livro O Cravo Vermelho, com a attenção e o carinho que me merecem as coisas que produzes. [...] Mas, Barreto, no meu romance, que é o estudo de uma moral, eu não cogitei absolutamente, não tive absolutamente *parti-pris* de faze-lo scientifico, ou de inçar o character dos personagens de formulas de sciencia para levá-los ao desenlace clássico do amor. [...]E outro por que: Tu achaste que eu não fui bastante poeta ... Oh! Barreto! eu não sou um poeta? não o fui bastante? que

desgraça haveres lido o Alencar antes do Cravo Vermelho! O Alencar tornou impossível o romance no Brasil. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 46- 48).

Não sabemos afirmar acerca da reação, possível resposta de Lima Barreto, pois a revista encerrou-se na quarta edição. O encerramento da quarta edição trazia a seção *Echos*, como nos números anteriores, sátira e ironia foram elementos marcantes no tratamento dado aos temas abordados. Nessa seção, destacamos a publicação de um almanaque com nomes de celebridades da grande imprensa, políticos e literatos do Rio de Janeiro. A coluna social *O Binóculo*, de Figueiredo Pimentel, inaugurou o gênero denominado de *Curso*, como podemos ler no fragmento abaixo:

Como os srs. sabem, o Figueiredo do Binóculo não faltou. Sem a presença do maestro da nossa orchestra de elegâncias, não ha curso que preste. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 50).

O Binóculo personificava a superficialidade que tomara conta de determinados veículos de imprensa, e que os rapazes de *Floreal* combatiam com veemência. Os redatores de *Floreal* também fizeram referências a Paulo Barreto, destacado jornalista e cronista da época. E em tom de deboche, referem-se a Luís Edmundo de *O Rio de Janeiro do meu tempo*, que não foi poupado de sarcasmos por parte dos editores da revista. A redação do periódico fez comentários a respeito do comportamento egoísta de Luís Edmundo, posto de modo jocoso, em pé de igualdade com os grandes nomes da literatura russa. A seção apresenta ainda uma série de fragmentos não assinados, o que nos faz concordar com a autoria coletiva.

A respeito de Luís Edmundo, escreveram o seguinte fragmento:

[...] Exultamos com a notícia, não só como autores latentes e amigos do poeta, como também pelo facto de desejarmos sinceramente a prosperidade da literatura nacional. Nas nossas letras, parece que está destinado ao Luiz e ao Paulo Barreto, o distiucto jornalista do Instituto Histórico, o papel de Destoiewsky e Tolstoi na Rússia. Como toda a gente sabe, estes autores e alguns outros do seu tempo, fizeram uma revolução na tiragem das obras literárias moscovitas. O admirável Luiz attribue tudo, e o faz cheio de uma cândida modéstia, ao gabinete de leitura da «Garnier» [...]. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 53).

Na última edição, os editores de *Floreal* reconheceram o mau êxito da revista e debateram o assunto atribuindo o insucesso aos distribuidores que demonstraram pouco interesse por esse tipo de revista. O último número de *Floreal* contou com a participação de Lima Barreto, Domingos Ribeiro e Manuel Ribeiro, João Pereira Barreto, Chaves Barbosa, Gilberto de Moraes, Juliano Palhares. Como podemos observar a redação do periódico dirigido

por Lima Barreto realmente não contava com autores renomados. A estratégia da revista era justamente privilegiar escritores que até os dias atuais são praticamente desconhecidos e pouco mencionados pela crítica.

Possivelmente, esse é um dos motivos da pouca receptividade do impresso por parte dos leitores cariocas em 1907.

A leitura e análise das edições de *Floreal* permitem afirmar que foi através do discurso jornalístico, ensaios, ficção, que Lima Barreto e seu grupo se posicionaram com firmeza diante de temas que elegeram prejudiciais à imprensa.

Além disso, as críticas não eram destinadas de modo ostensivo aos produtores de textos jornalísticos, havia algumas redações que eram alvos do grupo por representarem a degeneração da notícia e ineficiência.

Apesar da curta duração, o periódico demonstrou postura política e tinha como objetivo inserir-se no meio literário, sem abrir mão da qualidade artística, conteúdo e compromisso com a literatura. Assuntos de ordem política e social estão presentes no periódico. Os autores apresentam argumentos e contestações a respeito dos discursos científicos e administração política republicana em território nacional.

Quanto à qualidade artística, conteúdo e discurso literário, os redatores de *Floreal* reconhecem que o Jornal é o espaço de publicidade. Conscientes da falta de oportunidade aos que estavam iniciando a carreira no ambiente jornalístico e literário, não hesitaram em criar esse espaço de produção escrita fundando a revista.

Intensificavam crítica à imprensa que admite apenas nomes ilustres, imprensa de celebridades movida por interesses, mediocridade, publicidade e conchavos políticos e assim reagem aos padrões impostos pelo mercado editorial.

[...] Houve no Brazil muitas superstições, há ainda muitas, haverá ainda outras, mas a maior de todas, a mais tola é da Imprensa. [...].
(Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.04, 31 de dezembro de 1907, 52).

Lima Barreto foi o principal crítico da imprensa brasileira, criticava a presença política na imprensa e a maneira como os políticos a dominavam. Despreza jornais e revista que publicavam propagandas comerciais e políticas, além de páginas que teciam elogios aos representantes do povo. *Floreal* tinha caráter de manifesto, mas não é manifesto. E os debates nas páginas da revista tinham legitimidade, uma vez que Lima Barreto e seus colaboradores já representavam o desejo de liberdade política, linguística, autoral, a partir do comportamento

iconoclasta, que caracterizaria os literatos e artistas liderados por Mário e Oswald de Andrade na Semana de 1922 em São Paulo.

Lima Barreto e os amigos de *Floreal* têm relevância nesse contexto de transformações sobre os percursos da imprensa no Brasil. Em *História da imprensa do Brasil* (ano), Nelson Sodr e aponta para uma dilui o entre jornalismo e literatura realizada por Lima Barreto e seus amigos. De acordo com Sodr e, (1999, p. 303) “constituiu a única tentativa s ria⁷², naquele ambiente da bela época no Rio de Janeiro de se fazer um tipo de revista em prosa baseada em caricaturas e charges que veiculava críticas aos setores da elite carioca”. Observamos que essa tentativa implicou em custos   própria revista que foi um fracasso de vendas. Percebemos que foi sintomática a não identifica o com a revista e que considerável parte do público leitor não via com bons olhos os periódicos transgressores, marginais.

Floreal não foi o único impresso de resistência a sucumbir no começo do século XX. Observa-se que na história dos impressos, os de natureza transgressora tiveram curta dura o. Mesmo assim, ressaltamos que a constru o da trajetória do escritor Lima Barreto está ligada a esse periódico. Cremos que essa importância está ligada ao projeto de publica o e apresenta o como romancista para a sociedade da época.   na primeira edi o da revista que nasceu *Recorda es do escrivão Isaías Caminha*. Portanto, ainda que tenha existido por um curto espaço de tempo, a revista *Floreal*   de suma importância para a inser o do escritor no reservado e seletivo universo literário da Primeira República.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O melhor, pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e de outro partido. (Revista Floreal, Rio de Janeiro, v.01, 25 de outubro de 1907, 21).

Está pesquisa, portanto, concluí que o processo de criação e circulação da revista *Floreal* e teve papel fundamenta para o projeto literário de Lima Barreto, como o de ser escritor. Buscamos, assim, entender os esforços de Lima Barreto e seus colaboradores para que a revista circulasse naquele contexto histórico. Analisar a revista permitiu conhecer de modo amplo a história da imprensa e sua importância na construção do país. *Floreal* representou, a nosso ver, um modo de inserção literária via jornalismo.

Lima Barreto e seus pares chegam a ser notados por uma das maiores autoridades da crítica literária da época, José Veríssimo, mas, a menção feita pelo crítico não foi suficiente para que a revista fosse aceita nos círculos literários e reconhecida nos meios de imprensa.

O periódico não obteve destaque na cena jornalística carioca, mas convém destacar que Floreal cumpriu em parte o propósito para o qual foi criada ao chamar atenção de parte da elite especializada, porém, percebemos que, em especial Lima Barreto, o alvoroço com a publicação dos primeiros capítulos de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* nas páginas de Floreal atraiu uma atenção negativa vinda da parte de leitores especializados e da elite do jornalismo. Lima Barreto pretende, mesmo sem ser considerado um grande escritor da época, apresentar um texto, cuja narrativa fosse marcada pela presença de um narrador inconformado e que desejava ser ouvido.

Assim, percebe-se que sua escrita não tem como alvo o grande público, os textos sugerem que Floreal era um meio para, chegar aos olhos da crítica literária. O periódico foi observado por críticos e jornalistas que acompanhavam as publicações e se mantiveram em silêncio em relação ao conteúdo publicado.

Floreal foi escrita para leitores não comuns na Primeira República, uma vez que a revista é apresentada a partir da capa como publicação bimensal de crítica e literatura. Logo, chamou atenção o fato de Floreal ter curta existência, não por ser simplesmente um fracasso em termos de elaboração, mas por exigir naquele momento um leitor experimentado em textos literários e compreensão de crítica literária, ou seja, o crítico. Observamos que o periódico teve influências das vanguardas europeias, de modo que podemos perceber que os criadores de Floreal buscaram inspiração na *Mercure de France*⁷³, inclusive resenharam a primeira edição⁷⁴.

Percebemos a fidelidade ao modelo francês na disposição da ordem das seções, como em Revista da quinzena, (primeira parte da revista); e — Echos, (segunda parte da revista); e

Revista da Semana, nomeada mais tarde como — Revista da Quinzena. Desse modo, constata-se o diálogo entre Floreal e a publicação que estava em evidência na Europa naquele momento⁷⁵. Logo, podemos fazer menção à composição estética da revista, além do caráter revolucionário que caracteriza a revista francesa conhecida como *Revue de Deux Mondes des Jeunes*⁷⁶.

Durante a leitura das edições de Floreal foi possível identificar as influências intelectuais que circulavam entre os literatos daquela época, logo, existia uma gama de textos que a nosso ver eram direcionados aos críticos literários em atividade em 1907.

No que diz respeito aos leitores menos experiente, percebemos outra dificuldade, uma vez que a revista era composta de influências estrangeiras e pressupostos revolucionários não acessíveis a leitores sem formação cultural e intelectual. Ressaltamos que as informações biográficas do escritor fazem referências aos leitores dedicados e curiosos. Nossa pesquisa apresenta algumas das influências literárias e filosóficas formadoras da escrita de Lima Barreto. Biógrafos do escritor, como Francisco de Assis Barbosa e Lilia Moritz Schwarcz enfatizam esse dado particular ao citarem a biblioteca de Lima Barreto, a Limana, além do percurso do escritor como leitor em tempos de formação escolar.

Percebemos também que a escolha por um periódico com poucos anúncios (praticamente nenhum tipo de anúncio e ausência de imagens) é outro fator a ser associado ao fracasso de vendas de Floreal. Possivelmente, uma forma de protesto frente à modernização dos meios de imprensa da época. Seguir na contramão também era uma das propostas da revista, mas virando as costas aos recursos tecnológicos da época. Conforme Schwarcz, sobejava vontade⁷⁷.

Floreal conseguiu atender o principal propósito: ser um espaço de publicação. Além de publicar textos que tratavam de temas variados e autores que tinham como objetivo dar início a uma carreira literária, o que justificava o rodízio de diferentes escritores e, conforme anunciado na primeira edição, escritores desconhecidos do grande público. Alguns nomes de Floreal foram reconhecidos mais tarde como colaboradores de importantes periódicos do Rio de Janeiro, além de terem publicações literárias, como é o caso de Noronha Santos, Domingos Ribeiro e o próprio Lima Barreto.

Embora nosso propósito seja apresentar a Floreal, e mesmo diante de dificuldades em relação à fontes e obras sobre os colaboradores da revista, mencionamos Antônio Noronha Santos e Domingos Ribeiro Filho como literatos pesquisados em nossos dias. Identificamos alguns trabalhos a respeito dos escritores, suas trajetórias e escritos. A respeito de Manuel

Ribeiro de Almeida há informações em estudos de Beatriz Resende nas Correspondências I e de Lima Barreto.

Nosso trabalho nos direcionou à antropóloga e biógrafa mais recente de Lima Barreto, Lilia Schwarcz que informa que Edmundo Enéias Galvão é um pseudônimo de Antônio Noronha, de acordo com publicação de A.B.C78, porém, Jules Ventura Silva apresentou Edmundo Enéias como um colega de Lima Barreto dos tempos da Secretária da Guerra a partir de texto publicado pelo Jornal Correio da Manhã79.

Citamos esses autores na pesquisa por se tratar dos que mais colaboraram em *Floreal*. Lima Barreto aparece em primeiro lugar, ocupando 47 páginas da revista; Manuel Ribeiro de Almeida contribuiu com 30 páginas; Domingos Ribeiro colaborou com 17 escritos e Noronha Santos com 14 páginas80. Parte da redação de *Floreal* era formada por intelectuais amigos desde a época de formação acadêmica, encontros em cafés, ambientes de trabalho e redação de revistas81.

Ao abordar a história de vida de Lima Barreto, buscamos compreender as dificuldades encontradas por um cidadão negro, periférico e pobre, principalmente quanto à inserção do autor nos meios de imprensa naquele início de século XX. Ainda que houvesse registros de homens negros atuando na imprensa abolicionista, a exemplo de José do Patrocínio, entendemos que é fundamental considerar o contexto em que cada um viveu. Durante a pesquisa ampliou-se o entendimento acerca do papel da imprensa e sua relação com as esferas do poder político, a partir de estudos críticos de Capelato e Sevcenko.

Observamos que a criação de *Floreal* foi uma demonstração coletiva de jovens intelectuais com intenções de projetarem o início da carreira literária. Esses jovens assumiram uma postura militante que caracterizou as quatro edições da revista. Daí, o caráter audacioso e combativo mesmo diante de dificuldades financeiras, limitações quanto à amplitude de alcance para que a revista atingisse níveis elevados de visibilidade de um público mais específico e a determinação dos colaboradores em fazer com que suas ideias chegassem às bancas de jornal, com intenções de serem portadores de uma visão crítica a ser transmitida à sociedade carioca envolta em projetos reformistas e revoltas sociais.

A revista foi um importante projeto para iniciar uma carreira literária sem apadrinhamentos e acreditamos que os fundadores do periódico tinham em mente a projeção de uma carreira e não necessariamente baterem-se contra os poderosos da imprensa, com o intuito de mudarem os rumos da imprensa, ainda que sejam jovens idealistas, percebe-se a urgência de projetar suas ideias e que fossem conhecidos seus textos.

Diante da diversidade de textos publicados na revista, verificamos que apresenta unidade temática quanto à divulgação de novos autores dispostos a escrever e discutir temas que não eram de interesse da grande imprensa. O caráter militante contido na revista estava alicerçado na sátira, na ironia e na liberdade de os colaboradores escreverem sobre o se quisessessem e como quisessessem.

Floreal é uma forma de inserção literária criada com propósito de iniciar uma carreira literária, espaço autônomo para produzir e publicar, a revista é um projeto literário independente conduzido por jovens com poucos recursos financeiros, sem apadrinhamentos e por isso sem condições de se estabelecerem no cenário literário e jornalístico da época, porém apesar do pequeno número de publicações, podemos pensar o periódico como espaço de resistência que se manteve fiel ao seu propósito inicial que tinha a literatura como principal razão de existir.

Os editores entendiam o texto literário como espaço de debate público; pensavam a literatura como meio de formação e educação de uma sociedade. O curto período de existência do projeto literário Floreal trazia nas entrelinhas a literatura como “necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. (CANDIDO, 1989. p.112). A literatura como possibilidade de projetar um espaço de identidade, arena discursiva, utilidade pública.

Buscamos nos concentrar no projeto literário e apresentação das ideias, inquietações e provocações contidas nas páginas do periódico. Não foi nossa intenção abordar biografias dos colaboradores, à exceção de Lima Barreto, que iniciou a publicação de seu primeiro romance na revista.

Nota-se nos textos das quatro edições do periódico o esforço coletivo por direito ao texto literário, texto autoral como forma legítima de expressão e presença social, além de discursos de narradores reais reivindicando espaços de cidadania. A leitura das revistas revela protagonismo literário e aproximação com o projeto político e cultural defendido pelos modernistas em 1922, além de registro documental sobre as relações literatura e imprensa. As edições de Floreal, ao lado do conjunto da obra de Lima Barreto, oferecem inúmeras possibilidades para compreender questões sobre a imprensa, o Brasil e o Rio de Janeiro republicano e sobre o próprio escritor.

Assim, mesmo que projeto Floreal não tenha sido reconhecido no círculo da crítica literária e no ambiente jornalístico no ano de 1907, compreendemos que os textos publicados na revista dialogam com a conjuntura literária contemporânea e desse modo não deve passar despercebida. As pautas abordadas no periódico como racismo e violência contra mulher

continuam atuais. Esperamos que, com essa pesquisa, outras pesquisas sejam feitas sobre literatura e periódico, de forma a ampliar essa área de concentração de estudos literários.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Arquivos:

Biblioteca Digital Brasileira, São Paulo.

Fundação Biblioteca Nacional – FBN, Rio de Janeiro.

Periódicos:

A Notícia, Rio de Janeiro, 1909.

A Noite, Rio de Janeiro, 1912.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1905 – 1915.

Correio da Noite, Rio de Janeiro, 1914 – 1915.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1909.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1902 – 1907.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1900 – 1905.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1904 – 1915.

O Paíz, Rio de Janeiro, 1902 – 1922.

Revista Careta, Rio de Janeiro, 1914 – 1922.

Revista Kosmos, Rio de Janeiro, 1905 – 1908.

Revista Contemporânea, Rio de Janeiro, 1919.

Revista Fon – Fon, Rio de Janeiro, 1907 – 1920.

Revista Floreal, Rio de Janeiro, 1907.

Tagarela, Rio de Janeiro, 1900 - 1905.

Escritos de Lima Barreto:

BARBOSA, F. de A. A vida de Lima Barreto. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

BARRETO, A. H. de L. O Garnier morreu. Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 7 ago. 1911.

BARRETO, A. H. de L. lavar a honra, matando? Lanterna, Rio de Janeiro, 28 jan. 1918.

BARRETO, A. H. de L. Não as matem. Correio da Noite, Rio de Janeiro, 27 jan. 1915.

BARRETO, A. H. de L. No ajuste de contas. In: Bagatelas. São Paulo:

Brasiliense, 1956a. p.91-6.

BARRETO, A. H. de L. Correspondência. São Paulo: Brasiliense, 1956b. v.1. BARRETO,

- A. H. de L. Diário Íntimo. São Paulo: Brasiliense, 1956c.
- BARRETO, A. H. de L. Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Brasiliense, 1956d.
- BARRETO, A. H. de L. O subterrâneo do Morro do Castelo. Rio de Janeiro: Dantes, 1997. BARRETO, Lima. Amplius. In: História e sonhos. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed Brasileira, 1952.
- _____. Diário Íntimo. São Paulo. Brasiliense. 1956
- _____. O Garnier morreu. Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 7 ago. 1911.
- _____. Lavar a honra, matando? Lanterna, Rio de Janeiro, 28 jan. 1918.
- _____. Não as matem. Correio da Noite, Rio de Janeiro, 27 jan. 1915.
- _____. No ajuste de contas. In: Bagatelas. São Paulo: Brasiliense, 1956 a. p.91-6.
- _____. Correspondência. São Paulo: Brasiliense, 1956b. v.1.
- _____. Diário Íntimo. São Paulo: Brasiliense, 1956c.
- _____. Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Brasiliense, 1956 d.
- _____. O subterrâneo do Morro do Castelo. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- _____. O subterrâneo do morro do Castelo. Organização, [introdução e notas] de Beatriz Resende. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- _____. Contos completos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Os —Contos Argelinosl e outros textos recuperados. Introdução e notas de Mauro Rosso. Ed. PUC; São Paulo: Loyola, 2010.
- _____. Toda crônica. Vol. 1 & 2. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- _____. O subterrâneo do Morro do Castelo. Prefácio de Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- _____. Obras Completas de Lima Barreto. Organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. XVII vol. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. Histórias e sonhos: contos. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino, 1920.
- _____. (Philéas Fogg). Falsificações. In: Fon-Fon. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, abril de 1907.
- _____. (S. Holmes). O fio da linha. In: Fon-Fon. Rio de Janeiro, ano I, nº 5, maio de 1907.
- _____. Fabulosas riquezas: outros subterrâneos. In: Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 28/04/1905.

_____. O tesouro dos jesuítas. In: Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 06/05/1905.

_____. Uma narrativa de amor. In: Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 08/05/1905.

_____. Dona Garça I: boas e novas más. In: Correio da Manhã.

Rio de Janeiro, 09/05/1905.

_____. Os achados dos subterrâneos. In: Correio da Manhã. Rio de Janeiro, .28/05/1905. . O subterrâneo do morro do Castelo. Organização, [introdução e notas] de Beatriz Resende. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

_____. O subterrâneo do morro do Castelo: um folhetim de Lima Barreto. 4ª edição-Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2017.

FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 25 out. 1907 a.

FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 12 nov. 1907 b.

FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.3, 12 nov. 1907 c.

FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.4, 31 dez. 1907 d.

Estudos sobre Lima Barreto:

AZEVEDO NETO, Joachin. Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

ATAÍDE, A. de. —Trecho da iniciação literária. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1949.

BOTELHO, Denilson. A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2002.

_____. Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto (1881-1922). 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto: 1881-1922. 10ª Edição. Rio de Janeiro. José Olympio.

BILAC, Olavo. Crônica In: DIMAS, Antonio. (org.). Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial, 2006, p.47.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira – 50. Edição - São Paulo: Cultrix, 2015.

- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BROCA, José Brito (1960). A Vida Literária no Brasil-1900. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, col. documentos brasileiros.
- COUTINHO, Afrânio. Introdução à Literatura no Brasil. 19. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- FANTINI, Carlos Erivany. O professor e o escritor: estudo sobre literatura brasileira e leitura. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 2011.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia de. Lima Barreto e o fim do sonho republicano. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 19.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. In: O Rio de Joaquim Manuel de Macedo: jornalismo e literatura no século XIX. Org. Michelle Strzoda. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.
- PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto. O crítico e a crise. SP: Martins Fontes, 1989.
- PRADO, Antônio Arnoni. Lima Barreto: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- SILVA, Jules Ventura. Lima Barreto, entre os rumores e imagens: a circulação social da obra Recordações do Escrivão Isaías Caminha. UFPR, Curitiba, 2016, p. 19. Dissertação de Mestrado, Depto. De Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. 151 f. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/44130>>. Acesso: 10 fev. 2022.
- SVECENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. Confronto Categórico: a literatura como Missão. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2003. P. 236-284.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Contos completos/Lima Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: Triste visionário. – 1ª Ed. - São Paulo: Cia das Letras, 2017.

Ficção, imprensa, memória:

- ABREU, Maurício de. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1987.147p.
- ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. Campinas: Pontes, 1990, p. 24-27.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Bons Dias! (1888-1889). Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec/Editora Unicamp, 1990.
- ASSIS, Machado. (1996). A Semana (1892-1893), introd. e notas de John Gledson, São Paulo: Hucitec.
- BARBOSA, Marialva. Os donos do Rio: imprensa, poder e público. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- CALHÃO, Antônio Ernani pedroso. *O elo perdido*: primeiro livro de poesias de Mato Grosso.
- Antônio Ernani Pedroso Calhão. 2ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa na história do Brasil/Maria Helena Rolim Capelato-São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena. —A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador". In. Prado, Maria Ligia Coelho e Villaça, Mariana (Org). História das Américas: fontes e abordagens historiográficas. São Paulo, 2015.
- CASTRILON-Mendes, Olga Maria. Fragmentos da história cultural de Cáceres e outros fios da memória. Volume I./Olga Maria Castrilon-Mendes (Org.); Natalino Ferreira Mendes. 1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini &Caniato Editorial, 2021.192 p.
- COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência, 1889/1930. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. IMPRENSA A SERVIÇO DO PROGRESSO. In: História da Imprensa no Brasil. Martins, Ana Luza. LUCA; Tania Regina de. Parte II: *Tempos Eufóricos da Imprensa Republicana*. Editora Contexto:São Paulo. 2ª edição, 2008, p.83.
- JUNIOR, Simões As. Estudos de literatura e imprensa [online]. São Paulo: Editora Unesp. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.
- LUCA, Tânia Regina de & MARTINS, Ana Luiza. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUSTOSA, Isabel. O nascimento da imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- MAHON, Eduardo. A literatura contemporânea em Mato Grosso. 1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

MARTINS, Ana Luiza. IMPRENSA EM TEMPOS DE IMPÉRIO. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013.p.63.

MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. Rodapé das miscelâneas. O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro:7 Letras, 2002.

NEDELL, Jeffrey. Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 71- 2.

RIZZINI, Carlos. O livro, o jornal e a tipografia no Brasil. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Porto Alegre, Kosmos/ Erick Eichner & Cia., 1946.

_____. Hipólito da Costa e o Correio Braziliense. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.

SERRA, Tania Rebelo Costa. Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870). Brasília: Ed. UNB, 1997.

SOARES, Nogueira Marcus Vinícius 2020-Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 34, n. 2 (2ª série), 7 out. 1855. Folhetim, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso: 23 fev. 2022.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

História, sociedade e cultura:

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. A Literatura Brasileira. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

BOTELHO, Denilson. A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2002, p. 100.

BOURDIEU, Pierre & CHARTIER, Roger. O sociólogo e o historiador. Tradução de Guilherme Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Tradução de Cássia da Silveira & Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. *Études critiques sur l'histoire littérature française*. 6ª ed.

Paris: Librairie Hachette, 1907.

CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 8ª edição São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

Publifolha 2000. p. 102.

CANDIDO, Antônio. Formação da Literatura brasileira. São Paulo, Martins, 2ª ed. rev., 1962.

CARLYLE, Thomas. Os heróis. 2ª ed. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro de meu tempo. Brasília: Senado Federal, 2003.

FRANCE, Anatole. L'île des Pingouins. Paris: Calmann Lévy, 1908.

_____. Monsieur Bergeret à Paris. Paris: Calmann Levy, 1900.

FIORDINI. O Rio elegante. In: FON-FON. Rio de Janeiro, ano II, nº 39, jan. de 1908.

FLOREAL. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, outubro de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano I, nº 2, novembro de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, novembro de 1907.

_____. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, dezembro de 1907.

MARTINS, Ana Luiza. IMPRENSA EM TEMPOS DE IMPÉRIO. In: Martins, Ana Luiza; Luca, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo. 2ª ed. 2013.

MOREL, Marco. OS PRIMEIROS PASSOS DA PALAVRA IMPRESSA. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. História da Imprensa no Brasil. Ed. Contexto. São Paulo, 2013.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: NEVES, M. de S.: Os cenários da república. O Brasil na virada do século XX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

Teses:

AZEVEDO, Neto Joachin. VIDA LITERÁRIA E DESENCANTOS: UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO INTELECTUAL DE LIMA BARRETO (1881-1922); Florianópolis, SC, 2015.

DIONISIO, Lorraine da Silva, Belle Époque, Escritores, Jornalismo e Mercado Editorial Brasileiro: Mudanças Tecnológicas, Políticas e Urbanas. 1880 – 1920. Uberlândia, 2019.

VICENTE, Bianca. A Revista Floreal e a trajetória de Lima Barreto na Imprensa Carioca da Primeira República/Bianca Jaqueline de Moraes Vicente. Guarulhos, 2019.